

Esta é a versão em html do arquivo <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/11120.pdf>.

G o o g l e cria automaticamente versões em texto de documentos à medida que vasculha a web.

Para criar um link para esta página ou armazenar referência a ela, use: <http://www.google.com/search?q=cache:vYpvdqyoB2wJ:teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/11120.pdf+Educar+para+a+conex%C3%A3o&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=2>

O Google não é associado aos autores desta página nem é responsável por seu conteúdo.

Os seguintes termos de pesquisa foram destacados: **educar conexão**

Page 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

EDUCAR PARA A CONEXÃO

Reflexões acerca de uma ecologia cognitiva

para promoção de saúde integral em espaços de aprender biologia

Por

Vera Lúcia de Souza e Silva

Tese apre

Universidade Fede

Catarina como req

para a obtenção do
Doutor em Engenh
Produção.

Orientador:

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr .

Florianópolis, maio de 2003.

Page 2

EDUCAR PARA A CONEXÃO

Reflexões acerca de uma ecologia cognitiva

para promoção de saúde integral em espaços de aprender biologia

Vera Lúcia de Souza e Silva

Área de Concentração:

Mídia e Conhecimento

Orientador:

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr .

Florianópolis, maio de 2003.

~

Dedicatória

que estão em busca de

Page 4

Agradecimentos

*Agradeço aos
que estão comigo há m*

sou grata por toda a

¹ Namaskár: (sânscrito) expressão que significa “o ser que habita em mim saúda o ser que habita em você, com a força do meu pensamento e o amor do meu coração”.

Resumo

SOUZA e SILVA, Vera Lúcia de. **Educar para a Conexão**: Reflexões acerca das dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva para a promoção da saúde

dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva para a promoção da saúde integral em espaços de aprender biologia. 2003. 190 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Educar para a **conexão** prevê que se trabalhe em sala de aula as dimensões de **conexão** do ser aprendente com ele mesmo, com o outro e com a natureza planetária e cósmica. Nesta concepção holística de **educar**, baseada no Paradigma Emergente de Ciência e Educação, o aprendente é conduzido a entrar em contato com os fundamentos de aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver para a promoção de saúde integral. Esse trabalho visa definir as dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva, que oportunize a **conexão** com o EU, com o Outro e com a Natureza para a promoção de saúde integral e avaliar uma prática pedagógica coerente com essas dimensões. Usamos a pesquisa participante como modalidade de pesquisa, em que fizemos a avaliação de uma prática pedagógica voltada a trabalhar a educação para a **conexão** em espaços de aprender biologia. Os dados coletados por meio de registros diários das aulas e dos processos de aprender foram interpretados por meio da hermenêutica e análise do discurso. Consideramos que as dimensões do **educar** para a **conexão** contemplam a sensibilização e a reflexão sobre os processos de autoconhecimento, de integração com o outro e com a natureza. As dimensões constitutivas de espaços de aprender voltados para a **conexão** são a corporeidade, a autopoiese e a transdisciplinaridade. Dessa forma percebemos que as aulas de biologia podem se transformar em espaços de promoção de saúde e bem estar de aprendentes e educadores.

Palavras-chave : corporeidade, ecologia cognitiva, educação integral, saúde integral e transdisciplinaridade

Abstract

SILVA, Vera Lúcia de Souza e. Educating to the connection: considerations about the constructive dimensions of a cognitive ecology to promote the integral health, in spaces of learning biology. 2003. 190 p. Thesis. (Doctor degree in Production Engineering) – Program of Post-Graduation in Production Engineering, UFSC, Florianópolis.

Educating to the connection forecasts working in the classroom the dimensions of connection from the learner being with him/herself, with the other and with the cosmic and planetary nature. In this holistic approach of educating, based on the Upcoming Paradigm of Science and Education, the learner is led to get in contact with the foundations of learning to know, to do, to be and to live for the promotion of the integral health. This research aims to define the constituting dimensions of a cognitive ecology, that makes way to a connection with the INNER SELF, with the other and with the Nature for a promotion of integral health and evaluate a coherent pedagogic practice with such dimensions. We used the participating research as the means of research, in which we made an evaluation of pedagogic practice directed to working education to the connection in spaces of learning biology. The data collected by means of daily class reports and learning processes were interpreted by means of hermeneutic and analysis of the speech. We considered that the dimensions of education for the connection contemplate the sensibilization and the reflection on processes of self-knowledge, of integration with the other and with the nature. The constituting dimensions of learning spaces directed to the connection are the embodiment, the autopoiesis and the transdisciplinarity. This way, we noticed that the biology classes can be made into spaces for promoting health and welfare

... the ecology of learning and the space for promoting learning and health
for learners and educators.

Key word : integral health, cognitive ecology, integral education, transdisciplinarity, and embodiment.

Sumário

Dedicatória9

Agradecimentos27

Resumo9

Abstract27

Sumário9

Capítulo 1 - Introdução.....9

 A pesquisadora e as motivações pelo tema.....9

 A pesquisa.....27

Capítulo 2 - Novos olhares sobre Paradigmas da Ciência para o entendimento de Nov

Paradigmas da Educação.....	
Capítulo 3 - Educar para a Conexão	
Capítulo 4 - Educar para o encontro com o Eu Interior.....	
Capítulo 5 - Educar para o encontro com o Outro.....	
Capítulo 6 - Educar para o Re-encontro: O Eu e a Natureza	
Capítulo 7 - Educar o Educador: conectar-se para o encontro.....	1
Capítulo 8 - Pesquisando a Conexão.....	1
Capítulo 9 - Considerações Finais.....	1
ANEXO 1- Instrumento utilizado para Avaliação da disciplina.....	1
ANEXO 2- Plano da disciplina Educação e Ecologia.....	1
ANEXO 3- Respiração diafragmática sentado	
ANEXO 4- Mensagem para Reflexão.....	1
ANEXO 5- Descrição do Seminário.....	1
ANEXO 6- Exemplos de algumas Vivências e Dinâmicas apresentadas no Seminário.1	
ANEXO 7- Descrição da Ilha das Cutias.....	1
ANEXO 8- Atividades realizadas na aula Passeio à Ilha das Cutias.....	1
Atividades de Sensibilização e de Integração	
Atividades Integradas sobre meio ambiente*	172
Encantos da Natureza	176
ANEXO 9- Depoimentos dos alunos	
Referências Bibliográficas	

*A consciência é uma: pesada na
c
floresce na árvore na
toma consciência de si mesma no
usufrui de si mesm*

(Jean Y

Page 9

Capítulo 1 - Introdução

A pesquisadora e as motivações pelo tema...

*“O nasciment
é igual ao nascimento de
tudo começa com u
Uma
depositad
E a semente do pensamento
Rubem A*

Escrever sobre o tema **educar** para a **conexão** nasce de um ato de amor pela educação e pelo sonho de ver sementes espalhadas por ventres férteis e plenos de esperança na humanidade. Também por acreditar que não somos seres humanos em busca da espiritualidade, mas seres espirituais ‘vestidos’ de humanos.

Desde criança, além de brincar de bonecas com as meninas, gostava de brincar de bola, pescar (apesar de sentir muito ‘dó’ das minhocas e dos peixes físgados) e tomar banho de riacho com meus irmãos mais velhos. Estes reclamavam, muitas vezes, de minhas intromissões em suas brincadeiras com os

moleques da rua lá de casa, por ser muito ‘criança’, segundo eles, para as brincadeiras dos mais “velhos”.

Além disso, apreciava me isolar e sentir a água gelada do riacho nos pés, a brisa de verão refrescando o suor de meu rosto, ouvir o canto suave dos sabiás anunciando a chegada da primavera; além de admirar a formação dos coelhos, gatos e figuras estranhas que apareciam no meio das nuvens no céu azulado, que mais tarde davam lugar à lua e às estrelas que acordavam do sono do dia, na escuridão da noite...Eu ficava estonteada diante de tanta beleza e me recolhia, ao mesmo tempo, a minha insignificância e força de criança alegre e faceira.

Outras vezes, em encontros de família, preferia ficar ‘ouvindo histórias dos mais velhos’ a ir brincar com a molecada. Minha mãe, minha avó e meus tios muitas vezes reclamavam: “*vá brincar menina, pare de ficar ouvindo conversa de gente grande...*” Minha bisavó, sabida como só, enquanto fazia a *polenta com galinha*, ou aquela *saborosa macarronada com galinha caipira* que só ela sabia preparar, permitia que eu me deliciasse com suas histórias do tempo da imigração da Itália

para o Brasil. Histórias de um tempo em que os sonhos e a esperança de **conexão** com a nova terra estavam muito presentes.

Eram histórias maravilhosas de dificuldades, emoções, sentimentos, apego e desapego, de **conexão** com um novo mundo, com uma nova história, desejo e necessidade de pertencer a algum lugar, que enchiam os olhos e o coração. Nascia ali o sentimento de pertença por tudo aquilo que me ligava à família, aos amigos, à

terra, à natureza, a mim mesma...

Aquelas histórias faziam parte da minha história e me faziam entender o quanto é importante o sentimento de **conexão** consigo mesmo para poder enfrentar as dificuldades que a vida nos apresenta. Deu-me a força de vontade para vencer contratempos e transpor obstáculos com que me deparo até hoje. É o *sangue de imigrante* que irriga meu corpo com o sentimento de que precisamos nos unir a outros para poder superar nossas próprias limitações. Traz-nos a necessidade de compartilhar com o outro e permitir conhecer-se através do encontro, porque sozinhos muitas vezes podemos ser mais velozes, mas acompanhados vamos mais longe...

Além disso, entendi muito cedo a ligação de meus antepassados com a natureza, berço e fiel colaboradora com a vida dura do campo, da roça, do convívio com a mãe natureza, que tudo doa sem pedir nada em troca. É o sentimento de pertença a um pedaço de chão, a um bocado de sementes, folhas, flores, riachos, perfume de flores e de terra molhada após a chuva, cheiro da estrebaria e à vista da geadas no telhado...E o céu azul celeste enuvado e estrelado que minha avó ensinou-me a apreciar em dias de inverno e noites de lua cheia, que me faziam refletir sobre as questões mais essenciais: quem sou? Para onde vou? De onde vim? O que vim fazer aqui?

Lembro-me de que estas perguntas eram o foco de muitas reflexões e estavam muito presentes nos seriados de TV do tipo Kung-Fu, a que eu assistia compenetrada, ouvindo as lições que o mestre passava a seus discípulos como se fossem para mim. Hoje, me vejo em minhas práticas de Tai Chi Chuan

² Tai Chi Chuan, conforme Despeux (1993, p.49), é uma modalidade de kung fu desenvolvida a partir do estudo do símbolo do *t'ai chi* e de suas aplicações. Durante a sua prática, a pessoa harmoniza o pequeno universo que é seu corpo, ao mesmo tempo em que se põe de acordo com a harmonia geral do universo.

resgatando um pouco da criança atenta que procura ouvir seus próprios sons e movimentos internos em sintonia com os sons do mestre maior, o Universo.

Isso pertence ao meu ser, está impregnado em minhas entranhas de criança faceira que corria nos pastos descalça, saboreava frutas silvestres quando tinha fome e tomava banho refrescante de riacho quando sentia o suor escorrer e o calor tomar conta. Criança que gostava de movimento e de repouso para aquietar-me de tanta agitação.

Tudo isto faz parte de mim...Quem vivenciou e teve infância semelhante, sente e sabe do que estou falando... Infelizmente, no mundo industrializado e urbanizado de hoje, muitas crianças não têm mais o privilégio de desfrutar a infância vestida de sensações, percepções, emoções, intuições e muita alegria!

Isto me faz recordar e vivenciar meu lado infantil e pensar nas crianças que não tiveram estas oportunidades mencionadas no poema *Impasse*, do catarinense Martinho Bruning (1985, p. 7):

*Como falar,
como escrever um poema
para quem não teve infância
(árvores, grilos, luar, "meus oito anos" ...)?
- e que mais precisa de poesia, e esperança!
Meus Deus, como chegamos a isso?
como desumanamente chegamos a isso?!*

As questões permanecem...A criança cresceu, mas não se esqueceu, permanece viva e pulsante como sempre, cada dia mais curiosa, mais ávida por sabedoria, por conectar-se consigo, com os outros e com a natureza. Mudou a forma de estruturar a busca às respostas, hoje mais acadêmica; mas permanecem a intensidade e o amor pelos segredos do conhecer! Acadêmica sim, mas com a

mesma pureza infantil de intenções, pois como diz o poeta e educador Rubem Alves (1994, p.77) “a única finalidade do saber adulto é permitir que a criança que mora em nós continue a brincar”. Hoje percebo que nos ambientes, nas pessoas e nas relações perpassam múltiplas interações, e estas interações podem favorecer a promoção da saúde nas pessoas envolvidas no processo de interação. Assim, os pais podem promover a saúde de seus filhos, assim como os professores podem fazê-lo ao interagir com seus alunos em sala de aula.

Devido a minha formação acadêmica em Biologia e mestrado em Educação, leciono no Ensino Superior em cursos das áreas de saúde e educação. Ministro

Page 12

cursos de atualização e formação permanente de professores. Por acreditar que educação e saúde estão intimamente ligadas, procuro promover saúde com a participação da educação, e educo considerando a saúde dos envolvidos no ato circular de aprender e ensinar. Desenvolvo trabalhos interligando saúde e educação, no sentido de promover a auto-realização de educadores e educandos na sala de aula como um ato de vida.

Tenho uma preocupação com a saúde da educação e com a educação para a saúde. Misto de sonhos, comprometimento e vontade de tornar o ato educativo em aulas que não se limitem a apenas um repassar ou construir conhecimentos, mas acima de tudo, uma preocupação em formar um ser humano integral, com saúde integral ³.

Percebe-se que a saúde de professores e alunos pode ser melhorada com a aplicação de metodologias, criação de ecologias cognitivas que promovam hábitos e

atitudes saudáveis a partir da concepção de **educar** corpo, mente e espírito dos seres humanos envolvidos no processo de aprender, em que tenhamos uma atenção voltada a **educar** para a **conexão** entre as ecologias individual, social e planetária.

Educar para a conexão: motivos...

Na escola, historicamente, tem-se trabalhado a saúde enquanto conteúdos específicos na disciplina de Ciências, na maior parte do tempo. Geralmente a saúde é tratada apenas como sinônimo de higiene, bons hábitos alimentares, ausência de vícios, prática de exercícios físicos, entre outros. Os livros didáticos restringem a saúde às noções básicas de preservação e manutenção do corpo físico. Há uma preocupação em enquadrar as pessoas em padrões de comportamento do tipo “receitas” para ser saudável, tal qual as regras básicas que muitas vezes lêem-se

³ **Saúde integral** concebida neste trabalho como um movimento dinâmico de **conexão** entre a essência do ser humano com ele mesmo, com o outro e com a natureza. Do ponto de vista do Paradigma Emergente, o ser humano saudável é aquele que está em equilíbrio dinâmico e bem-estar físico, mental e social, e em constante evolução, mutação, auto-organizando-se e em busca de transcendência e espiritualidade. Conforme Jean Yves Leloup *saúde plena, em que o espírito habita a psique e o corpo, e a essência se faz transparente na existência*. Leloup, na obra **Cuidar do Ser**- Filon e os Terapeutas de Alexandria revela a abordagem transdisciplinar que os terapeutas utilizavam para o alcance da saúde plena.

em manuais que visam a domesticação do corpo. Caso não sejam cumpridas, as receitas transformam-se em castigos que levam ao aparecimento de doenças

podem transformar-se em espaços que levam ao aparecimento de conexões.

No entanto, trabalhar questões de saúde integral dos educandos numa perspectiva holística nos remete a refletirmos sobre algo mais amplo e complexo do que as meras considerações de saúde física. É importante ressaltar a necessidade de visualizarmos a saúde como manifestação da totalidade do ser humano, em que as dimensões de *corpomentespírito* do ser humano são priorizadas e vivenciadas no estudo em sala de aula. Assim, as vivências de aprendizagem podem oportunizar e promover o desenvolvimento das emoções, da razão, dos sentimentos, da intuição e do sagrado dos alunos nos momentos de aprendizagem a partir da **conexão** do eu consigo mesmo, com o outro e com o meio para a promoção de estados de saúde integrais e bem estar dos educandos e dos educadores.

Muitas vezes a abordagem usada para tratar de questões de **educar** para a saúde tem sido uma abordagem mecanicista, que visa descrever o funcionamento do corpo e a promoção da saúde como uma máquina. Neste sentido, refletiremos sobre o papel de novos paradigmas que norteiam as discussões de uma concepção de saúde integral, em que se considere o ser humano como uma totalidade e como tal, a educação pode trabalhar com conceitos e atitudes promotoras de saúde integral, que levem em conta as relações de interdependência entre o pessoal, o social e o planetário.

Neste trabalho enfocamos a vida na perspectiva das múltiplas interações na dimensão auto-eco-organizativa ⁴. Tudo está inacabado e inconcluso. O ser humano está num constante devir, num vir a ser permanente na espiral da vida. Isto nos faz estar no processo de evolução planetário e universal. Este processo de evolução nos permite ser e estar no mundo em busca de **conexão**, de interação e de inter-relação com tudo que nos rodeia como forma de promovermos o nosso próprio desenvolvimento como seres cósmicos. Portanto, precisamos rever nossas bases conceituais sobre saúde em sala de aula, para que espaços de aprender transformem-se em espaços de promoção de evolução, enquanto resultado das múltiplas relações saudáveis do indivíduo com ele mesmo e com seu meio.

⁴ Auto-eco-organizativa no sentido de que a auto-organização (ou estruturação) do ser humano ocorre em relação

Auto-eco-organizaiva no sentido de que a auto-organização (re-estruturação) do ser humano ocorre em relação intrínseca com a organização do ambiente, em que o ser humano influencia a organização do meio e é influenciado pela organização do meio.

Definir o que é vida e o que é mundo torna-se cada vez mais complexo. Saímos do eu e estamos nos dirigindo para o cosmos para efetivarmos um retorno a nós mesmos, numa espiralidade de ida e volta do eu para o nós e para a natureza. As relações deixam de ser meras interações⁵ e passam a se apresentar conexões⁶.

Educar para a **conexão** nos remete a apontar alguns princípios de vida a serem abordados em espaços de aprender e que nos levem a promover a saúde integral dos seres humanos, pois vivemos à procura de harmonia, de paz e de integridade física e emocional em todos os cantos do planeta. Princípios de ação simples na nossa vida diária que poderíamos ensinar nas escolas, berço de uma verdadeira transformação social. Muito já foi dito e posto em prática na educação. Mas, é nosso papel renovarmos nossas atuações por uma escola mais humana, mais preocupada em complementar as partes de uma educação fragmentada que ainda separa, isola, exclui e desconecta os seres da totalidade, da dimensão humana e planetária do humano. Neste sentido, os educadores enquanto formadores de seres saudáveis merecem nossa atenção para a sua formação como seres saudáveis - um dos focos deste trabalho.

Trabalhar com os projetos de vida e de saúde de alunos nos remete à necessidade de trabalharmos inicialmente com a saúde de professores, pois como posso trabalhar com a saúde de alunos sem a efetiva conscientização desta

necessidade com os professores? É preciso termos consciência da necessidade de uma saúde pessoal, social e planetária para que a essência da saúde se manifeste na totalidade. É preciso **educar** os educadores para a **conexão**...

Por que é tão difícil nos encontrarmos conosco, com nossa essência harmoniosa, se este é o nosso desejo mais íntimo? Por que vivemos numa 'roda viva' de correr contra o relógio, trabalhar, estudar, agendar compromissos, assumir obrigações, dizer *sim* quando desejaríamos dizer *não*, estar num lugar querendo

⁵ Interação vista neste estudo como as relações mecanicistas entre os corpos, sem a dimensão energético-espiritual

⁶ Conexões (do latim: *connexione*) ligação, união. Considera-se **conexão** o processo de fundir-se energeticamente consigo mesmo, com as coisas que nos cercam, com o outro e a natureza. Abordadas como relação das partes com o todo e do todo com as partes, num movimento espiral de ir e vir no processo de evolução do ser considerando as dimensões individual, social e planetária do ser humano.

estar em outro, estar trabalhando e desejando as férias, estar com uma pessoa pensando na outra e uma crescente insatisfação permanente? Parece que permanecemos com o sentimento de vazio e incompletude constantemente.

Nossas vidas estão nos levando a um anseio de algo que no íntimo desconhecemos e ao mesmo tempo parece -nos tão familiar: a paz interior. E esta paz pode nos proporcionar a saúde integral, num movimento em que paz e saúde estejam se complementando, como se uma não existisse sem a outra, e como se paz e saúde integral fossem versões do mesmo ser, possibilidades de ser e do ser.

Assim, estudar dimensões que possam ser vivenciadas em sala de aula para a busca da **conexão**, pode nos dar a possibilidade de entendimento de um processo de educação voltado à busca de saúde integral dos seres humanos ocupados em encontrar caminhos para a paz individual, social e planetária. Talvez um tanto utópico, se considerarmos as situações de tantas guerras e desassossegos da humanidade. Mas, prefiro confiar em utopias a ser incrédula, pois acredito em idéias e ações, tal qual a busca de um chão pelas raízes profundas de uma árvore, ao mesmo tempo em que seus ramos buscam a luz do sol e o vento a soprar em suas folhas leves e soltas. Assim como a árvore, precisamos da firmeza de ações com os pés bem plantados na terra e a leveza de idéias utópicas a se elevarem aos céus. Pois acredito, como o padre ortodoxo Jean Yves Leloup (1996, p.23) que “a utopia não é o irrealizável, mas o irrealizado”.

Apresentarei algumas limitações da abordagem mecanicista, especialmente para lidar com aspectos fundamentais em educação e saúde, como sensibilidade, criatividade, intuição, emoção, transcendência e espiritualidade. Baseados em referenciais contemporâneos e tradicionais - especialmente na visão epistemológica da física quântica e da visão holística - mostrarei novas possibilidades de compreensão do processo de educação para a saúde integral ao **educar** integralmente o ser nas aulas de Biologia.

As motivações para a pesquisa da Educação para a **Conexão** têm relação com o que vivo, sinto e presencio nestes tempos de transição paradigmática que a humanidade atravessa. Atualmente, vivemos na pele o que significa a falta de **conexão**. O Paradigma mecanicista- *Newtoniano-Cartesiano*, que nos comparou a uma máquina, favoreceu muito este desligamento que vivemos.

Grandes avanços foram consequência do Paradigma Mecanicista, porém pagamos um preço muito alto pelos avanços, tais como a degradação de muitas relações com a vida no planeta. Vida esta entendida como a manifestação individual, social e planetária.

Desse modo, discutimos (2001, p.30) ⁷ sobre os paradoxos do Paradigma Mecanicista, presente em nossas vidas:

As descobertas nos campos da Ciência e da Tecnologia foram significativas, com vários benefícios à humanidade. Porém, o que se percebe é que há alguns prejuízos evidentes. Sabemos que o racionalismo científico e o mecanicismo fazem parte do nosso cotidiano, permeiam a maioria das nossas ações, mas colaboram para o surgimento de problemas ambientais, sociais, econômicos e culturais. E o que observamos é que as instituições de Ensino também são norteadas, em sua grande maioria, pelo Paradigma Newtoniano-Cartesiano.

Diante de novos cenários mundiais que se estabelecem, especialmente no Paradigma das Ciências e a intrínseca relação entre o modelo científico e os enfoques epistemológicos presentes nas atividades pedagógicas, é importante refletirmos sobre as implicações e consequências destas relações no estabelecimento de perspectivas de saúde e **conexão** que os seres humanos estão desenvolvendo atualmente.

É necessário, portanto, que nós, educadores, tenhamos consciência das implicações dessa nova concepção de natureza, de processos cognitivos, de vida e de Universo desvendados pela física quântica e pela visão holística. Assim, poderemos interagir, aprender e nos harmonizar ⁸ conosco, com o outro

⁷ SOUZA e SILVA, Vera L. de. **Estudo do Vivo**: saber, ser e viver na sala de aula. 2 ed. Blumenau: Nova Letra, 2001. Nesta obra, relato de minha dissertação de mestrado em Educação pela FURB, em que exponho concepções e reflexões acerca da prática educativa em sala de aula direcionada pelo Paradigma Emergente de

Educação, numa concepção holística de educação.

⁸ Consideramos harmonia nesse trabalho como ponto de referência em que a vida se processa como transformação contínua, pois vida é troca, metabolismo e auto-organização constante em meio ao caos e à ordem, num devir constante. Podemos comparar o movimento em busca de harmonia como o processo de opostos complementares, numa dinâmica intensa de momentos de Yin e Yang, feito o Tao- princípio fundamental. Não consideramos harmonia como estagnação, ao contrário, como manifestação do movimento de positivo e negativo, de repouso e ação, de masculino e feminino sempre considerados como um no outro, opostos que existem para se complementar. Enquanto houver movimento haverá possibilidade de aprendizado, evolução e de vida.

Page 17

natureza, numa tentativa de descobrir os ‘segredos’ do conhecimento dessa realidade pouco previsível que poderá ser, talvez, parcialmente revelada por nós.

Vivenciando a Problemática ...

Vivemos num mundo em que as diferentes tensões estão emergindo como a ponta de um iceberg que caminha em nossa direção em mar aberto. As escolas já não sabem mais como trabalhar as questões de violência e falta de ambiente favorável à aprendizagem. Professores e alunos cada vez mais estressados e desesperançados...Estamos vivendo um momento de conflitos interiores e exteriores...O que fazer? Como fazer? São perguntas que nos atormentam constantemente.

Convidamos o físico quântico Basarab Nicolescu (2001, p.141), que pesquisa a transdisciplinaridade, para nortear nossas reflexões acerca destas inquietações:

O advento de uma cultura transdisciplinar, que poderá contribuir para a eliminação das tensões que ameaçam a vida em nosso planeta, é

eliminação das tensões que ameaçam a vida em nosso planeta, é impossível sem um novo tipo de educação, que leve em conta *todas* as dimensões do ser humano.

As diferentes tensões - econômicas, culturais, espirituais – são inevitavelmente perpetuadas e aprofundadas por um sistema de educação baseado nos valores de outro século, cada vez mais defasado em relação às mutações contemporâneas. A guerra mais ou menos subterrânea das economias, das culturas e das civilizações faz com que a guerra quente brote por toda parte. No fundo, toda nossa vida individual e social é estruturada pela educação. A educação está no centro de nosso futuro. O futuro é estruturado pela educação que é dispensada no presente, aqui e agora.

Portanto, precisamos discutir novos olhares para problemas antigos, efetivar transformações em nossas instituições, em nossos corpos e em nossos corações. Somente a educação do presente poderá concretizar alterações profundas e significativas no futuro de nós todos.

Somos fruto de uma educação tradicional, que orientada pelo Paradigma Mecanicista norteia o processo educativo que prioriza atividades que desenvolvam a racionalidade desvinculada da intuição, da emoção e dos sentimentos do ser aprendente. Desta forma, na obra *Estudo do Vivo* (2001, p.31) em que discuto a orientação da educação sob o olhar do Paradigma Tradicional orientada por esse

paradigma, no sentido de promover a “produção em série”, assume várias características:

Enfatiza a repetição de conteúdos prontos, que são transmitidos como verdades absolutas e inabaláveis.

Concebe o aprender como um produto e não como processo.

As grades curriculares são limitantes e hierarquizam os conteúdos. Há pouco estímulo às discussões e à construção do conhecimento. As respostas são dadas, preferencialmente, de forma ‘pronta’, sem maiores reflexões e debates. A criatividade e a comunicação são pouco estimuladas. Dá ênfase exagerada à racionalidade, assim, evidentemente, as funções emocionais, estéticas e espirituais são menosprezadas no processo.

Neste contexto, o professor autoritariamente assume o papel do ‘dono da verdade’ e transmite o que sabe para aquele que nada ou pouco sabe. Isso é o que mais dificulta a relação professor-aluno. É essa arrogância do saber que leva o aluno a decorar conceitos isolados, descontextualizados e sem sentido para sua vida.

Além disso, há a fragmentação de conteúdos e a crença de separatividade que nos coloca numa situação de desconexão entre o ser individual, social e planetário.

Não está claro para os seres humanos a consciência de que a humanidade é um todo uno e inseparável. O que cria a sensação de fragmentação é o pensamento, por sua natureza analítica, fragmentária. Esse é o motivo de todo sofrimento da humanidade. O que está acontecendo é que cada um pensa que ele precisa fazer aquilo que ele quer fazer; realizar-se a si mesmo. Desse modo, ele se esforça em seu isolamento para alcançar a paz, obter segurança, e essa segurança e essa paz são totalmente negadas. A razão de elas serem negadas é porque não há separação, somos um todo inseparável. (KRISHNAMURTI, 1991).

A civilização tecnológica trouxe-nos infindáveis benefícios para a promoção da vida em vários aspectos: comodidade, avanços na área da saúde, ampliação da média de vida dos seres humanos, aumento na produção e conservação de alimentos, transportes mais velozes, comunicação mais eficiente, entre outros avanços. Paradoxalmente, a vida está ameaçada no planeta pela escassez dos recursos naturais e pela exacerbação do consumo. Consumo em todos os sentidos. Estamos consumindo o que o planeta nos oferece e nos consumindo a cada dia que passa. Devido a isto, sofremos e sabemos que “todo o sofrimento é causado pela

ilusão do isolamento, que gera o medo e o ódio de si mesmo, o qual, finalmente, causa a doença”, é o que defende a cientista e psicoterapeuta Bárbara Brennan em seu livro *Mãos de Luz* (1987, p.8). Que transformação é esta? Talvez uma transformação equivocada de mundo.

Não temos mais tempo... Priorizamos pouco tempo para ser. Tempo de parar, respirar, contemplar as conquistas, voltar a atenção para nós mesmos; nem para os filhos, nossos filhos e os filhos da Terra...Corremos para todos os lados o tempo todo e não sabemos mais para que lado ir! Estamos em pânico, pânico por conta do medo. Uns com medo de morrer de fome e outros com medo dos que estão com fome. Medo de que a Terra não suporte nossas barbáries. Medo de que a vida não se sustente, e nós, junto a ela, desapareçamos por completo.

Assim sendo, qual o futuro da humanidade? A julgar pelo que se observa, ela está a caminho da destruição. Bastante sombrio, assustador e perigoso. Se alguém tiver filhos, qual será o futuro deles? Adaptar-se a tudo isso? E passar por toda essa miséria. Desse modo, a educação torna-se extremamente importante. Mas, hoje, a educação é um mero acúmulo de conhecimentos.

(Krishn

Falta-nos explorar, em espaços de aprender, a sutileza dos sentimentos, de apostar na capacidade que temos de conviver, de amar e de cultivar a vida. Estamos muito ocupados em estudar conteúdos, aprender a calcular, aprender a decorar ‘macetes’ para o vestibular e menosprezamos a nossa necessidade de aprender a ser mais humanos, a nos espiritualizarmos para podermos sobreviver como espécie,

para promovermos vida com qualidade e essência. Priorizamos o material, o perceptível, o tangível, o real em detrimento do sutil, do imaterial, do invisível, do essencial. Exploramos pouco nossas dimensões mais sutis ao enfatizar o material, o racional, o palpável aos nossos sentidos.

A escola torna-se incompleta em sua tarefa de **educar** para a **conexão**, já que lhe falta elementos que aperfeiçoem seu papel de promotora de ser integral, pois

Carlos E. M. Guerra denuncia que:

Na escola estudamos o que é visível: os rios, o cálculo, as células. E a invisível bondade? Qual disciplina trata da bondade? Em qual disciplina aprendemos a aprender? Em qual disciplina aprendemos a nos relacionar com a família, os amigos, a namorada (ou o namorado)? Em qual disciplina aprendemos a conhecer nosso corpo, respirar, relaxar as tensões, conversar com paciência, falar em público? Aprendemos conteúdos atrás de conteúdos, mas não aprendemos a viver. Justamente porque aprender a

Page 20

viver envolve conhecer o invisível, o imaterial, o sutil. Envolve perceber que cada ação de corpo, fala e mente é capaz de modificar nossa experiência de realidade.

(Guerr

Cabe repensar e reorientar a educação para a **conexão**. **Educar** para o entendimento de que há saídas possíveis para o processo em que nos colocamos como humanidade. Somos seres de possibilidades! Basta acreditar e agir para que a situação mundial dê um verdadeiro salto, um salto quântico em direção ao centramento, à serenidade, à simplicidade, à incorporação de novos valores de comunhão em vez de consumação. Isto passa pela educação voltada para a totalidade e para a parte de cada ser humano, ao considerarmos que este ser humano pode dialogar e conviver harmoniosamente consigo, com seus pares e com

o planeta. Compete à educação reavaliar e dar novos rumos à humanidade quanto à procura de novos sentidos de vida para uma vida com mais sentido...

Hoje, temos dificuldade em perceber a verdadeira inter-relação existente entre o ser humano, os outros seres e a natureza. Somos educados para entender estas relações baseadas no nível racional; no entanto, nos níveis emocionais e espirituais elas são pouco vivenciadas. Racionalmente, sabemos como deveríamos nos comportar diante de outros seres. Aprendemos isso muito bem nas “cartilhas”, mas não colocamos em prática. Todos sabemos as regras básicas de sobrevivência individual, coletiva e planetária, mas pouco praticamos como coletividade. Existem ótimas ações isoladas, porém falta-nos o senso do coletivo. Somos verdadeiros gênios racionais, mas analfabetos emocionais...

Assim, falta-nos o essencial: aprender a amar. Viajamos nas palavras sábias de Roberto Crema que nos conclama a amar, pois precisamos aprender a amar para nos curarmos em essência

Estamos aqui hoje porque não sabemos amar. Falamos, muito inseqüentemente, que amamos. No que me toca, estou aqui porque não sei amar plenamente. E aprendemos a amar através do encontro. Tenho aprendido que ninguém cura ninguém sozinho. Curamo-nos no encontro, se houver encontro. É através do encontro que ocorre alguma alquimia transformacional, o encontro com o próprio ser, com o outro, com a natureza, com o Mistério Inefável.

(Cre

Nesta sociedade que supervaloriza o corpo e a razão, a noção de saúde/doença também é afetada, vistos como conceitos estanques: uma é a

ausência da outra. O ser humano, a natureza e a sociedade são vistos de maneira estática. Não há movimento de ir e vir de um para o outro, as relações também são vistas como simples ligações. Daí a idéia de falar em saúde como ausência de doença. Porém, o processo saúde/doença ultrapassa as fronteiras do biológico, do social e do cultural, englobando o emocional, o psicológico, o espiritual e o energético. Além disso, a relação saúde/doença numa perspectiva mais ampla, é compreendida como um processo contínuo, em que os dois aspectos se alternam constantemente, não existindo como pólos absolutos, mas como facetas complementares, pois a presença de um não significa a ausência do outro.

Neste contexto materialista, mecanicista, a saúde do ser humano, aluno e professor, é afetada. Entendemos por saúde a completa harmonia em que o indivíduo vive. Assim, neste trabalho, convergimos para o conceito de saúde defendido por Serge King (in CARLSON, 1997, p.45): “chamemos a saúde de “estado de energia harmoniosa” e a cura de “harmonização e energização”. Nas escolas, estamos longe de ensinar o verdadeiro estado pleno de harmonização e energização.

Pensamos saúde de forma ainda fragmentada, apenas em termos de nos alimentarmos corretamente, de cumprirmos satisfatórias horas de sono, higienizarmos bem o corpo e o ambiente, de formas e mecanismos de nos livrarmos de agentes externos e internos causadores de alguma disfunção biológica ao nosso ser. Portanto, a dimensão energética quase sempre é esquecida ou relegada a segundo plano nas discussões. Isto porque, na maioria das vezes, o conceito de saúde ainda está restrito à busca de manutenção de um estado corporal ligado a fatores bio-psico-sociais apenas. Nossa preocupação vai além desta concepção. Estamos voltados para a condição de saúde manifestada como a integração(**conexão**) energética harmoniosa do ser com ele mesmo, com o outro-nas suas relações com outros seres humanos- e com a natureza planetária e cósmica.

Assim, o educador passa a assumir o papel de terapeuta, no sentido de ser auxiliador do processo de **conexão** dos seres humanos. promotores do estado de

...minimizar os processos de conexão dos seres humanos, promover o estado de energia harmoniosa em si mesmos e nos seus educandos, para que em algum momento se instale a Paz em seus corpos.

Isso nos remete a refletir com o psicoterapeuta transpessoal e educador Pierre Weil (1990, p. 41) acerca da arte de viver em paz por professores:

Page 22

Para que um professor possa transmitir a arte de viver em paz a outras pessoas, sejam crianças, adolescentes ou adultos, é necessário que preencha uma condição essencial: ser ele mesmo um exemplo de tudo que transmite. Pode-se dizer que a simples presença do mestre, pela irradiação de um conjunto de qualidades como afeição, docura, paciência, abertura às necessidades mais profundas do outro, capacidade de se colocar no lugar daquele que sofre, dispensaria toda espécie de ensinamento. A questão é saber onde encontrar um educador com tais características. Se eles são raros, como parece ser o caso atual, nosso problema passa a ser formá-los e prepará-los.

Neste sentido, acreditamos que os educadores transformem-se em verdadeiros terapeutas de seus alunos.

Assim, poderíamos nos colocar na posição de educadores da totalidade, ao promover vivências de aprendizagem que priorizem corpo, mente e espírito, na sala de aula, ao desenvolver os aspectos sadios de nossos educandos. Em que o aprendente seja visto como um ser multidimensional, posto que emoções, sentimentos, intuição, razão e espiritualidade sejam contemplados nos espaços de aprender.

Talvez assim, poderíamos nos tornar educadores-terapeutas na orientação de vida de nossos alunos e na promoção da saúde integral, tal como a missão dos terapeutas do deserto, os Terapeutas de Alexandria, como declara Roberto Crema

(in Leloup,1998, p.11)

A tarefa primordial para os Terapeutas era cuidar, já que é a Natureza quem cura. Antes de tudo, cuidar do que não é doente em nós, do Ser, do Sopro que nos habita e inspira. Também cuidar do corpo, templo do Espírito, cuidar do desejo, reorientando-o para o essencial; cuidar do imaginal, das grandes imagens arquetípicas que estruturam a nossa consciência e cuidar do outro, o serviço à comunidade, implicando o próprio centramento no Ser. Nesta tradição, o templo era também hospital e escola, um jardim para o cultivo e pleno florescimento do ser humano”, sacerdote da criação”, ponto de encontro do universo consigo mesmo. Ao mesmo tempo sacerdotes, médicos, psicólogos e educadores, os Terapeutas de Alexandria constituem, para os pós-modernos, uma admirável referência histórica, inspiradora de uma abordagem transdisciplinar-holística, aplicada ao campo da saúde integral.

Disso resulta que, ao envolver os aprendentes com nossa energia e entusiasmo, contribuimos para estimular-lhes a própria energia, de forma que as barreiras ao livre fluxo são dissolvidas no irromper revigorado da corrente, da mesma maneira que recarregamos nosso corpo ao contato com a natureza, com o ar, a água, os alimentos. Contudo, o educador necessita orientar os aprendentes a se revigorarem por conta própria, e a manterem esta energização em movimento

Page 23

para que o processo continue depois que o orientador sair de cena. Assim, fica evidente o papel da formação humana integral, conforme postula o educador Carlos G.M. Guerra (2001, p.109), para quem “uma educação autêntica deve contribuir para o (re) conhecimento de nosso próprio corpo, de nossas emoções, de nossos modos de pensar; deve estimular o desenvolvimento não só de habilidades cognitivas, mas também da sensibilidade, da intuição, da empatia, do autoconhecimento”.

Diante do quadro de uma educação pouco preocupada com a formação integral e com insuficiente destaque na promoção da saúde integral dos seres humanos, nossa inquietação aumenta na proporção das necessidades urgentes do planeta, na acepção de ampliar os horizontes da educação e da formação de uma humanidade mais harmonizada e mais conectada em si mesma, com razoáveis relacionamentos com o outro, e atrelada energeticamente com a natureza planetária e cósmica, `a procura do centramento fundamentado nas balizas da Paz e do Amor. Como atuar em sala de aula, e baseados em que pressupostos poderemos agir para a promoção da saúde integral dos agentes do aprender em espaços de aprender Estas são dúvidas e incertezas que nos levam à pesquisa e reflexão constantes.

Estas inquietações se fazem presentes na **questão problema** que norteia esse trabalho:

Quais as dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva que eduque para a promoção de saúde integral do ser humano em espaços de aprender biologia?

Essa pesquisa objetiva definir as dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva que oportunize a **conexão** com o EU, com o Outro e com a Natureza para a promoção de saúde integral em espaços de aprender biologia.

A fim de alcançar o **objetivo** maior dessa pesquisa, procuramos:

⁹ *Espaços de aprender* considerados neste trabalho como locais em que se processa o aprender, com seres humanos de todas as idades e em todos os níveis de ensino: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, graduação, pós-graduação e cursos de extensão, entre outros.

- Apontar necessidades educacionais emergentes na formação do ser humano integral. ¹⁰
- Refletir a respeito das necessidades educacionais emergentes na formação do ser humano integral.
- Definir as dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva que possam colaborar para a promoção de saúde integral em espaços de aprender biologia.
- Sugerir e apontar caminhos para a educação e saúde integrais do ser humano baseado na **conexão** do ser consigo, com o outro e com a natureza.
- Avaliar uma prática pedagógica que considere as dimensões constitutivas de ecologia cognitiva de **educar** para a **conexão** em espaços de aprender biologia.

Ao educarmos para a promoção da saúde integral presumimos que o educando se perceba como um ser responsável pelo seu bem estar corporal, mental e espiritual. Pretendemos colocar o aluno em contato com práticas e vivências em espaços de aprender que evidenciem a importância dos cuidados com seu corpo, no sentido de muitos aspectos de sua corporeidade. Além disso, os momentos de aprendizagem terão a preocupação com o estabelecimento de cuidar e desenvolver seus sentimentos em sala de aula, ao cuidar da mente.

De tal modo, a sala de aula pode ser espaço propício para revelação e expressão de sentimentos, emoções e, principalmente, a aceitação de que sentimentos e emoções fazem parte de *ser* humano. Assim, evitando a negação do que somos e aceitando o que estamos sentindo, poderemos ser mais autênticos,

num entendimento de nós mesmos como um todo composto de várias facetas do ser que pode aprender a administrar seus desejos e frustrações. Poderemos então, partir para o entendimento mais profundo de nós, com nossas potencialidades e limitações, e com condições de aceitar o outro e colaborar para uma evolução conjunta, universalista, harmônica da humanidade.

¹⁰ *Ser humano integral* entendido como o ser composto pela dimensão física, emocional, intuitiva, mental e espiritual.

Neste contexto de saúde integral, inclui-se a dimensão da espiritualidade. Esta pode participar do cotidiano da escola, como uma busca de transcendência, de liberdade de ser e estar no mundo e de religação com a essência divina de cada um. A busca da saúde integral a partir da sala de aula prevê que se efetivem encontros e descobertas sobre os vários aspectos da elaboração do ser humano, para que se concretize a dimensão sagrada ¹¹ do ser.

Implica que o aprendente vivencie situações de aprendizagem que despertem para o entendimento da importância do contato consigo mesmo, na tentativa de interação do ser com ele mesmo, com seu Eu interior, na direção de superar a falácia da fragmentação e a separação. Talvez assim, possamos iniciar um novo olhar sobre a nossa verdadeira condição de seres inteiros e interconectados, pois a sensação de fragmentação desaparece ao nos encontrarmos com nossa essência.

Isso nos levaria a uma nova situação de universalismo, de congregação, de

irmandade com todos e com tudo, uma verdadeira conspiração, é o que prevê Marilyn Ferguson em seu livro *Conspiração Aquariana* (1980). Este encontro provavelmente irá despertar a percepção de que:

o eu separado é uma ilusão. (...) O eu é um campo dentro de campos maiores. Quando o eu se une ao Eu, há poder. A irmandade domina o indivíduo como um exército... não os laços obrigatórios de família, nação, igreja, mas uma vívida e pulsante ligação, (...) uma fusão espiritual. A descoberta transforma estranhos em parentes e passamos a conhecer um novo e amistoso Universo. Há novos significados para palavras como “amizade” e “comunidade”. “Amor” pode aparecer no vocabulário com crescente frequência; em toda a sua ambigüidade, com suas conotações de sentimentalismo, palavra alguma se aproxima melhor desse novo sentido de desvelo e ligação. Emerge uma nova e diferente consciência social (...).

(Fergu

Educar integralmente o indivíduo prevê que se trabalhe as seguintes dimensões do ser humano: sensibilidade, criatividade, intuição, emoção, transcendência e sagrado. Concebemos que o visível explorado nos conteúdos do currículo seja complementado com o invisível, o imaterial, o sutil: tais como a solidariedade, a beleza, o amor, a bondade, a ética e o respeito por tudo e por todos.

¹¹ A dimensão *sagrada* compreendida aqui como a re-ligação do ser com ele mesmo e com sua essência divina, presente em seu íntimo, em sua profundidade como manifestação do Universo, de Deus. Experiência do ser humano ligar-se ao cosmo, que dá sentido à vida.

Para que a **conexão** se estabeleça completamente é necessário

oportunistarmos situações de aprender que promovam a conexão com a natureza

oportunizamos situações de aprender que promovam a **conexão** com a natureza planetária e cósmica. Conectar-se com a natureza prevê que estejamos em contato energético com o meio ambiente. Além do conhecimento das relações intrínsecas que se estabelecem entre seres vivos e o meio ambiente natural e todo o conhecimento do que é e como se processa a vida, é necessário que o ser humano seja colocado em contato amoroso, espiritual, energético e total com a vida. Isso passa pelo intuitivo, emocional e espiritual tanto quanto pelo racional...

Quando ele vivenciar a vida dentro dele, no pulsar de energia que vem de seu coração sincronizado com o pulsar da mãe Terra, com as ondas do mar, com a chuva, com o vento acariciando sua pele, com o brilho das estrelas refletidos em seu olhar, com a lua cheia hipnotizando o seu suspirar e com a mão de Deus orientando seu caminhar... Somente então ele poderá sentir-se conectado e em estado de saúde integral.

Creemos que a estruturação de uma ecologia cognitiva que proporcione saúde integral possa se basear em dimensões de conhecimento (auto e hetero), autopoiese, corporeidade e integração do ser com ele mesmo, com o outro e com a natureza. Nesta concepção, consideramos que a energia mais poderosa presente nas relações e que serve de “cimento” para estabelecer as conexões seja o amor, e como tal ele “... é o rosto e o corpo do Universo. É o tecido conectivo do universo, o material de que somos feitos. O amor é a experiência de ser total e ligado à Divindade Universal”, declara Brennan (1987, p.8)

Desse modo, a **conexão** entre os três constituintes do processo: o ser humano, o outro e a natureza realizar-se-á com a energia do amor e da compaixão ao considerar a busca da dimensão sagrada do ser.

Para melhor refletirmos sobre nossa prática pedagógica voltada para a **conexão**, esta pesquisa enfoca as seguintes categorias de análise da ecologia cognitiva promovida nas aulas: morfogênese do conhecimento, corporeidade, equilíbrio entre razão e sensibilidade, **educar** para a **conexão** com o eu interior, com o outro e com a natureza.

A pesquisa...

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, enquanto forma de abordagem do problema, consideramos o vínculo estreito e indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do ser pesquisado, difícil de ser traduzido em números. Assim, definimos nosso trabalho com a metodologia triangular, em que cruzamos informações de diversas fontes de pesquisa: documental - de acordo com a bibliografia consultada, entrevistas - com os depoimentos de pessoas envolvidas na pesquisa e observação do cotidiano dos alunos entrevistados em espaços de aprender biologia.

Abordamos os procedimentos técnicos de pesquisa citados anteriormente com objetivo de relacionar dados e discussões calcadas em reflexões de nossa experiência como educadora e formadora de opinião de acadêmicos de cursos de graduação e pós graduação das áreas de saúde e educação, ao dialogar com autores que estudam e discutem idéias apresentadas sobre saúde integral e educação para a **conexão**. Além disso, refletimos nossa práxis nos depoimentos dos alunos envolvidos em processos de aprender que possam promover saúde integral.

Assim sendo, metodologicamente temos diversos momentos de pesquisa interconectados para o levantamento do material de análise-reflexão-síntese deste trabalho, envolvendo cerca de 50 alunos entrevistados e observados durante as

aulas do curso de pós-graduação em Gestão educacional e Formação Pedagógica da disciplina de Educação e Ecologia, na FEHH ¹².

As aulas foram filmadas e registradas em fitas cassete. Também foi feito registro em um diário de atividades e de pronunciamentos dos alunos para posteriormente serem avaliados. A ficha de avaliação dos momentos de aprendizagem, que está no anexo 1, abordou vários aspectos das aulas, tais como: metodologia, dimensões educativas, relação professor aluno, conteúdos, momentos de convivência e avaliação da disciplina. Para a avaliação dos materiais de pesquisa utilizamos a hermenêutica e análise de discurso, tendo em vista as dimensões constitutivas de espaços de aprender para a **conexão**. Dentre os vários aspectos abordados nesse trabalho de **educar** para a **conexão**, as categorias de análise selecionadas foram a corporeidade, a morfogênese do conhecimento, presença de

¹² Fundação Educacional Hansa Hammonia- Ibirama - SC

razão e sensibilidade nas aulas, **conexão** com o eu interior, **conexão** com o outro e **conexão** com a natureza.

Os procedimentos metodológicos principais basearam-se na pesquisa participante. Recorrendo aos estudos de ENGERS (1994), essa se configura como um processo que se fortalece na relação teoria-prática (e vice-versa) e é nessa relação que se enfatiza a importância de uma metodologia fundamentalmente dialógica e dialética, comprometida com o processo de transformação. Pesquisa essa, que se desenvolveu a partir da interação entre pesquisadora e alunos,

membros das situações investigadas.

A pesquisa-ação, dentre suas possibilidades de intervenção, vai ao encontro de um dos pressupostos desta pesquisa: **educar** os educadores para a **conexão**. Pois, grande parte dos alunos pesquisados já atuam como professores e poderão a partir da pesquisa encontrar subsídios para a auto-organização do seu conhecer, fazer, conviver e ser no processo de promoção de saúde e educação integral.

Outro aspecto levantado por GAJARDO (1986) define como característica da pesquisa participante experiências que procuram conhecer, transformando os grupos pesquisados, na medida em que vão se conhecendo, interagindo, analisando e renovando seus conhecimentos (auto e hetero), tornando suas relações sociais mais equitativas e justas. Afirma ainda a autora que é de fundamental importância o saber e o conhecimento, pois são elementos essenciais para os grupos diante da "utilidade que devem ter os processos de pesquisa para a mobilização de grupos e comunidades na solução de seus problemas, e a necessidade de que a produção de conhecimento seja assumida como uma tarefa coletiva." (Gajardo, 1986, p. 46)

Assim, pressupomos que os envolvidos nessa pesquisa auto-organizem-se enquanto aprendentes, aprendendo a conectar-se consigo mesmo, com o outro e com a natureza planetária e cósmica a fim de aprenderem a se tornar seres humanos mais saudáveis.

Capítulo 2 - Novos olhares sobre Paradigmas da Ciência para o entendimento de Novos Paradigmas da Educação

Um princípio que sem

não nos dá

(Marilyn Ferguson)

Neste capítulo situaremos o leitor nas bases fundantes de uma Educação voltada à (trans) formação do ser humano num ser integral, calcadas no Paradigma Emergente, sustentado pelas idéias emergentes do Paradigma Emergente

Paradigma Emergente

Necessário esclarecermos a concepção de Paradigma e Mudanças Paradigmáticas que adotaremos neste texto. Referenciamos aqui os estudos de Tomas Khun(1962), publicados na obra *Estruturas das Revoluções Científicas*, que nos ajuda a entender como emerge uma nova perspectiva, além de esclarecer como e por que a tais novas opiniões por vezes se opõem certa resistência durante algum tempo. Segundo o autor, Paradigma é uma estrutura de pensamento, utilizado como esquema para a compreensão e a explicação da realidade. Embora Kuhn tenha feito referência a paradigma da Ciência, utiliza-se o termo para paradigmas educacionais, no planejamento, na medicina, na administração, entre outros.

Para podermos fazer um estudo acerca das bases fundantes da educação integral, necessitamos referenciar estudos a respeito do Paradigma Emergente.

¹³ Na literatura que trata de “novos paradigmas”, ou “paradigma emergente”, podemos encontrar inúmeras denominações para essas novas abordagens, como Holístico, Ecológico ou Sistêmico. Podemos considerar as diferenças em termos de denominação, mas a essência nos parece semelhante em todos: questionar e propor novas abordagens relacionadas ao mecanicismo, à fragmentação de conceituações e visão da vida e do ser humano. Além disso, questionar a linearidade e o rigor científico na busca de respostas e de verdades na elaboração do conhecimento e propor abordagens mais integrativas e complementares incluindo razão e emoção nos processos de cognição.

Page 30

Localizamos nossa reflexão num mapa de conceitos essenciais de vários autores da atualidade e suas sínteses, que apesar de serem diferentes, apontam para convergências em seus estudos. Usaremos como referência vários pesquisadores, tais como: Albert Einstein, Bárbara Brennan, David Bohm, Edgar Morin, Khrisnamurti, Francisco Varela, Fritjof Capra, Hugo Assmann, Humberto Maturana, Ilya Prigogine, Jean Yves Leloup, Leonardo Boff, Paulo Freire, Pierre Weil, Roberto Crema, Rubem Alves, Ubiratan D' Ambrosio, entre outros.

Iniciaremos com os estudos de Albert Einstein, que no começo do século XX demonstrou que massa é energia, que energia possui massa e que não existe uma distinção segura entre energia e matéria. Isto fez com que muitas afirmações apoiadas nos pressupostos do mundo cartesiano e da mecânica newtoniana fossem transformadas. Iniciamos, assim, uma conversa com o mundo de forma a perceber que “o nosso velho mundo de sólidos objetos concretos está rodeado e impregnado de um mundo fluido de energia radiante, em constante mutação, como o oceano.”, declara Brennan (1987, p. 39).

O mundo passou a ser concebido em termos de movimento, de fluxo de energia e processos de mudanças, revelando assim a natureza dinâmica e mutante da matéria. O universo passou a ser composto de espaço e energia considerados indissociáveis, o que alterou profundamente a estrutura da matéria, criando uma nova ordem material onde orgânico e inorgânico não mais se separam, a partir da compreensão do universo como totalidade indivisível em movimento fluente. Trata-se de um mundo dinâmico, constituído de uma grande teia de relações e de interconexões, tanto na dimensão cósmica quanto na dinâmica social.

A Teoria da Relatividade e a Física Quântica estabeleceram novas e mais completas tentativas de compreender as leis do universo e explicar a nossa relação com a natureza e com a própria vida, ao oferecerem uma compreensão radicalmente nova nos vários aspectos da vida. Além disso, procuram esclarecer como o ser humano constrói o conhecimento, as interações energéticas que ocorrem entre o meio e o pensamento e, assim, procura resgatar a visão de contexto, ao revelar que os indivíduos são o que são a partir de suas conexões e suas relações com a totalidade de fenômenos de seu entorno.

Ponderando estas premissas, prevê-se que a educação considere o contexto, as realidades múltiplas e as várias relações entre os indivíduos e sua história de

vida, além de promover o respeito às diferenças, à diversidade entre os seres, às variações culturais e aos diferentes processos de desenvolvimento humano. Isso implica ainda que sejam avaliados outros aspectos importantes de desenvolvimento do **educar**, tais como a participação efetiva do educando na sua *aprendência*

enquanto processo de aprender e não apenas um momento estático de elaborar conhecimento. Resgata-se, assim, o significado de eterno aprender com as experiências de aprendizagem constantes de vida e de vir-a-ser na arte de viver.

Consideram-se, ainda, os pilares de uma educação voltada para as conexões e inter-relações entre os vários aspectos da inteligência humana, ampliando a nossa compreensão do Todo ao conceber que os sistemas são totalidades integradas que não podem apenas ser entendidas pela análise, mas pelo entrelaçamento de momentos de análise e síntese. Lançam-se, então, novas bases conceituais ao esclarecer a existência de teorias transitórias e da presença da criatividade nos processos naturais e da importância de nossa re-ligação com a natureza planetária e cósmica para a própria sobrevivência da humanidade. Em contrapartida, que mudanças educacionais deveriam acontecer para sermos mais coerentes com este novo modelo de Ciência?

Interconexões de Matéria: partícula ou onda?

A física quântica refutou a idéia de que todos os fenômenos físicos poderiam ser reduzidos às propriedades das partículas da matéria que era rígida e sólida, afirmando que os objetos materiais sólidos da Física clássica se dissolvem, no nível subatômico, em padrões de probabilidades semelhantes a ondas. Além do mais, esses padrões não representam probabilidades de coisas, mas sim, probabilidades de interconexões. As partículas sub-atômicas não são “coisas”, mas interconexões entre coisas, que estão em constante interconexões.

¹⁴ **Aprendência:** trata-se de um neologismo, termo cunhado pelo educador Hugo Assmann em sua obra *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*, da Editora Vozes, 1998. Refere-se ao processo de experiência de aprendizagem. O termo pretende frisar o caráter de processo e personalização que está semanticamente embutido na terminologia disponível em outros idiomas, que traduz melhor o estado de *estar-em-processo-de-aprender*, esta função do ato de aprender que constrói e se constrói, e seu estatuto de ato existencial que caracteriza efetivamente o ato de aprender, indissociável da dinâmica do vivo.

Esta interdependência de todos os seres fica clara nas declarações de S.S. o XIV Dalai Lama, em seu livro *Ética para novo Milênio* (2000, p.52):

Quando constatamos que tudo aquilo que percebemos e experimentamos é o resultado de uma série indefinida de causas e condições correlacionadas, toda a nossa perspectiva muda. Começamos a ver que o universo em que habitamos pode ser compreendido como um organismo vivo em que cada célula trabalha em cooperação equilibrada com cada uma das outras células para manter o todo. Se apenas uma dessas células é prejudicada, como acontece quando há o ataque de uma doença, esse equilíbrio é afetado e o todo passa a correr perigo. Esse raciocínio, por sua vez, sugere que nosso bem-estar pessoal está intimamente ligado não só ao bem-estar dos outros como ao ambiente em que vivemos. Também se torna evidente que nossas ações, feitos, palavras e idéias, por mais insignificantes ou irrelevantes que possam parecer, têm uma implicação não apenas para nós mesmos como também para as outras pessoas.

Portanto, o universo se parece mais com uma teia dinâmica de modelos inseparáveis de energia do que com algo físico, material, sólido. Assim sendo, não estamos lidando com “coisas” isoladas, mas sempre com interconexões, pois os sistemas são totalidades integradas que não podem apenas ser entendidas pela análise, mas pela complementaridade de suas partes numa síntese constante. Deste modo, o mundo atômico, invisível e sutil interfere no nosso mundo cotidiano, visível e material. Como poderíamos nos ver enquanto educadores neste mundo de interconexões, em que o invisível interfere notavelmente no mundo visível? Qual seria o nosso papel como educadores relacionais, promotores de conexões?

É desta maneira que a Física quântica nos mostra que não podemos dividir, segmentar, fragmentar o mundo e os organismos do mundo para estudá-los independentemente, pois dessa forma perderemos a essência da teia de relações

entre as várias partes desse todo, que é a natureza da vida. Nessa teia não há hierarquias, somente nós que se interligam em outros nós, que ao serem amplificados aparecem, eles mesmos, como uma rede. Assim, percebemos que não há hierarquias para explicar a natureza da vida. A teia da vida consiste em redes dentro de redes. Nenhum aspecto pode ser considerado isoladamente, mas como integrante de uma totalidade maior em que todos os aspectos são intrinsecamente interligados, como se expressou um dos fundadores da física quântica, Werner Heisenberg (*apud* Capra, 1996, p. 41): “o mundo aparece assim como um complicado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes tipos se alternam, se sobrepõem ou se combinam e, por meio disso, determinam a textura do todo”.

Page 33

Nesse sentido, fica difícil verificar as propriedades do todo a partir das partes, conforme defendia a Física clássica, visto que é o todo que determina as propriedades das partes como afirma a Física quântica. De uma visão de mundo fragmentada, uma coleção de coisas separadas, o mundo passou a ser compreendido como uma rede de relações, um universo relacional, em constante holomovimento, em transformação permanente, em que nada é definitivo e tudo é apenas provável.

Essa transformação constante da matéria é objeto de estudo da física quântica, que conseguiu mostrar experimentalmente que:

As experiências, de fato, revelaram a completa mutabilidade da matéria.
Todas as partículas elementares podem, a energias suficientemente altas,

transmutar-se em outras; elas podem ser criadas às custas de energia cinética e se aniquilar em energia, dando lugar, por exemplo, a radiações. Assim, temos aqui, de fato, a prova final da Unidade da Matéria. As partículas elementares, todas elas, são feitas da mesma substância, e a essa podemos chamar de energia ou matéria fundamental: elas são tão-somente formas distintas em que a matéria pode se revelar.

(Heisent

Não podemos, assim, pensar numa educação estática, parada, sem movimento.

No relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI, Jacques Delors (2000) aponta para Os Quatro Pilares da Educação, pautados em *aprender a aprender* combinando uma cultura geral com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. *Aprender a fazer*, a fim de desenvolver habilidades que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. *Aprender a Viver juntos* ao desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências. *Aprender a ser* para melhor desenvolver sua personalidade e autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal.

Há necessidade de revermos o processo educativo constantemente, e que ele esteja em sintonia com a permanente mudança em todos os aspectos do aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer, mas acima de tudo aprender a mudar e estar preparado para aceitar que a mudança talvez seja a única certeza que temos.

Ser Multidimensional e Sistemas Adaptativos

Evoluímos de um ser pentasensorial para o humano multidimensional, ao ampliar os cinco sentidos para o desenvolvimento das percepções de sua intuição, espiritualidade, emoções e sentimentos no processo de elaboração do conhecimento. Conhecimento este, que passa de uma perspectiva estática para o conhecimento do processo enquanto possibilidade de vir-a-ser constante, no movimento de equilíbrio dinâmico, numa nova compreensão do que significa desenvolvimento e evolução humana.

Tivemos também a influência do pensamento sistêmico, que se estabeleceu como movimento científico a partir da década de 40, a partir das reflexões do biólogo organísmico Ludwig von Bertalanfy. Bertalanfy dedicou-se aos estudos de sistemas abertos e da teoria geral dos sistemas. Acreditava que os fenômenos biológicos requeriam novas maneiras de pensar, transcendendo os métodos tradicionais das ciências físicas. Denominou os sistemas vivos de sistemas “abertos”, e não “fechados” como a Termodinâmica clássica os nomeava, porque eles precisam se alimentar de um contínuo fluxo de matéria e de energia extraídas do seu ambiente para permanecerem vivos.

Os sistemas abertos precisam de contínua interação com o meio para se manterem em constante troca. Diferente dos sistemas fechados, que se estabelecem num estado de equilíbrio térmico, os sistemas abertos se mantêm afastados do equilíbrio, num estado caracterizado por fluxo e mudanças contínuos. Essas eram suas concepções, porém, na década de 40, as técnicas matemáticas, de que Bertalanfy necessitava para expandir a Termodinâmica, não estavam disponíveis. Somente na década de 70, com o químico Ilya Prigogine, que usou uma nova matemática para reavaliar as leis da Termodinâmica, é que as visões científicas tradicionais de ordem e desordem foram reformuladas. Prigogine aprimorou as idéias de Bertalanfy por meio da auto-regulação de estruturas dissipativas

dissipativas.

Estruturas dissipativas ou dissipadoras são sistemas abertos, considerados complexos organizados sem equilíbrio, ou quase sem equilíbrio, e que caracterizam os sistemas vivos (PRIGOGINE,1984). Segundo essa concepção, os sistemas vivos, como complexos organizacionais abertos, refletem sua interação com o meio

Page 35

ambiente o tempo todo. Isso nos leva a crer que a vida está em fluxo constante, numa troca infindável de energia com todas as estruturas que a circundam. Dessa forma, ocorrem mudanças súbitas através de flutuações ou perturbações as quais provocam o surgimento de inovações mesmo quando o estado de entropia (desordem) as impede. Essa instabilidade dinâmica seria o caos, que seriam seqüências temporais flutuantes. Essas seqüências permitem o surgimento de novas organizações complexas, constituindo-se, portanto, em fonte de evolução.

Todas as coisas vivas e alguns sistemas sem vida (como as reações químicas) são estruturas dissipadoras, “uma integralidade flutuante”, algo altamente organizado e que está sempre em processamento (FERGUSON, 1984). As implicações deste conceito são a visão da natureza e da matéria, que passam a ter uma criatividade constante. Em vez de algo estático, apresentam-se como sistemas vivos e plenamente ativos em constante auto-organização e transformação conforme as interações que estabelecem com o meio.

Isso nos alerta para o fato de que a vida possui uma capacidade de inovação ilimitada, em todas as áreas do conhecimento, e de que os seres humanos possuem potencialidades de transformação e modificação cujos limites desconhecemos. A

ciência determinista clássica começa a ceder espaço a uma nova ciência pluralista, sem hierarquias e sem ordem de importância dos conhecimentos. Isso nos leva a respeitar outras culturas, posicionamentos distintos, que venham a complementar os nossos, e nos levam a entender que uma nova ordem pode estar se estabelecendo na humanidade, ou seja, a ordem da solidariedade e da paz universal.

Somos um poço de possibilidades, uma fonte constante de evolução, parte de um Universo não-linear, não previsível, complexo, caótico, pluralista e criativo. Vale ressaltar o que afirma Prigogine (1984, p.209) sobre a evolução deste processo:

Tanto ao nível macroscópico como ao nível microscópico, as ciências da natureza libertaram-se, portanto, de uma concepção estreita de realidade objetiva que crê negar em seus princípios a novidade e a diversidade, em nome de uma lei universal imutável. Libertaram-se de um fascínio que nos representava a racionalidade como coisa fechada, o conhecimento como estando em vias de acabamento. Doravante, elas estão abertas à imprevisibilidade, da qual não fazem mais o sinal de um conhecimento imperfeito, de um controle insuficiente. Abriam-se, por isso, ao diálogo com uma natureza que não pode ser dominada mediante um golpe de vista teórico, mas somente explorada, com um mundo aberto ao qual pertencemos e em cuja construção colaboramos.

Portanto, podemos considerar que cada ser humano traz consigo potencialidades infinitas que a todo instante podem ser exploradas e afloradas, dependendo do processo educativo a que for exposto e colocado em contato. Assim, nesta concepção de ciência e ser humano, **educar** implica desvelar possibilidades de evolução pessoal e coletiva da humanidade. Isso nos faz lembrar com muita emoção as doces e poéticas palavras do mestre querido Ubiratan D'Ambrosio (1997,

p.159): “amor é do que precisamos.(...) Cada indivíduo, do mais simples ao mais sofisticado intelectual, tem a responsabilidade e os meios para atingir o sublime”.

Aprendência - conhecimento como processo

Diante de tantos conceitos e concepções a propósito do Paradigma Emergente, surge-nos uma questão para reflexão:

Como o ser humano aprende?

Esta é uma questão básica para o entendimento de processos de ensinar, pois existe uma relação intrínseca na criação de ecologias cognitivas a partir da concepção de conhecimento. O ato de ensinar estará diretamente relacionado aos pressupostos epistemológicos do que concebemos como conhecimento e aprender.

A contribuição dos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela às ciências da complexidade é reconhecida nos meios acadêmicos. Deram muitas colaborações ao pensamento complexo ao considerar os organismos em termos de sua estrutura complexa. São destacadas, desde o início da vida, sua autodeterminação e auto-organização, bem como o modo aberto e plástico pelo qual evoluem e se desenvolvem (MATURANA e VARELA, 1995).

Essa perspectiva dos sistemas vivos trouxe contribuições significativas ao questionamento do racionalismo objetivista e à formalização das teorias da cognição, numa contestação à tradicional dualidade corpo - mente do pensamento tradicional. Esses biólogos foram os pioneiros a proporem que o conhecimento é um fenômeno biológico e, portanto, só pode ser estudado e conhecido como tal. Além disso, a própria vida deve ser entendida como um processo de conhecimento, cuja finalidade é proporcionar ao organismo os meios para que ele se adapte para sobreviver. Seu

raciocínio biológico nos faz ver a mente como uma instância da vida, como uma organização dentro da organização que é a própria vida. Esta é a concepção de autopoiese¹⁵.

Sua perspectiva é a de que a vida e a morte são sistemas estruturalmente determinados, autopoieticos - no sentido de que os organismos estão constantemente se autofazendo, se autocriando constantemente.

Visto isso, atingir o processo de aprender passa por entendermos que aprender é um processo de manifestação da criatividade do ser que constantemente se auto-organiza. Ou seja, invariavelmente estamos aprendendo, pois estamos nos transformando e reproduzindo incessantemente a nós mesmos, o tempo todo, com todas as informações com que conseguimos nos relacionar no entorno em que vivemos. Assim, podemos inferir que os nossos sentidos não são apenas *meios* através dos quais percebemos o mundo, mas eles *falam conosco* a respeito do mundo e com os quais criamos nossa realidade a partir de uma realidade que culturalmente recebemos do mundo.

Deste modo, todo conhecimento tem uma inscrição corporal do conhecimento e para que as aulas façam sentido para os aprendentes, faz sentido que os sentidos sejam estimulados e vastamente explorados em espaços de aprender. Isso tudo para que ao aprendermos o *sabor* do *saber*, nos auto-organizemos como seres saborosamente sábios...Onde há saber, há sabor e há prazer em ser, saber e aprender! O ambiente pedagógico que vem acompanhado e banhado de prazer respeita o caráter da corporeidade do aprender.

Com prazer, sentindo a vida se gostar, convidamos Assmann (1998, p.29) a nos falar que:

A vida “se gosta”. Por isso os/as educadores/as deveriam analisar de que forma a vida dos/as alunos/as é uma vida concreta que, em seu mais profundo dinamismo vital e cognitivo, sempre gostou de si, ou ao menos tentou e volta a tentar gostar de si. A não ser que a própria educação cometa o crime de anular essa dinâmica vital de desejos de vida, transformando os aprendentes em meros receptáculos instrucionais,

¹⁵ Assmann (1998, p. 136) nos afirma que **Autopoiese**: (do grego: *autos*, próprio; *poiesis*, fazer) é um neologismo criado por Maturana e Varela que significa produção de si mesmo, autofazimento. Um sistema autopoietico é uma teia de processos que produzem ingredientes, componentes e padrões (caóticos e ordenadores) que regeneram continuamente, através de suas transformações e interações, a própria teia que os produz. Além disso, constituem o sistema enquanto unidade concreta no espaço em que existe, ao especificar o domínio topológico no qual se realiza enquanto teia. *Um sistema é autopoietico quando é constituído por um conjunto de componentes cujas transformações e interações não cessam de reproduzir a organização a qual pertencem.* (Maturana e Varela)

pensando apenas na “transmissão de conhecimentos” supostamente já prontos.

Assim, somos criadores e criaturas do mundo em que vivemos. Aprendemos prazerosamente com nossa corporeidade, conversando com o entorno a partir de nossos sentidos nos falando sobre ele. Por isso Maturana e Varela (1995, p.68) comentam que “o fenômeno do conhecer não pode ser equiparado à existência de “fatos” ou objetos lá fora, que podemos captar e armazenar na cabeça. A experiência de qualquer coisa “lá fora” é validada de modo especial pela estrutura humana, que torna possível a “coisa” que surge na descrição”.

Portanto, não existem coisas independentes do nosso processo de conhecer. Sendo o mundo em que vivemos produto de nosso processo de vida e de conhecer, existirão tantos mundos quantos forem os observadores, pois cada ser humano realiza ações que refletem na própria unidade auto-organizadora que ele é. Porém,

ele não se isola do mundo, ele interage com o ambiente em que está vivendo, especificando-o e sendo especificado por ele. Inferimos, a partir disso, que a dinâmica da vida está unida à dinâmica do conhecer!

Essa relação de conhecimento entre mundo e ser é contínua e dinâmica durante a vida do ser, e é a própria ação de conhecer que permite continuar a existência em determinado meio ao produzir o próprio mundo. Sobre essas idéias, Assmann (1998, p.22) considera que “as biociências descobriram que a vida é, basicamente, uma persistência de processos de aprendizagem. Seres vivos são seres que conseguem manter, de forma flexível e adaptativa, a dinâmica de continuar aprendendo”.

Uma contribuição que o pensador francês Edgar Morin (1997) deu à humanidade foi no sentido de entender que o homem, a sociedade, o meio e os sistemas de idéias interagem entre si, por meio de trocas, porque são sistemas abertos. Admite ainda que as informações são os códigos da dinâmica de complexificação de qualquer sistema, e por isso as trocas se dão simultaneamente, intra e intersistemas. Somos sistemas complexos e adaptativos.

Daí que todo sistema – da célula ao mundo das idéias - ao receber novas informações, promove uma reorganização do padrão anterior, que permite constantemente novas ordens se ordenando e reordenando sem cessar (MORIN, 1997). Sendo assim, o processo de auto-organização da natureza implica autonomia

gerada a partir da interação do indivíduo com o meio-ambiente, o que não era

possível no paradigma tradicional já que sujeito e objeto estavam separados por um muro intransponível.

Surge então, que a autonomia decorre da capacidade de auto-organização existente na natureza, que se dinamiza para construir e reconstruir sua própria autonomia e nessa operação consome energia proveniente das interações com o meio-ambiente. Para que haja auto-organização é preciso a ocorrência de perturbações, desafios, problemas e turbulências, que estimulem a reação do organismo em relação ao meio-ambiente. Portanto, como a educação poderia estabelecer conexões entre os sistemas multidimensionais, em constante evolução?

Conforme a física quântica, “de certa forma, o existir está ligado à presença de um observador.(...). Os átomos não existem até o momento em que se decide olhar para eles, o existir está ligado ao pensar. A Física parece provar a tese platônica de que a Lei do Conhecer é antes uma Lei do Ser do que uma Lei do Saber.” (Fialho, 1993, p.85)

Esta nova concepção de processo de evolução do conhecimento integra observador, objeto e processo de observação, sendo que o processo de observação altera a natureza do objeto e que não podemos separar sujeito, objeto e processo de observação. Da neutralidade científica, apregoada pelo mecanicismo, passamos a ser co-participantes dos fatos observados, pois sabemos que não há neutralidade na observação, visto que o sujeito interfere no objeto, ou seja, nós mudamos o mundo ao olharmos para ele. “Só podemos descrever nossa experiência com um fenômeno que, ao mesmo tempo, observamos e criamos. Cada observação cria um efeito no modelo observado. Não somos apenas parte do modelo; somos o modelo. Ele é nós e nós somos ele...”, afirma Brennan (1987, p. 49).

Deste modo, a ciência atual reintegrou o sujeito no processo de observação científica, a partir da compreensão de que o conhecimento do objeto depende do que ocorre dentro do sujeito, de seus processos internos e de suas relações com o outro. Desta forma, cada aprendiz organiza a sua própria experiência, e o conhecimento é, portanto, produto de uma relação indissociável entre essas três variáveis: sujeito, objeto e processo de observação. Conseqüentemente, cada

indivíduo aprende de uma maneira que lhe é própria e com todas as características

Page 40

do ser humano multidimensional, histórico, cultural, social e cósmico, que assim se constitui.

Nessa direção, o conhecimento disciplinar avançou para o multi e o interdisciplinar, e poderia ir adiante na busca da transdisciplinaridade, conforme proclama o educador Ubiratan D'Ambrosio (2002, p.18) em suas reflexões

O conhecimento disciplinar evoluiu para a multidisciplinaridade, praticada nas escolas tradicionais, e para a interdisciplinaridade, ainda difícil de ser conseguida. Mas o verdadeiro avanço, abrindo novas possibilidades para o conhecimento, é a **transdisciplinaridade**. Assim assumindo a inconclusão do ser humano, rejeita a arrogância do saber concluído e das certezas convencionadas e propõe a humildade da busca permanente.

Para podermos re-orientar a bússola de uma Educação preocupada em estabelecer novas relações de elaboração do conhecimento é necessário levar em consideração todos os aspectos relevantes das novas concepções do paradigma científico decorrente da nova cosmologia.

O critério mais geral é a mudança das partes para o todo, sendo as propriedades sistêmicas destruídas quando um sistema é dissecado em elementos isolados.

Chamamos Morin (1997, p.17) para nos chamar a atenção sobre a necessidade de juntar as partes ao todo e o todo às partes:

um todo organizado produz qualidades e propriedades que não existem nas partes tomadas isoladamente. Sabemos, por exemplo, que uma bactéria é constituída unicamente de elementos químicos que encontramos na natureza. A vida é constituída de moléculas, mas a organização vivente tem qualidades que não podemos encontrar nas moléculas tomadas isoladamente. A qualidade é de poder se mover, conhecer e se regenerar.

Diante disso, podemos perceber que nos processos de aprendizagem nossa preocupação deve ser no sentido de partir do entendimento das totalidades para nos determos nas partes e vice-versa; em ações complementares de partes e de todo sendo estudadas num *continuum* processo interligado. É possível que a fragmentação faça com que a essência dos fenômenos da teia da vida seja perdida ao se analisar qualquer fenômeno isoladamente. É provável também que o processo educativo torne-se incapaz de dar conta da totalidade que envolve os processos cognitivos.

Em síntese, o fenômeno aprender passa por várias perspectivas: aprender é um processo criativo que se auto-organiza; todo conhecimento tem uma inscrição

corporal; a dinâmica da vida e do conhecimento estão relacionadas e o prazer age como um dinamizador do ato de conhecer.

O Contexto e a Transdisciplinaridade

*A transdisciplinari
a arrogância do saber na humildade*

(D'An

Outra característica do pensamento sistêmico é a sua capacidade de entender as propriedades de um sistema dentro do contexto do todo maior. O contexto não pode ser desprezado ao estudarmos a manifestação de um fenômeno. Explicar as coisas significa explicá-las considerando seu contexto, o seu meio ambiente em constante transformação. Também podemos dizer que todo pensamento sistêmico é pensamento ambientalista, visto que a ecologia utilizou os conhecimentos do pensamento sistêmico para fundamentar suas idéias de inter-relações de seres vivos e meio ambiente numa perspectiva de redes, onde não há hierarquias, mas redes aninhadas dentro de outras redes formando os ecossistemas e a própria natureza da vida.

Igualmente, o pensamento sistêmico utiliza uma concepção da Física quântica que afirma não haver partes, em absoluto. O que há são padrões numa teia inseparável de relações. Na visão mecanicista, o mundo é uma coleção de objetos que interagem uns com os outros, portanto, há relações causais entre eles. Entretanto, a visão sistêmica vai além, ao admitir que os próprios objetos são redes de relações, embutidas em redes maiores. Para o pensador sistêmico, as relações são fundamentais.

Isso nos dá a percepção do mundo vivo como uma rede de relações. Essa visão de mundo como uma rede de relações influenciou não apenas a nossa visão da natureza, mas também a forma como encaramos o conhecimento científico. Segundo essa concepção, a realidade é tida como uma rede interconectada de concepções e de modelos, na qual não há fundamentos e nenhuma parte é mais importante do que as outras. Essa abordagem de conhecimento científico como rede foi formalizada em Física por Geoffrey Chew, em sua “filosofia *bootstrap*”, na década

de 70. Defende a inexistência de blocos de construção fundamentais da matéria, e o universo material é visto como uma teia dinâmica de eventos intimamente relacionados em que nenhuma das partes é fundamental, ao contrário, todas resultam das propriedades das outras partes, e o que determina a consistência global da teia são suas inter-relações.

Essa abordagem como rede encontra muita resistência no mundo científico, visto que se apresenta como uma ruptura aos conhecimentos concretos, palpáveis e com fundamentos firmes e certos do paradigma mecanicista.

A partir da abordagem da realidade como uma rede, supera-se a concepção tradicional de objetividade científica, a idéia de separação sujeito–objeto. No paradigma cartesiano acreditava-se que as descrições fossem objetivas, independentes do observador humano e do processo de conhecimento, denotando a neutralidade científica do pesquisador em relação ao objeto pesquisado. O novo paradigma implica que a epistemologia, a compreensão do processo de conhecimento, precisa ser explicitamente incluída na descrição dos fenômenos naturais. A descrição, o estudo e a pesquisa do objeto dependem de nossas percepções acerca desse objeto de estudo. Depende dos métodos de observação e de medição que o sujeito pesquisador utilizará para desvelar o objeto, ou seja, a neutralidade científica não opera na concepção de conhecimento científico como rede inseparável de relações que fundamenta o pensamento sistêmico. Dessa forma, o pensamento sistêmico envolve uma mudança da ciência objetiva para a ciência “epistêmica”, na qual a epistemologia torna-se parte integral das teorias científicas (CAPRA, 1996).

O pensamento sistêmico como tecido, como ciência “epistêmica” nos remete a conceber que os educadores não podem lidar com verdades absolutas no sentido de uma correspondência precisa entre a descrição e o fenômeno descrito. Podemos

inferir que na educação sempre vamos lidar com descrições limitadas e aproximadas da realidade. Diante da constatação de que certezas não existem, apenas descrições limitadas da realidade, cabe levantar a possibilidade de passarmos da pedagogia das certezas para a pedagogia das perguntas, para a pedagogia em que se permitem buscar perguntas muito mais do que respostas. Talvez pensemos numa pedagogia da **conexão**, aberta a trabalhar com conceitos mais amplos e transversáveis, flexíveis e abertos ao novo, ao imprevisto e à surpresa.

Page 43

Convidamos um dos autores brasileiros pioneiros no assunto, Ubiratan D'Ambrosio, a falar conosco sobre a importância de vermos a transdisciplinaridade como processo de busca de explicações globais:

Assim, pavimentamos o caminho para as abordagens multidisciplinares e interdisciplinares. Mas estas não passam de incursões recorrentes ao desconhecido, com instrumentos metodológicos idênticos ou similares, desviando o foco para outras categorias de questões. Não seremos bem sucedidos em nossa busca de explicação se continuarmos no plano dos métodos científicos clássicos. Tampouco se centralizarmos nossos propósitos nas funções e seus domínios e antedomínios, restringindo nossa análise ao modelo causa-efeito. Precisamos dar um passo além, investigando as categorias de análise em si mesmas, entendendo as relações entre os objetos e suas dependências dentro das várias categorias. (...) Nosso propósito requer uma análise do processo como uma totalidade.

(D'Ambrosio)

Daí a importância deste trabalho em investigar as categorias essenciais para promovermos a saúde integral dos alunos em espaços de aprender baseados na **conexão** dos processos de aprender com o Eu, com o outro e com a Natureza na procura da integralidade. É na dinâmica contínua e inacabada destas relações que o

ser humano se faz humano e aprende a ser e a transcender em busca de sobrevivência pacífica. É este um processo de pesquisa transdisciplinar em essência, pois não poderemos chegar a alguma categoria sem a coerência de um estudo que considere a análise do processo como uma totalidade.

Uma possibilidade de trabalho neste sentido está contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ao procurar orientar para a utilização de Temas Transversais no contexto escolar como resgate da dignidade e da cidadania. Percebe-se um avanço que aponta nesta direção com a possibilidade da transversalidade:

pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos.

Isso nos remete a considerar a importância de trabalharmos temas abertos que possam ser transversalizados em diferentes disciplinas do *currículum* escolar e

que se relacionem com o contexto da vida dos alunos, pois muitas vezes a maior dificuldade no espaço escolar é ajudar as pessoas a resgatar o direito de querer, de buscar, de criar. É resgatar a auto-estima, o auto-respeito. O trabalho com os temas transversais pode resgatar, em última instância, o significado da vida.

Neste sentido, podemos citar o valor da transdisciplinaridade pensamento sistêmico, que prioriza a relevância de várias formas de conhecer a realidade, partindo de um tema comum para ultrapassar as fronteiras disciplinares na busca da construção de conceitos integradores.

No que tange à transdisciplinaridade, podemos considerar o respeito às diversas formas de aprender e de se relacionar com o mundo. Assim, torna-se mais rico o aprender, ao considerarmos as diversas culturas e formas de explicar e conviver com a realidade.

Trata-se de estimular em sala de aula atitudes abertas, de respeito mútuo e humildade com relação a mitos, religiões e a sistemas de explicação e de conhecimentos (D'AMBROSIO, 1997(b)).

Significa, ainda, abandonar a concepção linear de conhecer apenas a partir de livros e manuais didáticos e ampliar os horizontes de aprender para outras fontes de informação tais como as vivências, viagens de estudo, aulas-passeio, internet, visitas a outras culturas e ampliar os horizontes de experiências com outras realidades, além-mundo...Nestas experiências de aprender cabe investir em temas que proporcionem a integração de diversas áreas do conhecimento, numa busca de si, do outro e da natureza conectados transdisciplinarmente.

De tal modo, não basta apenas ampliar o leque de atividades a serem realizadas com os aprendentes, mas incorporar por parte dos educadores um novo olhar sobre si mesmo e sobre seus alunos, pois não podemos tratar de velhos

¹⁶ **Transdisciplinaridade** definido por Assmann (1998, p.182) como enfoque científico e pedagógico que torna explícito o problema de que um diálogo entre diversas disciplinas e áreas científicas implica necessariamente uma questão epistemológica. A transdisciplinaridade não pretende, de forma alguma, desvalorizar as competências disciplinares específicas. Ao contrário, pretende elevá-las a um patamar de conhecimentos melhorados nas áreas disciplinares, já que todas elas devem embeber-se de uma nova consciência epistemológica, admitindo que é importante que determinados conceitos fundantes possam transmigrar através(*trans*) das fronteiras disciplinares. Conforme Nicolescu (2001, p.9) o termo **transdisciplinaridade** surgiu há três décadas, quase simultaneamente, nos trabalhos de pesquisadores diferentes como Jean Piaget, Edgar Morin, Eric Jantsch e outros para traduzir a necessidade de uma jubilosa transgressão das fronteiras entre as disciplinas, sobretudo no campo do ensino e de ir além da pluri e da interdisciplinaridade. “A transdisciplinaridade é essencialmente o reconhecimento de que tudo está em permanente transformação. Desde que haja vida, tudo está em permanente transformação. Esse é o seu grande desafio.”(D’Ambrosio, 1999, p.43)

problemas com o olhar antigo; precisamos iluminar novas ações com novos olhares. Caso contrário, só estaremos *trocando de roupa*, e permanecendo na mesmice...

Ecologia Cognitiva

Maturana (1995, p. 201) nos conduz a refletir sobre o que é um ato cognitivo ao afirmar que “o viver é conhecer no âmbito do existir. Aforisticamente, viver é conhecer (viver é ação efetiva no existir como ser vivo)”. Se viver é aprender, aprendemos o tempo todo e ao mesmo tempo somos educador – educando. A vida se dá num dinamismo muito intenso, os processos vitais e de cognição ocorrem numa velocidade de adaptação frenética do ser nessa sociedade da informação. Isso nos leva a repensar a função de professor ‘repassador’ e de aluno ‘receptor’.

Nessa direção, portanto, o desafio do educador passa a ser o de fazer emergir vivências do processo de conhecimento, proporcionando experiências de aprendizagem e não simplesmente aquisição de conhecimentos prontos, congelados concebidos a partir da transmissão. Uma das funções do educador passa a ser a de proporcionar a ecologia cognitiva¹⁷, termo utilizado por ASSMANN (1998) para designar vivências do processo de estar aprendendo, em que se tenha claro que se aprende a partir de *experiências de aprendizagem*, ao contrário das simples

memorizações de conteúdos.

Existe diferença entre o que se ‘pensa ensinar’ e o que é aprendido. Pensamos que, diante disso, nosso papel como educador é o de interferir no processo de aprendizagem, orientando o processo, aprendendo ‘em’ e ‘com’ o processo; e não o de simplesmente ensinar alguém. Aprender é saber realizar. Conhecer é compreender as relações, é atribuir significado às coisas, levando em conta não

¹⁷ **Ecologia cognitiva**: conforme Assmann (1998) a sugestiva expressão provém de Edgar Morin e Pierre Lévy. Podemos interpretar o termo para designar o estabelecimento de clima propício de aprendizagem em espaços de aprender, caracterizado por experiências de aprendizagem que emergem dos processos auto-organizativos de sala de aula, baseados em formas de conhecer e ambientação e clima propício às experiências de aprender.

apenas o atual e o explícito, mas também passado e futuro; possível e impossível e o implícito.

Outra preocupação dos educadores é a de promover a morfogênese do conhecimento ¹⁸, que, segundo ASSMANN (1998), é o surgimento das formas de todo tipo e nos mais diferentes fenômenos emergentes. Essa expressão serve para enfatizar que as experiências de aprendizagem se caracterizam por seu caráter de processo, representando novas qualidades emergentes desse processo. Nessa perspectiva dá-se ênfase à dinâmica da junção do empenho pessoal do educando no estudo e ao clima propício (ecologia cognitiva) para os processos auto-organizativos dos quais possam emergir as experiências de aprendizagem.

Não vamos desprezar o caráter de doses fortes de instrução, de reconhecimento de saberes acumulados pela humanidade, porém a escola precisa desenvolver vivências personalizadas de aprendizagem que obedecem à coincidência entre processos vitais e processos cognitivos que privilegiem a capacidade de acessar, decodificar e manejar os conhecimentos disponíveis. Vale lembrar que, nesses aspectos, não há processos de conhecimento sem **conexão** com as expectativas e a vida dos aprendentes. A corporeidade, a morfogênese, a prazerosidade e as emoções devem ser privilegiadas, sob o risco de se tornar a escola um lugar desinteressante, enfadonho e ultrapassado.

Educacionalmente, numa visão sintética, a cosmovisão quântica desencadeia um processo de reconhecimento de que os processos cognitivos e de vida são mais holísticos, globais, sistêmicos, com uma perspectiva ecológica que considera a interatividade e a interconectividade de todos os assuntos abordados e de todos os fenômenos que acontecem em sala de aula, num entrosamento contínuo entre professor-aluno e currículo. A cosmovisão mostra que tudo está cheio de energia, em constante fluxo, que tudo é sistema dinâmico e aberto. dissipadoras em movimentos flutuantes, trocando energia e se auto-organizando constantemente.

¹⁸ **Morfogênese**(do grego *morphé*: forma; *gênesis*: surgimento). A expressão morfogênese do conhecimento serve para enfatizar que as experiências de aprendizagem se caracterizam por seu caráter de processo, representando novas qualidades que emergem do processo de aprender a que o educando é submetido.

Ser humano educado como *Hólon*

Uma das maiores críticas de muitos educadores e pesquisadores, é a de que o ser humano é estudado e vivenciado em processos de aprender em partes, com a falsa ilusão do separatismo que nos concebe como separados de nós mesmos, do outro e da natureza planetária e cósmica.

Sobre esta dificuldade, o físico quântico Basarab Nicolescu (2001, p.147) provoca-nos com suas reflexões e aponta alguns caminhos para discussão:

A educação atual privilegia a inteligência do homem, em detrimento de sua sensibilidade e de seu corpo, o que certamente foi necessário em determinada época, para permitir a explosão do saber. Todavia, esta preferência, se continuar, vai nos arrastar para a lógica louca da eficácia, que só pode desembocar em nossa autodestruição.

Na perspectiva da cosmovisão, reconhecemos o indivíduo como um *hólon* um todo constituído de corpo e mente, sentimento e espírito, dotado de uma dimensão social, que necessita **educar**-se ao longo da vida, desenvolver-se, não apenas fisicamente, mas, sobretudo, ter um crescimento interior, qualitativo e multidimensional. É a partir desse crescimento interior, do autoconhecimento, que o indivíduo saberá quem ele é, qual o seu mais alto potencial e as qualidades que possui.

Autoconhecendo-se, ele poderá colaborar para a transformação de sua realidade, daquilo que lhe é exterior, compreendendo, inclusive, além de si mesmo, a natureza do outro, condição fundamental para criar um mundo de paz, de alegria e de felicidade. Paz consigo mesmo, com a sociedade e com a natureza, a partir de uma visão ecológica que faz a leitura do mundo em termos de relações e de integrações, que compreende os sistemas naturais inseridos numa totalidade maior, onde a natureza e o EU constituem uma unidade. Esse tipo de compreensão e leitura do mundo provoca profundas mudanças em termos de nossas percepções e valores, ao compreender o ser humano como parte de uma grande teia, um ser autônomo, mas, ao mesmo tempo, integrante de totalidades maiores, um fio

particular num tecido onde todos estão inseridos.

¹⁹ *Hólon*, do grego: Todo. Que faz referência a um universo feito de conjuntos integrados que não pode ser reduzido a simples somas de suas partes

Page 48

É a compreensão da existência de uma totalidade indivisível que nos traz uma consciência de nosso encaixamento no Cosmo, de nossa relação com a natureza, o que nos leva à compreensão de uma fraternidade e de uma solidariedade mais acentuada, que nos sinaliza a emergência do espiritual como um dos itens significativos desta agenda de complementaridade. O despertar dessa consciência decorre de uma nova cosmologia que oferece uma visão de um mundo unificado, integrado, yin e yang, visível e invisível, dinâmico, holístico, não-hierarquizado, masculino e feminino, espiritual ou sagrado/cósmico, no qual os fenômenos estão relacionados, vibrando num espaço cheio de energia e vida, onde tudo está em profunda comunhão, mostrando que matéria e espírito já não mais se separam, são partes integrantes de uma Totalidade Indivisível.

Essa nova consciência alimenta uma espiritualidade que reconhece a existência de uma Última Realidade, popularmente conhecida como Deus, que habita o coração do universo e que, ao mesmo tempo, está dentro do Sagrado existente em cada um de nós. Espiritualidade como celebração da vida, que apresenta um movimento dialético entre o interior e o exterior (se falar deles separadamente!) envolvendo todos os seres. É uma espiritualidade que

²⁰ (se

nos traz uma visão ecológica na qual o mundo é visto como um santuário digno de nossa reverência e de nosso reconhecimento. Reverência pela vida e por tudo que tem vida. Reconhecimento de sua importância como "locus" para a evolução de todos os seres.

Por outro lado, essa visão ecológica também destaca a importância do contexto e da cultura e, ao mesmo tempo, nos mostra que somos criaturas de nossa biologia, assim como somos criaturas da sociedade em que vivemos. Convidamos Maturana e Varela (1995, p.69) para ampliar essa discussão:

O produzir do mundo é o cerne pulsante do conhecimento, e está associado às raízes mais profundas de nosso ser cognitivo, por mais sólida que nos pareça nossa experiência. E, já que essas raízes se estendem até a próxima base biológica, (...) esse gerar se manifesta em todas as nossas ações e em todo o nosso ser. (...) Não há uma descontinuidade entre o social e o humano e suas raízes biológicas. O fenômeno do conhecer é um todo integrado, e todos os seus aspectos estão fundados sobre a mesma base.

²⁰ Segundo a física quântica não existe interior e exterior; ainda usamos esta linguagem como forma de apresentar conceitos que estão incorporados na nossa cultura de *fora e dentro*, *interior e exterior*, mas sabemos que isso não se comporta desta forma no paradigma emergente, pois somos uma totalidade de aspectos de onda e matéria coexistindo o tempo todo como algo único, global, não fragmentado. Talvez seja herança de nossa visão mecanicista, fragmentária de visão dos sujeitos objetivados, em que sujeito e objeto estão separados.

Se a vida é resultante de momentos intrinsecamente interligados de caos e ordem, num movimento ininterrupto de inter-relações, então a vida manifesta-se por meio de processos auto-organizativos, flexíveis e cognitivos. Além disso, a aprendizagem não se dá desconectada de processos vitais em ininterrupta autopoiese, em que se criam estados gerais qualitativamente novos no cérebro, resultado da morfogênese do conhecimento; ela *“revela-se numa cadeia complexa*

de saltos qualitativos da auto-organização neuronal da corporeidade viva”, defende Assmann (1998, p.40).

O ser humano não acumula conhecimentos, ele reorganiza-se ao reorganizar conhecimento e restabelece conexões, propiciando momentos de (re) elaboração de si mesmo enquanto se re-liga com o todo, com a própria dança do Universo pulsátil. Logo, se existe sinonímia na Física quântica entre Mente e Matéria, Universo e Consciência, então aprendizagem e vida são uma imensa unidade inextricavelmente interconectada. Assim, não poderemos falar de aprendizagem sem, ao mesmo tempo, falarmos de nós mesmos. Nesse sentido, falar em aprendizagem nos remete a falar em autoconhecimento, em (re) conhecer-se como um ser complexo e dinâmico em auto e heterotransformação, concomitantemente, constantemente e continuamente.

As transformações dinâmicas, que se estabelecem desde o momento da fecundação até a morte, fazem com que os seres humanos estejam em permanentes processos de aprendizagem. Os saltos quânticos, vistos aqui como momentos de significativa evolução da consciência que ocorrem nesses momentos, servem de patamar evolutivo do ser humano, que se vê imerso em momentos de ordem e desordem numa busca frenética pela aprendizagem, condição de existência e de sobrevivência .

Assim, o aluno é visto como um ser aprendente, em processo contínuo de aprendizagem. Trata-se de um ser com suas peculiaridades, diverso, com várias habilidades cognitivas e dotado de potencialidades múltiplas; um sistema por vezes aberto de qualidades, cujas buscas e necessidades são individuais, mas que poderá colaborar muito com o grupo e aprender com ele. Outras vezes se portará como sistema fechado, que necessita da interferência de um orientador e provocador do processo de aprender para se abrir para novas possibilidades que o mundo possa oferecer. Esse educando será a fonte e ao mesmo tempo a recepção de todas as

experiências de aprendizagens que ocorrerão nos ambientes de interatividade da sala de aula e fora dela. É um ser inconcluso, inacabado e transcendente, que não se limitará ao aspecto corpo, mas de corporeidade viva em busca de seus significados e do próprio significado da vida.

Baseados nos conceitos da Física quântica, que considera matéria e energia intercambiáveis, na constante tendência do elétron a comportar-se vezes como onda e vezes como partícula, os seres envolvidos no processo de aprendizagem (educador-educando) passam a ser concebidos por vezes como sistemas abertos e em constante intercâmbio energético com o cosmos, numa busca incessante da ordem a partir da desordem (homeocinética). Isso caracteriza o processo de autoformação do ser a partir dos desequilíbrios causados, e adaptações provocadas com base na interação com o meio.

Essa busca caracteriza o processo evolutivo da humanidade e do Universo, que passa a ser visto não apenas como o conjunto de partes isoladas, mas como resultado das relações das partes em permanente interação e interconexão na teia de relações da vida. Nesse sentido, o ser humano não está no Universo, ele se confunde com a própria dança do Universo, num constante ir e vir na busca do devir.

Reavaliar processos de aprender faz parte de nossa busca constante por um processo educativo mais amplo, global, total. Portanto,

Na educação necessitamos retomar caminhos, necessitamos caminhar por veredas em que todas as absolutizações sejam falsas, em que toda posição dogmática seja cerceadora de evolução, em que o conhecimento se dê progressivamente e reúna observador, observado e processo de observação norteado por valores e axiomas, numa visão transdisciplinar de conhecimento. Caminhos em que a Consciência evolua através das experiências perceptivas do Ser calcadas

na inseparabilidade da subjetividade com a intersubjetividade, em que admitamos e apregoemos que Corpo – Mente-Espírito formam uma unidade com o mundo, pois são o próprio mundo.

(SOUZA e SI

Nesse contexto, é importante reconhecer que a transdisciplinaridade seja o foco do processo educacional. D'AMBROSIO (1997, p. 10) argumenta que ela “repousa sobre uma atitude aberta, de respeito mútuo e humildade em relação a mitos, religiões, sistemas de explicações e conhecimento, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência. Na sua essência, a transdisciplinaridade é transcultural”.

Page 51

Essa atitude inclui uma significativa dose de amor e ética da solidariedade que permeará todo o trabalho, indicando uma Educação voltada ao bem comum e à paz mundial. Parafraseando São Paulo, na carta aos Coríntios (13: 1-3): ainda que eu conheça todos os mistérios do mundo, se não tiver amor nada serei!

Alguma coisa acontece quando o ser humano interage amorosamente. E, talvez, nesta interação total conosco mesmos, e, por consequência, com o mundo nos âmbitos bio-psico-sócio-cósmicos numa totalidade vinculada à unidade, consigamos perceber a nossa própria essência, desatando os ‘nós’ da existência humana.

Essas são as bases do Paradigma Emergente. A educação holística toma conta dos discursos. A transdisciplinaridade permeia o caminho, e a ética da solidariedade ultrapassa os limites da mediocridade. A neutralidade científica, separação dos conjuntos sujeito-objeto professor-aluno matéria-energia já não

separação dos conjuntos sujeito – objeto, professor – aluno, matéria – energia, já não satisfazem mais, pois não dão conta de explicar a realidade. Tudo está relacionado, interligado, interconectado, em interpenetração, renovação e evolução contínua. Não há certezas, ao contrário: *nada é, tudo pode ser!*

O princípio da Incerteza de Heisenberg e a unicidade onda-partícula da Física quântica, as relações constantes entre processos vitais e cognitivos, o conhecimento concebido como redes, em teias, a concepção de ser humano como um *hólon* (um todo constituído de corpo-mente-espírito inconcluso e em evolução constante, em que o conhecimento perpassa o autoconhecimento), a autocompreensão como pilar da paz e da felicidade da humanidade, a interatividade e interdependência de todos os seres vivos com o todo, o planeta e o cosmos, são concepções que reconhecem todos os sistemas dotados de algum tipo de auto-organização. São as bases do Paradigma Emergente que norteará e encaminhará as discussões e ações da sociedade e da educação nos próximos tempos. São rupturas acontecendo novamente, e outras certamente virão, visto que a natureza do Universo é indiscutivelmente dinâmica!

Nesse terreno movediço, mas fértil, é preciso flexibilidade, criatividade e ousadia. Cabe repensar a educação numa perspectiva de ser humano como um sistema complexo de relações. Para tanto, percebemos que a questão da corporeidade passa pela concepção de um ser humano que *é* o seu corpo e o seu espírito e não que *tem* corpo-mente e espírito. Conceber que a pessoa *tem* um corpo é defender o mentalismo na educação, em que a mente está separada do corpo e a aprendizagem ocorre somente com e na ‘cabeça’, ao passo que *ser* um corpo é acreditar que o conhecimento ocorre e interage no corpo e por ele é transmutado e se transmuta o tempo todo.

O educador transdisciplinar Carlos Gustavo Guerra (1998, p.129) colabora com essa abordagem, ao defender que: “é fundamental ter presente que aprendemos com o corpo. Se quisermos estimular a solidariedade, a cooperação, a alegria da vida, precisamos transformar a relação com *nosso* próprio corpo (...) e procurar estimular as transformações na escola, no trabalho, na ciência, na família, nas nossas próprias relações cotidianas”.

Se aprendemos com o corpo e no corpo, como poderíamos aprender a partir do corpo? Como fazer com que o processo de aprendizagem seja definitivamente *incorporado*?

A educação deveria encorajar os alunos a sentirem, a vivenciarem e a entenderem sua corporeidade como uma trama de significações em constante relação com o meio e com o mundo. Além disso, o ser humano é considerado como um *hólon*, ou seja, um todo que se identifica consigo mesmo como um ser autônomo e ao mesmo tempo como um elemento integrante e ativo de totalidades maiores.

Quiçá, assim, numa visão de totalidade, consigamos concretizar um processo de educação em que o cultivo da sensibilidade e das inteligências múltiplas desenvolvam a criatividade e contemplem aspectos corpo-mente-espírito, promovendo a morfogênese do conhecimento, o auto-conhecimento, a autopoiese e não tanto a memorização. Valorizemos, assim, não o produto, mas o processo do

²¹ O filósofo Merleau Ponty na obra *Fenomenologia da Percepção* (1971) propõe a superação da dicotomia consciência-realidade ao afirmar que toda consciência é intencional, o que significa dizer que não há pura consciência separada do mundo, da mesma forma que não há objeto em si, independente da consciência que o percebe.

ato educativo com vistas à educação para os valores humanos, para a ética da diversidade e para a cooperação. Que haja preocupação em priorizar o essencial em lugar do importante!

Propomos enfocar as vivências de aprendizagem no ensino holístico, que prioriza atividades que desenvolvam simultaneamente razão, emoção e intuição proporcionando investir na corporeidade ²² do aprendente. Recomendamos aluno vivencie práticas de Ciência, Arte, Filosofia e Tradições espirituais em trabalhos de grupo, com estímulo à cooperação e à solidariedade entre as pessoas e busque a complementaridade entre o *saber*, o *ser* e o *viver* numa tentativa de promover a Paz Interior, colaborando para a Paz Universal.

Essa abordagem de corpo, ao considerar que o todo é muito mais do que a soma das partes, provocar á uma revolução na maneira de ser do humano. Sua visão global, holística de ser humano como integrante da realidade cósmica, aumentará a responsabilidade sobre a sua própria evolução, dos outros e também sobre a busca de um equilíbrio dinâmico do mundo. O indivíduo superará a identificação como ser passivo e robotizado (ser humano-máquina) e passará a ser sujeito da construção de um mundo melhor, solidário e fruto da harmonização consigo mesmo, com o outro, com o planeta, e, por que não dizer, com o Cosmos!

Com esperança de que esse estudo seja indicação de que acreditamos no ser

humano, usamos as palavras de um educador que sempre acreditou em sua causa e em seus alunos, Paulo Freire, que ao finalizar a obra *Pedagogia do Oprimido* escreveu: “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.” (Freire, 1987, p. 184)

Esta é a finalidade deste estudo: que o amor se instale nos corações e o brilho desse amor ilumine nossas ações...

²² Termo usado por Hugo Assmann (1998, p.150). Corporeidade pretende expressar um conceito pós-dualista do organismo vivo. Tenta superar as polarizações semânticas contrapostas (corpo/alma; matéria/espírito; cérebro/mente). Neste sentido não é um mero sinônimo de corporalidade. O conceito de corporeidade está a serviço de temas urgentes como: a aprendizagem como processo corporal (...). A idéia central é a de que a corporeidade não é a fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que permeasse tudo na educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global, enfim, é falaciosa, de entrada.

Educar para o amor, para ações mais focadas nas relações, **educar** para conexões. Disso irá tratar o próximo capítulo.

Capítulo 3 - Educar para a Conexão

Nessa seção -vista como parte interligada com o Todo- falaremos a respeito do que caracterizamos como *Educar para a conexão*.

Para tanto, propomos a leitura do texto abaixo, que se trata de uma carta encontrada nos muros de um campo de concentração na Alemanha, após a segunda guerra mundial. Ela foi escrita certamente por alguém que sofreu com a falta de **conexão** entre os seres humanos...

“Prezado Professor :

sou sobrevivente de um campo de concentração.

Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver.

Câmaras de gás construídas por engenheiros formados,

crianças envenenadas por médicos diplomados,

recém nascidos mortos por enfermeiras treinadas,

mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e

Universidades.

Assim, tenho minhas suspeitas sobre a Educação.

Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos.

Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados

ou psicopatas hábeis.”

Faltam-nos palavras para expressar a angústia que nos invade o peito diante da expressão de tanta dor... Talvez as palavras não dêem conta de expressar nossa tristeza e indignação! Talvez nos reste apenas refletir... Mas, agir é nossa missão, pois somos educadores, seres encarregados de expandir a consciência humana

rumo ao infinito. Não podemos nos conformar com a nossa autodestruição!

Falar em guerra nos remete a refletir com Maturana (1998, p.77) sobre os aspectos culturais e biológicos de nossa crença na competição como necessidade de sobrevivência do ser humano. Afirma ele:

A guerra não acontece por acaso, nós a fazemos; a miséria não é um acidente histórico, é obra nossa porque queremos um mundo com as vantagens anti-sociais que trazem consigo a justificação ideológica da competição na justificação da acumulação de riqueza, mediante a geração

²³ Autor desconhecido, citado por Ernesto Jacob Keim, em palestra proferida no Colégio Franciscano Santo Antônio, em Julho/ 1997, Blumenau-SC

Page 56

de servidão, sob o pretexto da eficácia produtiva; estamos esmagados pelo excesso de população porque queremos viver sem nos responsabilizar por que todos os seres humanos têm direito ao mesmo bem-estar biológico e, portanto, social. Enfim, afirmamos que o indivíduo humano se realiza na defesa competitiva de seus interesses porque queremos viver sem nos responsabilizar pelo fato de que toda individualidade é social, e que somente se realiza quando inclui cooperativamente em seus interesses os de outros seres humanos que a sustentam.

O monge vietnamita, Thich Nhat Hanh, que sobreviveu a três guerras e a mais de trinta anos de exílio, ensina que “a compreensão é a base do amor. Quando se tem consciência, compreende-se que a outra pessoa está sofrendo. Consegue-se ver aquele sofrimento e repentinamente não se quer mais que o outro sofra” (Nhat Hanh, 2002, p. 39). Cada vez que um ser humano sofre, toda a humanidade sofre... Isso é sentir-se conectado, é prova de que somos um só: a Unidade na diversidade.

É objetivo deste trabalho despertar para a necessidade de estabelecermos uma educação para a percepção de que qualquer agressão a qualquer ser é uma

agressão a si mesmo e à natureza planetária e cósmica, porque pulsa a mesma vida em tudo e em todos.

Quando somos capazes de entrar em profundo contato conosco e em contato profundo com outros, entramos em contato com o sagrado que há em nós e em tudo mais. O biólogo e médico Jon Kabat-Zinn²⁴ afirma que a falsa noção de que separados do mundo nos afasta muito de nós mesmos, e nos trancamos numa prisão, e com isso perdemos a capacidade de sermos íntimos, compassivos e de nos conhecermos no sentido mais amplo. Originam-se daí muita dor, sofrimento, guerras - estados que nos custam muito caro, porque criam atrito desnecessário na biologia do nosso organismo e de toda a humanidade, causando desequilíbrio prematuro, doença e morte. Diz o autor que na tradição da ioga, a imagem de uma onda no oceano é freqüentemente usada para transmitir a sensação da parte sendo ligada ao todo. A onda tem sua identidade separada por um curto espaço de tempo, mas no mesmo momento, é uma expressão ininterrupta da água – do oceano, do todo. Como biólogo, diz ele, é assim que sente a própria vida, que vem em pacotes individuais, meu corpo, minha vida, meus problemas, sua carreira e assim por

²⁴ Jon Kabat-Zinn, Ph.D., é fundador e diretor da Clínica de redução do estresse no Centro Médico da Universidade de Massachusetts, um dos primeiros e mais importantes programas de mente/corpo. Escreveu vários livros, entre eles *Full Catastrophe Living e Everyday Blessings*.

diante. Mas tudo isso, de algum modo muito profundo, é a expressão dos processos da vida desenrolando-se em uma continuidade sem interrupções, num todo.

Uma onda do mar é formada por outras ondas. Pelo princípio do relacionamento entre a onda e a água, a onda tem consciência de ser formada por

relacionamento entre a onda e a água, a onda tem consciência de ser formada por outras ondas, mas ao mesmo tempo compreende que é composta de água. Para ela é muito importante entrar em contato com a água, a origem de sua existência. Ela compreende que todas as demais ondas também são feitas de água.

Somos todos manifestação de vida. Pelo mundo dos fenômenos, nós, seres humanos, as árvores, os pássaros, os macacos, o rio, o ar, as estrelas somos todos fenômenos. Existe uma relação entre um fenômeno e outro. Se observarmos profundamente as coisas, descobriremos que uma coisa contém todas as outras coisas. Se olharmos profundamente para dentro de uma árvore, descobriremos que uma árvore não é apenas uma árvore. Também é uma pessoa. É uma nuvem. É a luz do sol. É a Terra, os animais e minerais. O hábito de olhar profundamente nos revela que uma coisa é composta por todas as outras. Uma coisa contém todo o cosmo.

Partindo do princípio de que somos unidade na diversidade, de que somos a expressão da totalidade, fica fácil compreender que somos responsáveis por todos os fenômenos que acontecem para a humanidade, e então podemos escolher entre nos alienarmos ou transformarmos realidades. Como educadores escolhemos o caminho de transformar realidades. Para isso, optamos por **educar** para a **conexão**: para o sentimento de que somos todos interligados e interdependentes. Por isso, o que acontecer a um ser, acontecerá para todos ao mesmo tempo. Talvez assim, consigamos nos curar do mal da separatividade e de todas as conseqüências que nos atormentam como humanidade. Jon Kabat-Zinn relaciona a experiência de cura ao sentimento de **conexão**:

Na minha opinião, a experiência de cura está diretamente relacionada à experiência de ser inteiro, de interligação. Quando você experimenta a sensação de ser inteiro diretamente, invariavelmente está associada com sentimentos de tranqüilidade e de paz e de completa ausência de ansiedade. Não faz sentido uma linha divisória entre você e tudo mais, não há sentido na separação, no distanciamento, na exclusão. Nem na solidão. É como se você fosse o universo inteiro, ligado a tudo sem interrupções. Quando há uma sensação de se estar completamente em casa, essa

²⁵ Trecho adaptado da obra *Jesus e Buda irmãos*, de Thich Nhat Hanh. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Thich Nhat Hanh é monge budista no Vietnã e foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz.

sensação de pertencer ao lugar ou de ligação se torna parte de sua experiência. Não estamos falando de uma filosofia, de um pensamento. Estamos falando da experiência direta em um nível interno, de estar no lugar certo, de intimidade, de paz. É uma experiência total de bem-estar no momento presente, que se incorpora à intemporalidade. O modo pelo qual ela se expressa no corpo é fenomenal porque é um estado de profundo bem-estar, de relaxamento. É um estado tão profundamente psicológico de **conexão** que é misericordioso, espontaneamente aceito, aberto e compassivo. Gosto de pensar que a cura vem de uma sensação de já estar completamente inteiro. Quando você sente o gosto de ser inteiro, seu corpo responde restaurando-se para o maior equilíbrio homeostático possível. A fisiologia é de certo modo levada por essa enorme sensação de fusão com o universo inteiro.

(Kabat-Zini)

Ao associarmos a experiência de cura à **conexão**, podemos inferir sobre o papel da educação para a promoção da saúde e bem estar de educandos e educadores. Os avanços da medicina, os cuidados mais refinados com a forma física e a alimentação têm contribuído para o crescimento da expectativa de vida no mundo. Mas continuam não explicando porque certas pessoas vivem tanto, apesar de terem em princípio um perfil orgânico não recomendável ou não disporem de atendimento médico de Primeiro Mundo, enquanto outros morrem relativamente cedo, depois de anos e anos de dieta, malhação e consumo de remédios e suplementos recomendados por insuspeitos especialistas. A resposta pode estar em como essas pessoas reagem com atitudes interiores de cura cuja influência os cientistas começaram a investigar no fim do século passado. Caso essas atitudes possam nos auxiliar a encontrar mais saúde, a educação para a **conexão** pode fazer

sua parte...

O poder curativo do riso e da alegria é foco de muitas pesquisas no mundo científico. O filme *Patch Adams*, estrelado por Robin Williams conta a história real de um médico americano que usa o bom humor e a alegria como terapia com seus pacientes. O jornalista americano Norman Cousins conta em sua obra intitulada *The Anatomy of an Illness as Perceived by the Patient* (Anatomia de uma Doença percebida pelo paciente) como conseguiu reverter em si próprio o avanço de uma doença degenerativa, a espondilite anquilosante, com o uso intensivo de vitamina C e de uma “terapia do riso” composta por comédias, livros de humor e outros itens do gênero. A partir daí os estudos sobre o tema passaram a ser mais rotineiros e, em

Page 59

conseqüência, numerosos hospitais americanos instituíram “salas de riso” em suas dependências, cuja programação é obrigatoriamente preenchida com comédias.

Poderíamos instituir nas escolas o seguinte anúncio: “ *Prezados alunos e professores, sintam-se livres para se tornarem pessoas com sorriso amplo e bom humor e preencham todos os espaços dessa escola com sua alegria!*”

Dizem que quando conseguirmos dar boas gargalhadas de nossos próprios problemas, eles começam a ser resolvidos...A escola pode ser um local de muitas gargalhadas e de muita seriedade também. Quando nos sentimos conectados e aprendendo, sentimos alegria de estarmos vivos. Sobre a alegria de aprender Paulo Freire(1999, p. 160) nos encanta ao dizer que “ a alegria não chega apenas no

encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Escolher a simplicidade, voltar a atenção para as coisas simples da vida também pode ser uma forma de se encontrar...Diminuir o consumismo exacerbado e eliminar (ou diminuir) o apego às posses materiais e abdicar do orgulho faz com que a pessoa se desfaça de um dos principais motivos de estresse. Além do que, consumir menos nos ajuda a preservar mais o meio natural, diminuir a exaustão dos recursos naturais. No livro *The Observing Self*, o médico Arthur Deikman comenta a esse respeito: a renúncia significa desistir da ligação com as coisas do mundo, uma ligação baseada no desejo de possuí-las. Um mestre zen declarou: a renúncia não é desistir das coisas desse mundo, é aceitar que elas vão embora. O resultado dessa aceitação é a sensação de preenchimento, e não de perda.

Freqüentemente fazemos julgamentos de tudo e de todos. Somos hábeis em julgar pessoas, situações,...Colocar as rédeas no juiz interior é uma das tarefas mais complexas desta vida, mas fundamental do ponto de vista da saúde. Trata-se de desenvolver a aceitação das coisas sem rotulá-las como boas ou más. Isto é quase impossível para nossa cultura, mas podemos desenvolver esta capacidade. O médico americano Jon Kabat-Zinn usa a meditação para ensinar seus pacientes a não julgar.

Aprender a não julgar elimina problemas futuros, mas os criados no passado por esse comportamento precisam ser varridos da mente. Podemos fazer isso ao perdoar. Perdoar significa livrar-se da negatividade impregnada em relacionamentos, tanto consigo próprio como com os outros. O perdão não isenta de responsabilidade

nem aceita os atos de alguém que nos magoou, ao contrário, ajuda a libertar-nos da dor da raiva crônica, da mágoa, da separação e do isolamento.

Tal como o não julgamento, o perdão é uma atitude que pode ser aprendida. A professora Louise Hay (1984) observa que precisamos escolher nos libertar do passado e perdoar a todos, inclusive a nós mesmos. Talvez não saibamos como perdoar e talvez não queiramos perdoar. Porém, o simples fato de dizermos que estamos dispostos a perdoar dá início ao processo de cura. Para nossa própria cura é imperativo que nós nos libertemos do passado e perdoemos a todos.

Sentir a **conexão** com o Todo é sentir amor. *Ame o próximo como a ti mesmo*, já dizia o mestre Jesus. Qualquer um de nós já pôde testemunhar os efeitos salutareos de uma refeição preparada com carinho, de um abraço ou um beijo amoroso, de uma aula amorosamente trabalhada. Quem é capaz de se esquecer daquela professora amorosa lá do tempo de nossa infância? Os seus olhares atentos, a sua face resplandecente de tanto amor iluminavam todo o nosso ser...

As modernas pesquisas no campo da imunologia ²⁶ têm demonstrado que enquanto os sentimentos negativos minam o sistema imunológico, os positivos têm o dom de aumentar sua eficiência. Encarar os outros como extensão positiva da própria família reforça o funcionamento do sistema imunológico.

O Dr. Ornish (1998, p.166) declara que em seus estudos descobriu que “a doença começa com perturbações da energia que só mais tarde se manifestam fisicamente. Em contraste, um dos mais profundos fatores que favorecem o livre fluxo de energia é o amor.”

Um estudo ²⁷ revelou que pessoas com menos laços íntimos de relacionamento apresentavam maiores probabilidades de morrer prematuramente. Outra pesquisa sobre Roseto ²⁸, uma pequena cidade de mineradores na Pensilvânia (EUA), mostrou que o número baixíssimo de mortes por doenças coronarianas não se justifica por hábitos de saúde exemplares: como na maioria dos outros aglomerados urbanos, as pessoas fumavam, comiam muito e faziam poucos

exercícios físicos. O diferencial, segundo os estudiosos, estava no altíssimo senso de comunidade dos moradores: todos se envolviam com os outros, sempre

²⁶ Verificar resultados de pesquisas em ORNISH,D. **Amor e Sobrevivência**: a base científica para o poder curativo da intimidade. Trad. A . Rodrigues.Rio de Janeiro: 1998.

²⁷ Idem Op. Cit.

²⁸ Idem Op. Cit.

dispostos a ajudar. Aqueles que se mudavam de Roseto passavam a apresentar os mesmos índices de doenças coronarianas encontrados em outras cidades. Sentir a **conexão** com o outro pode nos trazer mais saúde e bem-estar.

O estado de Compaixão no qual nos dedicamos ao bem-estar do próximo, tem efeitos extremamente positivos na saúde. Enquanto nos dedicamos a resolver os problemas dos outros, muitas vezes, nos desligamos temporariamente de nossos próprios problemas e do nosso corpo; os medos parecem se dissolver e a paz de espírito toma seu lugar. O Dr. James Lynch (apud Ornish,1998, p. 130) escreve que “amar ao próximo como a ti mesmo não é apenas uma obrigação moral. É uma obrigação fisiológica. Interessar -se pelos outros é biológico. Uma das coisas que se consegue cuidando dos outros é nunca estar sozinho. E quanto mais ligado você está à vida, mais saudável você é.” Assim, o motivo pelo qual o altruísmo pode ser curador, tanto para quem dá quanto para quem recebe, é que dar aos outros com o coração aberto ajuda a curar a ferida do isolamento que parece nos separar uns dos outros.

A carta ao professor, citada no início do capítulo, dizia:
Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos.

Educar para a **conexão** significa ajudar nossos alunos a tornarem-se mais humanos, mais centrados, mais amorosos consigo mesmos, na relação com o outro e com a natureza. Trata-se de **educar** para o intercâmbio energético que há entre tudo que é e está no mundo, para que a *cura* de nossas chagas se processe com muito amor. Mas como fazer para que isso aconteça nos espaços escolares, para que nossos esforços nunca produzam monstros treinados ou psicopatas hábeis? Discutiremos sobre isso nos capítulos posteriores.

Capítulo 4 - Educar para o encontro com o Eu Interior

Iniciaremos esta seção com uma lenda hindu sobre um segredo escondido dos seres humanos, que retrata a própria busca interna de cada um de nós. Com ela apresentamos o capítulo para que cada leitor aproxime-se um pouco mais de si

mesmo, numa tentativa de **educar** para o encontro com o Eu interior. Namáskar!

Uma lenda hindu relata que houve um tempo em que todos os homens eram deuses. Mas eles abusaram tanto da sua divindade que Brahma, o mestre dos deuses, tomou a decisão de lhes retirar o poder divino; resolveu escondê-lo num lugar onde seria absolutamente impossível reencontrá-lo. Mas o grande problema era encontrar o esconderijo. Brahma convocou então um conselho dos deuses menores para resolver o problema: “enterremos a divindade do homem na terra”, foi a primeira idéia dos deuses. “Não, isso não basta, pois o homem vai cavar e encontrá-la”, respondeu Brahma. Então os deuses retrucaram: “Então joguemos a divindade no fundo dos oceanos”. Mas Brahma não aceitou a proposta, pois achou que o homem um dia iria explorar as profundezas dos mares e a recuperaria. Então os deuses menores concluíram: “Não sabemos onde escondê-la pois não existe na terra ou no mar lugar que o homem não possa alcançar um dia.” Então Brahma se pronunciou: “Eis o que vamos fazer com a divindade do homem: vamos escondê-la na maior profundidade dele mesmo, pois é o único lugar onde ele jamais pensará em procurá-la. Desde esse tempo, conclui a lenda, o homem fez volta à Terra, explorou, escalou, mergulhou e cavou, em busca de algo que se encontrava nele mesmo.

(in Brandão e Crei)

Foi assim que nós, seres humanos, iniciamos nossa busca por algo que nos complete, e aparentemente poucas vezes chegamos ao encontro... Talvez porque não saibamos buscar ou não tenhamos aprendido *como* e *onde* buscar. Adentramos no papel da educação: ensinar o caminho das pedras, das montanhas, dos mares...Mas também o caminho interior! Pois nossa essência, além de nosso interior, encontra-se em todos os lugares, basta permitirmos que a **conexão** aconteça.

Conscientes da condição de seres inconclusos que somos, vivemos em busca, de um lado da aceitação de nossa incompletude, e de outro, da esperança do encontro do que nos complete. Portanto, convidamos Paulo Freire (1999, p.153) para nos falar sobre a importância dessa busca: “minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.”

Aprender *como* e *onde* buscar a si mesmo para estabelecer saúde integral dos educandos talvez seja a mais nobre empreitada da educação. Para isso precisamos estabelecer alguns aspectos fundantes de uma ecologia cognitiva que conduza o ser aprendente ao encontro dele mesmo. Estes aspectos vão constituir o ambiente educativo que promova a **conexão**, a interligação e a inter-relação de várias dimensões de ser humano, explorando aspectos racionais, intuitivos, emocionais, corporais, energéticos e espirituais.

Para que possamos explorar didaticamente estas facetas de **educar** o ser humano, vamos abordá-lo no texto em três seções: **educar** o corpo, **educar** o coração e **educar** o espírito²⁹. Abordaremos de forma a apresentá-los separadamente, mas não desarticulados. Corremos o risco de novamente fragmentar, mas tentaremos lançar mão de um feitiço integrativo entre elas, pois como diz D'Ambrosio (1993), no paradigma holístico, a metodologia está sendo elaborada à medida que seus princípios se esclarecem. Embora, continua o autor, estejamos nos primórdios de sua compreensão e aplicação, podemos já vislumbrar o vasto alcance do seu potencial transmutador, na direção de uma atitude integrativa frente ao real.

Educar o físico: Conexão com o Corpo

Falar em **educar** o corpo nos remete a refletir sobre o significado de corpo. Que corpo é esse? É um corpo resultado de um amontoado de partes isoladas,

fragmentadas, ou um conjunto de partes intimamente ligadas e interconectado por meio do qual o ser integral se manifesta? É um corpo-máquina, em que as emoções são consideradas separadas do conjunto de sistemas que a forma?

Para refletirmos sobre estas questões, podemos conjecturar sobre a concepção mecanicista de corpo juntamente com Guerra (1998 p.128):

esta visão de corpo como uma máquina, composta de partes, que desempenham funções específicas não é apenas nossa visão mais comum de corpo, mas é a visão que sustenta o próprio modelo biomédico ocidental contemporâneo.(...) Quem não participou de aulas de educação física cujo

²⁹ Abordaremos nas três seções para que o leitor possa se localizar didaticamente, mas temos a clareza de que o processo é único, global, integrativo.

objetivo principal é o desenvolvimento de músculos e de habilidades competitivas?

Portanto, ao falarmos de corpo é comum termos a impressão de que estamos nos referindo ao corpo máquina, em que bastaria praticar alguns exercícios físicos regulares, não fumar, evitar beber e cuidar de hábitos alimentares e de higiene para que *ele* (ilusão de separatismo) tenha boa saúde. Não estamos negando a importância de todas as indicações de saúde citadas anteriormente, porém acreditamos que saúde integral do ser humano seja alcançada com ações complementares e que considerem este corpo como algo além de um mecanicismo clássico...

Sabemos que nosso corpo não é uma máquina que apenas precisa de uma *manutenção* diária para que tudo ocorra bem. Precisamos falar de um corpo que é um misto de emoções, intuição, sentimentos, pensamentos, energia e

espiritualidade. Para que a **conexão** se estabeleça, precisamos vislumbrar um novo olhar deste corpo. O corpo visto como um *nó de significados*, de lembranças, de emoções, de entendimentos e de memória celular, bioquímica e fisiologicamente integrado do micro com o macrocosmo da manifestação humana. O corpo visto como *fonte de prazer, de relação e conhecimento* (Guerra, 1998).

Considerar nosso corpo como *fonte de prazer*³⁰, em que as carícias, toques, socos, tapas, agressões, desejos, necessidades e sentimentos estão registrados. Isso tudo nos faz corpos com informações de prazer e de dor. Nossa auto-estima, bom-humor e autovalorização podem ser estimulados e desenvolvidos em espaços de aprender. Portanto, podemos aprender a viver com mais satisfação a partir do momento em que soubermos vivenciar isso com mais naturalidade, algo que faz parte de nossa essência: um ser que tem direito e dever de sentir prazer. Talvez assim, possamos vivenciar com mais intensidade e equilíbrio todos os momentos de nossas vidas, desde os mais simples aos mais complexos. Ao sentirmos o valor da prazerosidade, conseguiremos ir ao encontro da satisfação

³⁰ **Prazerosidade** vista neste estudo não como busca isolada de prazer por prazer, de egoisticamente legitimar o direito de usar tudo e a todos a seu bel-prazer, como um egoísmo desatado. Mas o prazer concebido como uma força dinamizadora da aprendizagem com a valorização da auto-estima, da alegria, do aumento das expectativas e do bom-humor dos aprendentes.

dos desejos e necessidades de nós mesmos e de promover a prazerosidade dos

outros, aumentando a solidariedade e a compaixão.

Poderemos então transformar nossas vidas, e ações como trabalhar, estudar e realizar tarefas rotineiras podem se transformar em ações prazerosas, e a vida ganha outro tom: o de viver com mais saúde e mais paz consigo mesmo, com o outro e com a natureza.

Se constantemente registramos tudo que vivemos em nossos corpos, então a educação pode oportunizar formas de informar e desvelar as informações do corpo como forma de promover a saúde integral. É importante que entendamos como o processo de incorporação do prazer (prazerosidade) acontece em nós e que concebamos que o prazer compõe a natureza humana. Então, desejamos aprender a conviver prazerosamente nossos processos de vida! Que a vida se processe com muito prazer!

Corpo visto como *fonte de relação* no sentido de que a vida se dá nas relações. Somos seres relacionais em muitos sentidos. A vida se processa como um emaranhado de relações entre tudo o que o compõe: trocas de matéria e energia. Se não realizarmos trocas com o meio, certamente morreremos. E as trocas nos permitem respirar, nutrir, circular, digerir, filtrar impurezas, realizar controle de meio interno do corpo, emocionar, perceber, pensar, sentir, amar, odiar na tentativa de sobreviver ao manter o todo integrado: corpo-mente-espírito articulados na unidade corporal. Desta forma, podemos estabelecer relações com tudo e com todos ao redor de nós a partir de nossos corpos, mas também conosco para que possamos viver melhor. Estas relações se instituem para que a vida aconteça na nossa corporeidade.

Corpo concebido enquanto *conhecimento* nos faz refletir sobre nossa memória, informações registradas em cada célula como fonte de dados sobre o mundo que nos cerca, e o que cercamos de nosso mundo interior. Nosso corpo visto como poço de revelação do que somos e sabemos. É importante considerarmos o corpo como manifestação do ser humano integral com emoções, sentimentos, intuições e pensamentos registrados corporalmente. Isso tudo forma o conjunto humano de uma beleza única, especial de cada ser. Assim, a beleza manifesta-se

humano, de uma beleza única, especial de cada ser. Assim, a beleza manifesta-se como um dom de ser gente, de ser esse todo integrado que nos dá forma.

Neste sentido, fica muito difícil aceitar a exigência de padrões de beleza impostos pela nossa sociedade contemporânea, em que são exigidos dos corpos verdadeiros sacrifícios em prol de uma beleza imposta, padronizada e estereotipada. Isso nos afasta de nosso Eu interior, pois nos aliena, ao incentivar culto ao corpo apenas como referência externa, de um amontoado de medidas e estética corporal delimitada por uma sociedade que supervaloriza as aparências.

Somos impelidos a artificialmente e invasivamente “retirar rugas”, aumentar músculos, diminuir medidas apenas como forma de sermos mais “bonitos e saudáveis”, e conseqüentemente mais valorizados e aceitos nos grupos. Portanto, fica difícil a aceitação das transformações que o tempo produz em nossos corpos e do que verdadeiramente somos. Corpos saudáveis passam a ser encarados como motivo de sacrifício e de pouco prazer. São mecanismos que de uma forma nos fazem aumentar os cuidados conosco e, de outra, nos afastam de nós mesmos...

Somos muito mais do que nossas células, tecidos e órgãos conseguem nos mostrar. Somos feitos de matéria estelar, que ora se comporta como onda ora como partícula. Somos energia pura que permeia o tempo todo nossas ações e reações a tudo o que nos rodeia! Por não sermos compostos somente de partículas, mas de ondas, somos seres de probabilidades, de incertezas e de condições de transformações evolutivamente muito rápidas, dependendo das situações de

aprendência que vivenciarmos.

Portanto, não somos seres previsíveis. Temos e somos seres de possibilidades infindas, seres multidimensionais e em determinados momentos nos comportamos como sistemas abertos e, em outros, como sistemas fechados para a cognição. Como **educar** este corpo então, diante de tantas características? Precisamos considerar tudo isto, e muitas outras dimensões que ainda não nos damos conta no atual momento, para podermos **educar** o ser para o encontro consigo mesmo.

Conseqüentemente, torna-se imperativo **educar** o corpo para o encontro com o Eu interior, considerando corpo como uma dimensão que compõe o ser, buscando integrar corpo-mente. Podemos vivenciar uma ecologia cognitiva, um clima de sala de aula propício à aprendizagem, priorizando experiências de aprendizagem que considerem que ao sermos corpos aprendentes, que além de serem suportes que refletem as emoções e os sentimentos em nossa comunicação com o mundo, são

Page 67

autênticas comunicações em si mesmos. Quanto mais nos conhecermos enquanto seres aprendentes, em processo de (auto)conhecimento, de ampliação de nossa auto-estima e de aceitação de nós mesmos, mais poderemos nos comunicar com o outro e promover a interconectividade solidária com o mundo.

O educador Rafael Yus (2002, p.204) esclarece sobre o relevante papel de desenvolver em sala de aula vivências que despertem para a conectividade com a corporeidade dos aprendentes, ao assegurar que “os exercícios destinados ao autoconhecimento, à auto-estima e à expressão da corporeidade consistem,

basicamente, em melhorar a comunicação interpessoal, a desinibição ou a não-repressão social por meio do jogo, da dança e de outras atividades que desenvolvam a tolerância e o apreço mútuo em relação aos corpos”.

Recomenda-se, pois, o estabelecimento de ecologia cognitiva para desenvolver o encontro com o eu interior por meio de sensibilização, dinâmicas de grupo, exercícios respiratórios, exercícios de relaxamento e alongamento, visualização, incorporação de técnicas de trabalhos artístico-culturais com música, dança, teatro, expressão corporal, desenhos, dramatizações, entre outros.

Vamos falar um pouco sobre **relaxamento**. Temos uma relação muito estranha com a ação de relaxar. Muitas pessoas associam relaxamento com preguiça, com malandragem. Talvez porque não tenhamos sido educados para a restauradora pausa que precisamos dar ao corpo após as atividades, como a maioria absoluta dos animais faz ao intercalar atividade com repouso para a manutenção da vida.

É nos momentos de ócio, que muitas vezes criamos muito mais do que em situações de extrema pressão. Talvez necessitemos lembrar o Tao

³¹ **Tao** ou princípio fundamental que se manifesta sob a forma do tai chi . Como se pode se manifesta sob a forma de duas forças complementares: Yin e Yang. O Yin é a manifestação receptiva, feminina, terrena e doce da energia e na cor preta no círculo. O Yang, na cor branca, é a manifestação ativa, criativa, masculina, celestial e forte. Como se pode observar, quando o Yin aumenta, o Yang diminui e vice-versa. Mas não existe nem Yin nem Yang absolutos, já que no Yin há um ponto branco e no Yang um ponto preto. Por isso tudo está em permanente transformação e evolução de um oposto ao outro. A tradução mais freqüentemente encontrada para o ideograma *Tao* é “Caminho”. Para WU (1998), o *Tao* é, ao mesmo tempo, o caminho, o ato de caminhar e ainda aquele que está caminhando. Sabemos que encontrar uma definição precisa e exata para *Tao* é tarefa improvável ao ser humano, pois seria nominar o inominável. A partir do momento em que esse *inominável* é a essência primordial de todas as coisas. Segundo BOFF (1998) pode significar o caminho do universo, das coisas e das pessoas, a energia primordial que tudo pervade e orienta. Quando interiorizado na pessoa, continua o autor, significa transfiguração e união com o Todo e com tudo. Já DREHER (1991) afirma que uma tradução literal seria mais ou menos a de marcha pelo caminho da sabedoria, combinando teoria e práxis. Podemos inferir *Tao* como o caminho fluido, sem bloqueios, num movimento circular sem início nem

conduzir a refletir sobre a importância da combinação dos opostos: ocasiões de stress e de relaxamento são complementares no processo da existência humana. Segundo o pensamento chinês, os opostos não são vistos apenas como antagônicos, mas como complementares, formando um par de opostos.

Esta visão de opostos complementares aparece explicitamente em passagens da literatura chinesa, no Tao te king ³², como a seguinte:

Quando os homens reconhecem que a bondade é boa
Então sabem que a maldade existe
Quando os homens reconhecem que a beleza é bela
Então sabem que a feiúra existe
Assim
Ser e não ser se engendram um ao outro
Difícil e fácil complementam um ao outro
Comprido e curto são relativos um ao outro
Alto e baixo se acompanham um ao outro
Som e tonalidade harmonizam um ao outro
Antes e depois sucedem um ao outro
Portanto o sábio
Ensina sem palavras; obra sem agir.
Sem dúvida nada fica por realizar
Quando a existência se manifesta, não se opõe a ela
Age, mas não se apega à sua obra
A obra cumprida, não exige reconhecimento
E é porque não pretende o mérito, não fica
abandonado

(Lao ts é, 2000, p.21)

O segredo de vivermos em um equilíbrio dinâmico seria conseguirmos contrabalançar ativação com relaxamento de nossos corpos. Seria aprendermos como *esfriar a cabeça e dar um tempo* rapidamente, até mesmo no meio de situações extremamente estressantes de nossas vidas. Assim como os animais nos ensinam: tanto atividades de estimulação quanto de repouso são importantes respostas saudáveis.

Assim, para promovermos um ambiente de aprendizagem é importante agenciar vivências estimulantes e desafiadoras, complementadas com experiências

de aprendizagem relaxantes para nossos aprendentes. Espaços em que os opostos estejam presentes, na roda contínua do fluxo de aprender, podem promover mais saúde aos aprendentes.

fim. Seria o princípio ecológico do fluxo contínuo, de um fluir junto com o Universo. Buscar o *Tao* seria agir de modo a não bloquear o fluxo natural das coisas. Agir conforme o *Tao* exige uma tomada de consciência sobre si mesmo e o mundo e, conseqüentemente, uma mudança de atitudes diante da vida decorrente dessa consciência.

³² **Tao Te Ching** : *livro do caminho e da virtude* (séc. V ou VI a.C.), considerada a obra mais importante do taoísmo filosófico e místico atribuído à figura legendária de Lao Tsé.

Segundo estes princípios podemos inferir que a aprendizagem pode ser mais significativa a partir do momento em que a escola oportunizar atividades em que estivermos mais relaxados, mais conectados e centrados em nossa essência interior.

Vivemos num ritmo frenético. Submetemos nosso corpo a estados de muita tensão devido a emoções destrutivas como raiva, medo, culpa, vingança, ciúme e inveja. A partir do relaxamento poderemos promover uma atenção maior ao nosso corpo e diminuir as tensões musculares e o estresse, liberando a angústia que nos atormenta.

Médicos estimam que 80% de todas as doenças psicossomáticas podem ser controladas pelo relaxamento profundo ³³. Pela redução da estimulação do sistema nervoso simpático e ativação do sistema nervoso parassimpático, essa prática pode diminuir batimentos cardíacos, diminuir frequência respiratória, baixar pressão arterial, reduzir hormônios do estresse no sangue, relaxar músculos e acalmar a mente. (ANDREWS, 2001).

Você sente estas tensões em seu corpo com frequência? Como está seu corpo neste momento? Sente os ombros contraídos e pesados? Você estaria disposto a fazer uma experiência de relaxamento neste momento?

Caso aceite, antes de tudo tome consciência de seu estado corporal, suas percepções neste instante, seu estado de tensão. Você consegue perceber seu estado físico?

Depois desta reflexão inicial, registre em sua mente como você se sente agora. Feche os olhos, fique bem à vontade e faça umas três inspirações profundas. Solte os músculos do pescoço e dos ombros e imagine estar num local ideal de descanso, como uma praia ou uma rede na montanha. Permaneça durante uns dez minutos neste estado relaxado. Tome então consciência de seu estado físico geral novamente. Perceba como você está agora, registre suas sensações e percepções neste instante. Que mensagens seu corpo está emitindo neste instante? “*Bem-estar, paz, descontração, tranquilidade, descanso, vigor, harmonia...*” são algumas declarações sobre como se sentem os que estão saindo de um estado de relaxamento.

³³ Conforme Dr. C. Norman Shealy, *The Self-Healing Workbook*, apud ANDREWS, S. *Stress a seu favor*. Porangaba: Instituto Visão do Futuro, 2001.

Certamente a vida muda ao decidirmos praticar relaxamento, diariamente, pela manhã e à noite. Poderemos, por meio da educação, oportunizar um aprendizado simples, mas de grande importância para alcançarmos maior atenção

em nos mesmos. Criar um clima de aprender a partir da atenção e do relaxamento pode favorecer uma **conexão** com o próprio ser, numa tentativa de promover a saúde integral dos aprendentes ao minimizar o estresse diário.

O educador Rafael Yus (2002, p. 202) aborda o papel de uma educação holística para desenvolver nos educandos uma mente alerta, que:

mantém sua **conexão** com o corpo, está capacitada para evitar que esse estresse tenha conseqüências sobre o corpo. Como é bem possível que em nossa prática diária percamos o autocontrole, a **conexão** mente -corpo, é preciso aprender a restabelecer essa união. É aqui que entram em jogo as *técnicas de relaxamento* que a escola deve ensinar dentro da educação do corpo e que todo ensino holístico deve almejar. O relaxamento consiste, basicamente, em exercícios destinados a tomar consciência de nosso corpo e a nos mostrar que somos capazes de controlá-lo em nosso benefício por meio de nossa mente (vontade).

Deste modo, por meio da concepção de autopoiese, em que aprender se dá num processo contínuo de transformações e que aprender é uma propriedade auto-organizadora da vida, podemos afirmar que ao relaxarmos e estarmos atentos ao que nos acontece a cada momento verificaremos mudanças em todo o sistema que somos, e com isso organizamos uma nova forma de ter saúde em sala de aula e na vida, podendo também alterar o meio em que vivemos. Este processo acontece com tanta naturalidade, que freqüentemente o aluno pede para que o professor oriente momentos de relaxamento coletivo em aula para que ele aprenda mais e viva melhor. O próprio aluno passa a praticar automaticamente o relaxamento e a atenção em tudo o que faz em sala de aula e em sua vida cotidiana e com isso controla melhor os momentos de stress a que se submete diariamente, levando a uma melhor qualidade de vida própria e muitas vezes repassando essas práticas às pessoas com as quais convive.

A princípio, parece-nos uma atitude egoísta pensarmos em estar em paz em meio a tanta turbulência do mundo moderno, mas como ser altruísta sem ter o devido centramento para sê-lo? Como poderei orientar se estou desorientado? Talvez ser egoísta em alguns momentos para então ser altruísta em outros, numa circularidade de ações, nos faça melhorar nossas relações conosco e com o outro...

Com muita frequência somos impelidos a nos desconectarmos de nós mesmos. Prestamos pouca ou nenhuma atenção às nossas necessidades corporais mais básicas, tais como beber, dormir, necessidades fisiológicas, descansar, respirar, silenciar...Se damos tão pouca importância às necessidades mais básicas, o que dizer então de nossos desejos e sonhos? Acreditamos no mito falacioso de que quanto mais estressados estivermos, mais produtores seremos. Tudo tem que ser num ritmo tão rápido e intenso, continuamente, que prestamos pouca ou nenhuma atenção ao nosso corpo. Desconsideramos as lições do *Tao*, da complementaridade dos opostos de momentos ora de stress e ora de relaxamento.

O *ter* nos impulsiona muito mais do que o *ser*. Ampliamos nossas necessidades a cada dia e nos tornamos escravos de nossas vontades materialistas cada vez mais...Isso nos cria descontentamento e insatisfação crescentes. Robotizamos nossas ações como se apertássemos um botão acionador do *piloto automático* de nossas vidas, nas atividades e atitudes rotineiras. *Automatizamos* nossos corpos, ações, sentimentos e nossas vidas...

Considera-se ainda que as sociedades industrializadas de nossos dias dificultam a capacidade de concentração, pois nossa vida está cercada de muitos estímulos que conseguem distrair nossa atenção. Somos impelidos constantemente, na nossa vida agitada, a realizar várias atividades ao mesmo tempo com uma simultaneidade invejável, mas das quais temos pouca ou nenhuma consciência. Utilizamos muitos artefatos como TV, rádio e músicas, por vezes num volume alto e ritmos enredadores, que distraem nossa atenção e evidenciam uma fuga de nós

numos ensurdecedores, que distraem nossa atenção e evidenciam uma fuga de nos mesmos.

Deste modo, ampliamos ainda mais a falta de **conexão** entre corpo, mente e espírito, características do homem contemporâneo. Num movimento de ampliação desta fuga de **conexão** interior, nossas relações com o outro ficam prejudicadas. As famílias já não se reúnem tanto quanto em épocas remotas. Lembranças de reuniões de famílias numerosas em que as crianças brincavam juntas, brigavam também, mas tínhamos mais condições de aprender a conviver! Será que a vida não tinha mais graça? Os momentos não eram mais fraternos? O calor humano e a solidariedade eram fatos marcantes de nossas infâncias.

Com isso perdemos a oportunidade de viver com plenitude o momento presente, como se este fosse um verdadeiro presente que nos é dado a todo o

momento pelo Universo. Jean Yves Leloup ³⁴ (2002) nos propõe um rem **atenção**. Para ele, a atenção nos faz sair do inferno que é a ausência do amor, o esquecimento de nós mesmos, o esquecimento do Ser. Estar atento, continua o autor, é descobrir em si a capacidade de evoluir, de se transformar, de se modificar profundamente ao viver o instante em sua plenitude, ou seja, estar presente no momento presente.

Existem várias formas de voltarmos a atenção para o nosso corpo. Temos a possibilidade de fazer com que a **conexão** corpo-mente se processe para que possamos perceber o nível de tensão que nosso corpo acumula. No momento em que procuramos dirigir nossa atenção ao nosso corpo, percebemos o quanto

estamos tensos e imediatamente tomamos atitudes de relaxar a musculatura. O simples fato de tomarmos consciência de nosso estado corporal e aceitá-lo, permite compreendermo-nos e transformarmo-nos em alguém mais conectado, integrado e saudável.

Observamos interessante semelhança no vocabulário grego, na proximidade entre as palavras *proseuchè* (oração) e *prosochè* (atenção).

Convidamos Leloup (2002, p.35) para continuarmos a conversa sobre a arte da atenção, ao afirmar que “a oração não é outra coisa senão a atenção do coração à Presença Una que transforma cada coisa em presente; um reconhecimento agudo e terno dAquele que É em tudo o que é...”

Um ser humano atento é um ser que ora!

Mas como prestar atenção num mundo desatento, que incentiva a desconexão?

Podemos prestar atenção de duas formas: com os olhos físicos, com os quais vemos as coisas visíveis e com os olhos do espírito, com os quais vemos as invisíveis. Ampliar a tarefa da escola: ensinar a ver o visível, mas também o invisível pode ser conseguido a partir do desenvolvimento da arte da atenção. Não aquela atenção mecânica, da preocupação com que o aluno esteja apenas atento ao que o professor fala, mas aprender a estar atento a tudo a e a todos, ao visível e ao invisível, ao presente e ao futuro, também ao passado...Estar atento a si mesmo, ao outro e à natureza!

³⁴ Jean Yves Leloup na obra *A Arte da Atenção*(editora Verus, 2002) chama a atenção dos leitores para a importância da Arte da atenção para viver cada instante em sua plenitude.

Promover a atenção que proporcione a percepção de que a vida é um processo de transformação contínua e que as mudanças são possíveis a todo o momento, favorecendo a aprendizagem continuamente. E por consequência, que todos têm direito à oportunidade de aprender constantemente e se transformar continuamente. Por este construto, se faz imprescindível o olhar atento do professor ao seu aluno para que lhe sejam oportunizadas vivências sucessivas de aprender, e que o professor tenha um olhar atento, pois “estar atento com misericórdia para com os seres e para com as coisas é reconhecer-lhes o direito à sua impermanência, além de sua capacidade para evoluir, transformar-se e mudar”.(Leloup, 2002, p.38).

Ter clareza de que a atenção pode facilitar um retorno ao ser, na medida em que nos proporciona um eterno vigiar do ser em espaços de aprender pode nos tornar seres humanos mais centrados. Não era à toa que os antigos terapeutas e os monges eram chamados de *grandes vigilantes*.

Aliás, a atenção constitui o momento único em que a inteligência e o coração podem estar juntos.(LELOUP, 2002) E não é exatamente disso que estamos falando? Uma educação mais centrada na integralidade, que una o opostos, que unifique o fragmentado e que permita a manifestação de dimensões complementares como razão e sensibilidade?

Portanto, educadores podem tornar-se *grandes vigilantes* em sala de aula, ao conceber cada aprendente como potencial de evolução e aprendizagem, além de estar atento a tudo o que acontece no processo educativo, valorizando as pequenas coisas e entrando em **conexão** maior consigo mesmo e com o aluno para promover um clima de aprendizagem mais favorável e saudável.

Falar em **educar** o corpo nos remete ao que mantém nosso corpo vivo: a **respiração**. Como aprender faz parte do processo de vida e viver saudável tem ligação com respirar corretamente, vamos considerar o valor da respiração em espaços de aprender como forma de promover a aprendizagem, de **conexão** do aprendente com ele mesmo e de promoção de saúde.

Ao fazermos uma pesquisa etimológica, verificamos que todas as línguas antigas usam a mesma palavra para *respiração* e para *alma* ou *espírito*. Vejamos: em latim, *spirare* significa respirar e *spiritus* significa espírito. Em grego, *psyche* significa tanto respiração como alma. Em sânscrito, encontramos a palavra *atman*, em que podemos ver relação com a palavra germânica *atmen* (respirar). Na língua

hindu, descobrimos também que uma pessoa que atingiu a perfeição é chamada de *Mahatma*, cujo significado é de grande alma ou grande respiração. Da doutrina hindu aprendemos também que a respiração é a portadora da verdadeira força vital, o *prana*. Na história bíblica aprendemos que Deus soprou seu hálito divino no torrão de barro que formou e que, ao fazê-lo, deu a Adão uma alma viva.

Respirar, portanto, tem a magia de nos conduzir à nossa essência, à interconectividade conosco e com tudo ao nosso redor. O ato de respirar pode nos conduzir ao Tao: ao caminhante e ao caminhar, também ao caminho...

No que se refere ao corpo, respirar é trocar continuamente: através da inspiração o oxigênio contido no ar é levado ao sangue, e ao expirarmos expelimos gás carbônico. Porém, não é somente um processo físico, mas psíquico; composto por momentos de c âmbio com o mundo: recepção e entrega, do dar e receber. A respiração nos une em todos os aspectos, “é a respiração que nos liga continuamente a tudo que existe. Não importa o quanto o ser humano tente se isolar, a respiração o vinculará a tudo e a todos. O ar que respiramos nos une num todo, quer queiramos quer não. A respiração, portanto, tem algo a ver com “contato” e com “relacionamento”, declara Dethlefsen (1997, p.110).

Você pode estar se perguntando neste momento: por que ensinar a respirar se este é um ato involuntário e natural do ser humano, pois desde o nascimento todos nós o fazemos?

Em contrapartida nós perguntamos a você: Como você está respirando agora mesmo? Vamos fazer um experimento: coloque uma mão no seu tórax, em cima do peito, e a outra no seu abdômen logo abaixo do umbigo. Qual das mãos está se movendo mais? Focalize sua atenção na mão do abdômen. Você sente algum aperto ou contração? Você está com seu abdômen contraído enquanto inspira? Se a mão que está em cima do peito moveu-se mais, você está respirando incorretamente, e uma das coisas mais importantes da sua vida agora mesmo é aprender a respirar da maneira certa!

35

Todos os bebês respiram corretamente, com padrões naturais de respiração abdominal, usando o diafragma. Basta observar um bebê respirando. Eles, assim como os animais, inspiram distendendo o diafragma para baixo, de modo a absorver

³⁵ Este teste foi retirado do livro Stress a seu favor, de Susan Andrews, 2001, p.71.

o máximo de oxigênio nos pulmões, e expiram pela contração do diafragma, puxando-o para cima, de modo a expelir o dióxido de carbono e toxinas para fora dos pulmões.

Mas, quando estamos estressados, começamos a respirar toracicamente, usando não o diafragma, mas os músculos torácicos do peito, preenchendo assim apenas 1/3 dos pulmões. Isso automaticamente estimula o sistema nervoso

simpático junto com a resposta de estresse “lutar ou fugir” ! Resulta deste processo uma queda de energia, sentimo-nos continuamente cansados, ansiosos e deprimidos, com concentração e energia mental baixas. (ANDREWS, 2001).

Por conta de muitos fatores, entre eles as tensões diárias e o stress constante, passamos, quando adultos, da respiração abdominal para a respiração torácica(peitoral). Respiração torácica, usando os músculos do tórax em vez do diafragma, é um reflexo fisiológico natural quando estamos assustados ou amedrontados: é o padrão respiratório da resposta ao estresse, estimulado pelo sistema nervoso simpático. É desse modo que respiramos quando estamos estressados - encolhemos o abdômen ao inspirar. Por isso sentimos ansiedade ao inspirarmos com o tórax.

É prática comum nos dias de hoje, para parecerem mais atraentes, as pessoas usarem cintas apertadas e contraírem o abdômen constantemente. Com isso, vivem num estado de asfixia que desenvolve tensão crônica nas costas, nos ombros e no pescoço, provocando a falta de circulação nos órgãos da parte inferior do corpo.

Uma vez que o abdômen está contraído, há um impedimento à expansão apropriada do diafragma, privando-nos de ar. Para compensar isso, respiramos numa frequência mais veloz, causando hiperventilação, o que cria mais ansiedade. A hiperventilação aumenta o teor de dióxido de carbono no sangue, causando tonteadas, dores de cabeça e até ataques de pânico e derrame. Essa respiração rápida e superficial também produz palpitação cardíaca, asma, problemas gástricos e desorientação mental. (ANDREWS, 2001). Logo, ensinar a respirar corretamente é um dos aspectos mais importantes na manutenção e promoção da saúde integral de nossos educandos.

Os benefícios da respiração diafragmática já são conhecidos em nosso meio. Quando o diafragma move-se em direção ao abdômen todos os órgãos internos são

massageados e empurrados para frente, além de serem banhados com sangue mais oxigenado, especialmente o coração. Com isso, a respiração abdominal profunda estimula o corpo todo a funcionar melhor. “É pela respiração diafragmática que podemos aumentar a purificação e energização dos tecidos do corpo em até quinze vezes”.(Shields, *apud* Andrews, 2001, p.73)

O cérebro, por sua vez, é mais oxigenado e energizado com a respiração profunda. Logo, quando respiramos profundamente, pensamos mais clara e concentradamente.

Organizando espaços de aprender com momentos dedicados à respiração profunda dos aprendentes, teremos aumentado o seu potencial de concentração e reflexão. Disso resulta um ambiente mais propício à aprendizagem e à morfogênese do conhecimento. Além de proporcionarmos momentos de extrema **conexão** dos alunos com sua corporeidade, com seu Eu interior, refletindo em paz, harmonia e solidariedade.

Outra forma interessante para trabalharmos a corporeidade dos alunos pode ser conseguida a partir de técnicas de **automassagem** ³⁶.

Sabemos que muitas pesquisas recentes têm comprovado as excepcionais vantagens da massagem para a saúde. A Dra. Tiffany Field, da University of Miami, publicou numerosos estudos afirmando que a massagem pode acelerar o processo de ganho de peso em bebês prematuros, melhorar a função pulmonar em asmáticos e fortalecer o sistema imunológico, mesmo em portadores de HIV. Num estudo em 1996, verificou-se que os trabalhadores que recebiam massagens duas vezes por semana tiveram desempenhos muito melhores nos testes de eficiência mental do que seus colegas que não receberam.

A automassagem de que iremos falar é derivada da antiga ciência da saúde do corpo/mente/espírito, que tem sido praticada na Índia por mais de 5.000 anos, a Ayurveda. Ela foi especialmente formulada para estimular o sistema linfático, um dos sistemas de purificação de nossos corpos. A linfa remove as toxinas e produtos residuais de cada célula do nosso organismo, movendo-se no seu lento curso apenas pela ação dos músculos. A massagem facilita em muito o fluxo da linfa e, por conseguinte, na purificação de todos os nossos tecidos. Alguns minutos de

³⁶ todas as informações citadas neste item foram pesquisadas na obra *Stress a seu favor*, de Susan Andrews, Porangaba, SP: Instituto Visão Futuro, 2001.

automassagem diariamente irão relaxar os músculos, melhorar a circulação sanguínea e aumentar a oxigenação dos tecidos, promovendo assim o bem estar geral do corpo.

Diante de tantos benefícios da automassagem para a saúde do ser humano e, principalmente, para a promoção da **conexão** dele com sua corporeidade, por que não introduzirmos esta prática, rápida e eficiente, em espaços de aprender?

Poderíamos desfrutar de seus benefícios, tais como relaxar, oxigenar o corpo como um todo, e ainda promover o bem estar geral dos alunos. Isso poderia nos aproximar mais, apaziguar relações inter e intrapessoais e ainda estimular um ambiente de maior concentração, aprendizagem e respeito. As relações pessoais no ambiente escolar transformam-se. Ao considerarmos a automassagem como estimulante e condição favorável à autopoiese, parte de uma ecologia cognitiva que

educa para a saúde integral, estaremos criando uma cultura de mais atenção e cuidado com o ser humano, e portanto, veiculando a idéia de que vale investir em auto-cuidado e auto-conhecimento.

Com isso, o ser humano passa a ser educado para aspectos de sua corporeidade que até então não eram muito valorizados na escola. Além dos exercícios físicos e das recomendações de higiene e alimentação saudável, existe a busca de reduzir o stress e aliviar tensões praticando relaxamento, respiração diafragmática, automassagem e prestando mais atenção em si mesmo. Isso tudo colabora, ao mesmo tempo, para que o aluno aprenda sobre si mesmo em um ambiente mais harmonioso, prazeroso e que a aprendizagem realmente seja (in)corporada.

Nessa perspectiva, **educar** para a **conexão** com o eu interior nos remete a considerar nessa pesquisa as categorias de relaxamento, respiração e atenção no processo de aprender biologia.

Educar as emoções: Conexão com a Mente

Por que falar em **educar** as **emoções** num contexto escolar? Quais as indicações de que aprender a lidar com emoções pode nos ajudar a ter mais saúde e bem estar?

vida pulsa entremeadada pelas emoções. Existimos graças à possibilidade de nos emocionarmos e racionalizar as ações. Saber lidar com nossas emoções nos permite sobreviver e conviver com mais sabedoria. Diz Pierre Weil (2001, p.20) que a paz provém de aprender a administrar nossas emoções: “se você quiser despertar a paz de seu coração, aprenda a lidar com suas emoções destrutivas”.

Despertar a paz em nossos corações e nos corações de nossos alunos talvez seja um dos maiores desejos de muitos educadores. Quem não imagina chegar em uma escola e perceber seus alunos em paz, harmonia, receptivos, aprendendo com as diferenças, conversando sobre coisas agradáveis (ou desagradáveis) de forma a promover o entendimento e esclarecimento de todos? Num ambiente em que a violência, quando existir, seja rapidamente conduzida na direção do crescimento de todos os envolvidos.

Temos ouvido constantes queixas de professores e de alunos a respeito da dificuldade nas relações entre professor-aluno e aluno-aluno nas escolas. Cresce a violência nos espaços escolares, certamente como reflexo de nossa sociedade imersa em várias crises, inclusive a de fundo emocional. Diante disso torna-se evidente a importância de discutirmos o tema emoções nas relações de aprendizagem, pois ou faremos uma revolução emocional silenciosa pela educação ou não iremos muito longe como humanidade. Acreditamos nisso!

As emoções *destrutivas*, como denomina WEIL (2001) podem ser definidas como as que causam conflitos com os outros e consigo mesmo. São, segundo o autor, as expressões internas e externas das nossas neuroses. Uma boa definição de neurótico é a que o descreve como uma pessoa que sofre e faz sofrer aos outros. E afirma que o que faz sofrer é o ciúme, o apego exagerado a coisas, pessoas ou mesmo idéias, a rejeição e a raiva, o orgulho e a indiferença.

Como poderíamos lidar então com essas emoções, já que elas podem causar tantos conflitos?

Grande parte de nós costuma se deixar levar por elas, perdendo o autocontrole. Sentimo-nos com raiva, por exemplo, e neste estado gritamos,

afundamos nossos pés na maioria das vezes as pessoas que amamos e depois nos

prendemos, magoamos, na maioria das vezes as pessoas que amamos e depois nos sentimos culpados e sofremos pelo que fizemos aos outros e a nós mesmos...

Page 79

A nossa educação tende a reprimir essas emoções, a classificá-las como más ou feias. Essa repressão provoca a gênese de formas de mascarar o que sentimos. Assim, no exemplo da raiva, não podemos aceitar a idéia de que somos dominados por essa emoção e passamos a nos apresentar para os outros e até para nós mesmos como amáveis e gentis, nos tornamos pessoas “boazinhas”. Colocamos, segundo WEIL(2001), uma máscara que representa o contrário de nossa tendência destrutiva. Desta forma, não aprendemos a lidar com as emoções e vamos criando couraças corporais, máscaras e várias formas de esconder o que verdadeiramente sentimos. Ao repetirmos essa maneira de ser, depois de meses ou anos acabamos estressados, somatizando as emoções contidas em forma de doença, significando a perda relativa da harmonia do corpo.

Como poderíamos agir para evitarmos o sofrimento provocado pelas emoções destrutivas?

Parece existir um outro caminho , em vez de reprimir ou esconder as emoções, nos indica Weil(2001, p.21), poderíamos “simplesmente tomar consciência dela e deixá-la passar, como uma nuvem de tempestade passa e deixa o sol brilhar de novo e o céu ficar azul.”

Significa que podemos aprender a lidar com nossas emoções, reconhecendo-as e observando seu curso em nosso corpo. Constitui-se de aplicarmos o que vimos

na seção anterior: estarmos atentos a nós mesmos, sempre ocupados em observar nossa respiração, nossos passos, nosso estado corporal de tensão ou relaxamento e principalmente nossas emoções.

E você, leitor, que emoções você percebe estar sentindo neste exato momento?

Talvez este exercício possa ser ensinado aos nossos alunos, para que se torne um hábito nas suas vidas, iniciando em nossas aulas. Por que não? Além de ensinarmos nossos alunos a observá-las, é importante também deixá-los expressar o que observaram, incentivando-os a falar, registrar e socializar o que observaram em si mesmos e nos outros. Este exercício poderia ser vivenciado a partir de trabalhos representados artisticamente com textos escritos, desenhos, pinturas, músicas, paródias, uso de metáforas, dramatizações, interpretações de situações semelhantes, entre outros.

Esta prática pode, efetivamente, ampliar a comunicação entre os alunos e fazê-los perceber que as emoções, mesmo as destrutivas, são constitutivas do ser humano e de *ser* humano. Eles poderão se conhecer e reconhecer no outro, ampliando a aceitação de si e do outro. Quando percebo as representações de meus atos e de mim mesma, fica mais fácil aceitar as representações dos outros! Com isso, eventualmente, aproveitaríamos momentos de aparentes conflitos (individuais e coletivos) para elevar o grau de sociabilidade, despertar o autodomínio e cultivar o discernimento com o uso adequado dos sentidos no empenho para

trabalhar as limitações e possibilidades de cada um no enfrentamento de desejos e frustrações.

É claro que precisaremos de tempo para conseguir bons resultados, mas quanto mais cedo começarmos, mais cedo nos tornaremos livres de nossas emoções pesadas. A verdadeira liberdade pode ser esta! (Weil, 2001, p.21)

Outra forma interessante poderia ser, depois de identificar, registrar e trabalhar as emoções destrutivas que estão aparecendo em nosso corpo, fazermos uma visualização de entrega dessas emoções ao Universo como oferenda de tudo o que está nos perturbando ao meio ambiente, aos céus e à terra, a Deus, à energia cósmica, seja lá o que cada um de nós acredita, mas algo(ou alguém) que esteja disposto a reciclar a energia que desprende de uma emoção destrutiva. Ao fecharmos os olhos, respirarmos abdominalmente com profundidade e visualizarmos em nosso corpo onde a emoção instalou-se e, ao expirar, podemos liberar a emoção sentida e as tensões geradas no corpo.

Que haja um entendimento de que o *Tao* se manifestará e o ciclo de renovação se estabelecerá na espiralidade da vida. No momento em que entregamos emoções que estiverem nos agredindo, poderemos proporcionar o restabelecimento da harmonia em nosso ser. Ter a consciência voltada para as emoções e liberá-las de nossa fortaleza corporal pode trazer a sensação de alívio e limpeza de nosso campo de energia, visto que somos matéria e energia, partícula e onda...Vibramos, então, energeticamente as nossas emoções. Nosso corpo é prova disto.

Por outro lado, além de aprendermos a lidar com essas emoções, poderemos obter mais alegria e harmonia na nossa existência se cultivarmos altos sentimentos tais como a alegria, o amor, a compaixão e a equidade: a alegria de compartilharmos

felicidade com as pessoas, o amor no sentido de querer a felicidade das pessoas ao nosso redor; a compaixão como sentimento de compreensão do outro e o ato de ajudá-lo a aliviar o sofrimento. E a equidade significa o tratamento igual de todos os seres do Universo, sem nenhuma preferência por um ou por outro. (WEIL, 2001)

Ao cultivarmos emoções de amor, amizade, compaixão, bom humor, esperança, perdão, ausência de julgamento e solidariedade, nosso corpo-mente poderá sentir os efeitos. A maioria de nós já pôde testemunhar os efeitos salutares de um abraço ou beijo amoroso. As modernas pesquisas no campo da imunologia têm demonstrado que, enquanto as emoções destrutivas minam o sistema imunológico, as emoções construtivas têm o dom de aumentar sua eficiência.

Francisco Varela (1999, p.61) ao descrever a estrutura e o funcionamento do sistema imunológico, o chama de “segundo cérebro”. Ele faz uma analogia entre o sistema imunológico e o sistema nervoso, salientando que ambos regulam a si mesmos e controlam as reações do corpo em relação ao ambiente. O sistema imunológico, como o sistema nervoso, é capaz de recordar, aprender, e assim se adaptar, não em um sentido cognitivo, e sim em um sentido fisiológico. A interação entre a mente, o sistema nervoso e o sistema imunológico fornece uma base fisiológica para a influência das emoções sobre a saúde. O estudo da sintonia entre o sistema nervoso e as reações imunológicas é chamado de *psiconeuroimunologia* (*psico*= mente, *neuro*= sistema nervoso, e *imuno*= sistema imunológico).

Sabemos da possibilidade de desenvolver efeitos positivos sobre nosso sistema imunológico ao promovermos ações que nos despertem bons sentimentos, tais como os demonstrados num famoso estudo da Universidade Harvard estudantes que assistiram a um filme sobre a vida de Madre Teresa de Calcutá repleto de imagens positivas relativas ao seu trabalho de caridade, aperfeiçoaram a atuação imunológica logo depois da exibição da fita, ampliando sua capacidade de

afastar as doenças.

Várias outras pesquisas ³⁸, citadas por ORNISH (1998), apontam para o fato de que a percepção do amor pode vir a ser um preventivo central biopsicossocial-

³⁷ Estudo realizado pelo Dr. David McClelland em parceria com Kurshnit, publicado como “The effect of motivational arousal through films on salivary immunoglobulin A”. In: **Psychology and Health**, 1988,2:31-52.

³⁸ Estudos feitos em Harvard pelos drs. Stanley King, Harry Russek, Gary Schwartz, Linda Russek e outros, publicados como: I.RUSSEK e SCHWARTZ. Perceptions of parental caring predict health status in midlife: a 35- year follow-up study of the Mastery of stress study. In: **Psychosomatic Medicine**, 1997, 59(2): 144-149.

espiritual, reduzindo o impacto negativo dos agentes estressantes e patogênicos e reforçando a função imunológica e a cura.

Neurocientistas ocidentais ³⁹ estabelecem, de imediato, na mente, uma igualdade entre os estados emocionais, perceptivos ou cognitivos e a atividade neural. De um modo bastante semelhante ao do cérebro humano, no qual faculdades como a memória ou o senso do eu são propriedades emergentes de todos os neurônios, existe no sistema imunológico uma capacidade emergente de manter um corpo e de ter uma história com ele, de ter um eu. Sendo uma propriedade emergente, ela é algo que surge, mas não existe em lugar nenhum. A partir do ponto de vista da psiconeuroimunologia, o corpo também teria uma identidade que é conceitualmente designada, mas não existe em lugar nenhum. Nossa identidade física não está localizada nos nossos genes ou nas nossas células, e sim no complexo das interações.

Vemos, com isso, que podemos estimular a saúde de nosso corpo, nosso bem estar físico e emocional a partir do momento em que conseguirmos cultivar

com uma parte emocional a partir do momento em que conseguimos cultivar emoções boas e tomarmos contato com as emoções destrutivas, reconhecendo-as e transformando-as. Além de estarmos cultivando a saúde de nosso corpo, estaremos estimulando a saúde de nossas relações, ao colaborar para elevar o grau de sociabilidade, despertar o autodomínio e cultivar o discernimento. Certamente não conseguiremos de uma hora para outra, mas vale tentar e tentar novamente a cada situação de vida. Isso é um exercício diário, vivido profundamente em todos os minutos de nosso dia.

E para isso, concordamos que a educação possa colaborar no entendimento dos processos, como também na orientação de como agir diante do que o aluno percebe que sente. Para isso, precisamos proporcionar uma ecologia cognitiva que desperte e incentive a necessidade de saber administrar emoções.

Neste aspecto, concordamos com a educadora Marilu Martinelli (1996, p.56) ao enfatizar a importância da educação em valores humanos. A autora defende que a

2.FUNKENSTEIN et al. **Mastery of stress**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1957.

³⁹ Segundo estudos divulgados por diversos pesquisadores em GOLEMAN, D. (Org.). **Emoções que curam: conversas com o Dalai Lama sobre mente alerta, emoções e saúde**. Trad. Cláudia G. Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

educação pode colaborar para a formação do terreno de experiências em que a criança desenvolverá sua personalidade e formará seu caráter.

A formação do caráter começa pelo equilíbrio do temperamento, que é o

meio de expressão das emoções, modos de sentir e reagir diante das coisas e situações. Assim, é fundamental que a criança aprenda a reconhecer antes as próprias emoções e reações.(...) A educação das emoções passa pelo auto-reconhecimento, que permite reconhecer as próprias ações e as ações de outros indivíduos. Saber estabelecer juízos sobre si mesmo é o primeiro passo para aprender a formar juízo sobre coisas e pessoas e desenvolver a maturação das emoções e a motivação e curiosidade pelo aprendizado. O caráter é formado pelo encontro com o mundo, ou seja, o confronto com as situações, o meio ambiente e as pessoas em geral.

Falar em **educar** as emoções nos remete a comentar sobre educação da mente, de nossas emoções e de nossa consciência de que temos consciência. Cuidar do corpo e das emoções cria condições necessárias para melhor aproveitamento mental. O nível mental é o responsável pela transformação da informação trabalhada em sala de aula, em conhecimento incorporado. Consideramos mente não apenas como mente intelectual ou conceitual. Vamos além, uma concepção mais ampla de mente, em que os aspectos não-mecanizáveis como intuição, emoções e criatividade estão incluídos.

A autopoiese acontece no processo de elaboração das emoções quando o educando percebe as potencialidades de sua mente e descobre suas forças criativas, pois estas se transformam em ações úteis e dignas organizadas por uma mente disciplinada, independente e destemida. Estas potencialidades devem ser colocadas à disposição da satisfação de desejos pessoais, mas também dos anseios da coletividade, caso contrário estará cultivando o egoísmo exacerbado em detrimento do altruísmo, evitando assim a realização de objetivos mais amplos e generosos para a humanidade. Essa concepção de que nossos desejos e anseios pessoais estão acima dos desejos e necessidades do outro, provém da nossa crença da separatividade, em que acreditamos existir separados de tudo e de todos, como se não fôssemos originados e constituídos da mesma essência, da mesma energia. Isso também gera emoções destrutivas.

Podemos aprender a cultivar nosso corpo físico, reconhecer e alinhar nossas emoções, mas mesmo assim continuamos reféns de nossos pensamentos, idéias,

imagens, formas, símbolos e memórias que desfilam em nossa mente numa dança incessante.

Essa é a atividade típica da mente, com infinitas produções e funções bastante úteis para nosso cotidiano. A mente nos permite raciocinar, lembrar, apreciar, comparar, julgar, decidir, avaliar, nos defender. A mente existe para, entre outras funções, defender a nossa existência. Só que de vez em quando ela nos atrapalha bastante, por funcionar demasiadamente, sobretudo se fomos educados para ser intelectuais e hipertrofiamos essa função.(WEIL, 2001)

Nossa mente não pára! Constantemente estamos raciocinando, lembrando, apreciando, comparando, julgando, decidindo, avaliando, nos defendendo, analisando e criando imagens e imagens em nossa mente. É difícil permanecermos com a mente silenciosa, interna e externamente. Ao tentarmos silenciar, muitas vezes ‘emudecemos’ o exterior, mas o interior vira um turbilhão falante e atordoante...

Somos impulsionados a agir pela tormenta em que se transforma nossa mente. Ela se parece com um macaco bêbado saltitante mordido por um escorpião! ⁴⁰

Que podemos fazer para acalmar esse *macaco* e promover concentração e o raciocínio rápido?

Muitos pesquisadores atestam, em estudos, os benefícios da **meditação**. Meditar pode ser uma possibilidade de acalmar a mente, promover concentração,

atenção, raciocínio rápido, despertando emoções tranquilas e harmonia pessoal e coletiva. A saúde pode ser fortalecida com a prática da meditação, dizem as filosofias orientais. Muitas são as vantagens já conhecidas por nossa prática diária, mas talvez a mais marcante seja a paz da mente e do espírito. Não há muito segredo em meditar, talvez o maior deles seja iniciar o processo diário de meditar e dar continuidade a este início, ou seja, disciplinar-se.

Meditar consiste em ficar quieto, recolher-se, adentrar-se e deixar passar os pensamentos e as emoções que aparecem na mente. Significa simplesmente aprender a ter uma atitude aberta em relação a tudo que possa surgir na mente,

⁴⁰ Palavras proferidas por Susan Andrews, socióloga, antropóloga e terapeuta transpessoal no curso de Biopsicologia em Porangaba-SP, no Instituto Visão Futuro, Janeiro de 2002 e divulgado em sua obra *Meditação e os segredos da mente*, Porto Alegre: Publicações Ananda Marga, 2000.

enquanto observamos os movimentos dela. É exatamente esta simplicidade que pode proporcionar momentos de intensa **conexão** com o eu interior e que pode ser aplicado em sala de aula sem muitos requisitos anteriores. ⁴¹ Existem de meditar, uma delas pode ser conseguida a partir da yoga e da dança, em suas formas meditativas, como é o caso de danças circulares, sagradas e o tai-chi-chuan. Podemos aproveitar os benefícios que essas diversas formas meditativas proporcionam em espaços escolares.

Nesse ato de tranquilizar a mente, aparece a verdadeira natureza do Espírito, em que não há separação, pois se vivencia a indivisibilidade do espírito pessoal e do espírito do Universo. O Universo é autoconsciente. A nossa consciência, percebida

pela mente como individual, é na realidade a autoconsciência do Universo. (WEIL, 2001)

Como vimos anteriormente, há uma interdependência sutil entre mente e corpo. Se a atitude mental tem um papel fundamental no desenvolvimento de doenças, ela também pode nos proporcionar saúde com aumento da eficiência do sistema imunológico a partir de uma ideiação positiva a partir da meditação. Da mesma forma como reagimos ao relaxamento, nosso corpo reage em estados meditativos. Nossa reação do corpo-mente é diminuir batimentos cardíacos, baixar pressão arterial em 20% e diminuir ritmo respiratório a menos da metade do normal. ⁴²

Com o corpo todo relaxado, o praticante de meditação pode experimentar um estado de relaxamento profundo, até mais profundo que o sono, acumulando assim, energia para a utilização posterior. O repouso é considerado uma condição básica para a ativação dos processos auto-organizativos e auto-regeneradores do organismo.

A verdadeira paz de espírito se encontra no espaço entre dois pensamentos, lá de onde saem e para onde voltam os pensamentos. É esse espaço que a prática

⁴¹ A meditação da mente alerta, baseada na tradição da meditação Theradavin, é utilizada por Jon Kabat-Zinn na *Stress Reduction Clinic do University of Massachusetts Medical Center*, em Worcester, Massachusetts. Ao ensinarmos a meditação da mente alerta, geralmente pedimos às pessoas que comecem simplesmente se sentando tranquilamente e sentindo a respiração em um ponto do corpo, um lugar onde ela esteja muito perceptível, como no subir e descer do abdômen. Pedimos a elas que simplesmente sintam primeiro a respiração, e depois observem qualquer coisa que se torne predominante na consciência delas. (ZINN, 1999,p.123)

⁴² Pesquisa realizada em 1971, pela Universidade de Harvard,EUA, apud John White, *The frontiers of consciousness*. Citado por Susan Andrews, 2001.

da meditação lhe ajudará a descobrir de modo vivenciado. (WEIL, 2001) Quando se atinge tal condição, a fronteira entre o eu e o mundo se dissolve e, entre outros resultados, a paz interior tem condições de se estabelecer.

Muitas críticas são feitas por pessoas que tiveram um contato superficial com o assunto ou foram mal orientadas sobre meditação. A principal objeção baseia-se na afirmação de que a meditação é alienante e leva à separação do mundo da produção.

Sabemos que o que acontece é exatamente o contrário. As pesquisas sobre o assunto mostram que a meditação tem uma ação direta que melhora o nível mental nas seguintes funções: atenção, memória, equilíbrio emocional, sincronização das ondas cerebrais nos dois hemisférios e rendimento nas tarefas. Como ela desperta nossa plena consciência, é o antídoto da alienação. Com a prática da meditação estabelece-se um espírito sereno, que, diante de um problema tem instrumentos para resolvê-lo pacificamente. Mentes conturbadas, ao contrário, farão o conflito degenerar em violências e agressões.

Discutimos sobre os muitos benefícios de **educar** a mente, provavelmente, o valor maior de **educar** as emoções é o de colocar-nos em contato com nós mesmos - com o tesouro da paz interior e felicidade que estamos sempre buscando fora de nós, como a lenda hindu citada no início do capítulo.

Educar o sagrado: Conexão com o Espírito

*“O propósito da educação espiritual
ao homem obter uma visão do divino na sua
Quando o homem combina essa visão e o espírito de sacrifício*

*A visão da divindade e a
são os dois pólos: um positivo e outro
Unidos, positivo e negativo
ao estado que os torna*

(Sathya Sai Baba, apud Martinelli.

Para falar de algo tão sublime como o sagrado ⁴³, convidan
(1999, p. 135) que define sagrado como “*aquilo que liga*. Ele se une, pelo seu
sentido, `a origem etimológica da palavra ‘religião’ (*religare*-religar), mas ele não é,
em si mesmo, atributo de uma ou outra religião ⁴⁴. (...)”

Acreditamos que o sagrado não implica necessariamente em crença em
Deus, mas na vivência do sagrado como uma realidade e a revelação da origem da
consciência de existir no mundo. Considerando o sagrado enquanto uma
experiência, ele se traduz por um sentimento de **conexão**, daquilo que une(*religare*)
tudo a todos e, conseqüentemente, induz à solidariedade e harmonização por todas
as formas de vida da mãe Terra, com um sentimento de pertença e de compromisso
pela universalidade.

A experiência do sagrado pode ser transcrita como um fio que tece a teia da
vida, que nos traz **conexão** entre os fragmentos de que somos formados. Para
clarear esse entendimento trazemos as palavras do teólogo Leonardo Boff:

Estamos todos juntos num equilíbrio sutil, dinâmico que sempre e
continuamente está se refazendo, aberto para o futuro e para a
novidade. Não é um equilíbrio estático, mas dinâmico, continuamente
reciclando a dimensão caótica e transformando este caos em formas novas

de ordem, de complexidade, vendo a interligação e a religação de todas as coisas entre elas, como um fio condutor que faz, das distintas pérolas, um colar. Posso ter muitas pérolas preciosas jogadas sobre a mesa, mas se não tiver um fio que as amarre, nunca terei um colar. Esse colar é feito pelo espírito, pela espiritualidade, que é nossa capacidade de captar o todo e de fazer sínteses.

Com a vivência do sagrado podemos perceber nosso lugar no mundo e a interconexão da parte no todo e do todo nas partes. Vivenciamos a completude de pertencer à coreografia da mente universal e do ser como expressão da inteligência superior, que opera através do sagrado. Trata-se de divinizar o humano, de

⁴³ A dimensão do *sagrado* compreendida aqui como a re-ligação do ser com ele mesmo e com sua essência divina, presente em seu íntimo, em sua profundidade como manifestação do Universo, de Deus. Experiência do ser humano ligar-se ao cosmo, que dá sentido à vida.

⁴⁴ Esta questão está clara em Nicolescu(1999) ao defender que as diferentes religiões, assim como as correntes agnósticas e atéias se definem, de uma maneira ou de outra, em relação à questão do sagrado. O sagrado, enquanto experiência, é a origem de uma atitude transreligiosa. A transdisciplinaridade não é religiosa nem areligiosa: ela é transreligiosa. É a atitude transreligiosa, proveniente de uma transdisciplinaridade vivida, que nos permite conhecer e apreciar a especificidade das tradições religiosas e areligiosas que nos são estranhas, para melhor perceber as estruturas comuns que as fundamentam e chegar assim a uma visão transreligiosa do mundo. Esta presença do sagrado é, de fato, nossa transpresença no mundo. SE fosse generalizada, a atitude transreligiosa tornaria impossível qualquer guerra de religiões.

manifestar o invisível no visível, de assumir nossa condição de seres espirituais vestidos de humanos.

Seria possível **educar** para algo tão sagrado e divino como a espiritualidade? Como se **educar** para a espiritualidade? O que priorizar em espaços de aprender para que, efetivamente, consigamos entrar em **conexão** com nossa essência, com o sagrado?

sagrado:

Certamente tratar de espiritualidade nos faz retornar ao que é simples, verdadeiro e bom. Neste sentido Martinelli (1996, p. 58) nos remete à reflexão de que “os valores morais e espirituais devem ser ensinados de modo prático e simples, para que a criança os reconheça em si, nos outros e nas situações da vida cotidiana. Não se trata de catequese, mas de estimular a auto-observação, a percepção das sutilezas do pensamento e o conhecimento pela experiência dos valores humanos como naturais e inerentes(...)”

Talvez as respostas sejam simples, mas precisamos de um novo olhar ou nova forma de ver e sentir o ser humano aluno como ser de possibilidades dotado de algo que transcende o físico e o mental, o inter, o intra e o transpessoal. Significa estimular e valorizar o nível intuitivo e o espiritual ⁴⁵ dos aprendentes. I ampliar nossas percepções e termos mais consciência de nossas percepções. Na realidade podemos afirmar que objetos não são inanimados, separados da consciência. O sagrado está se manifestando através de tudo e de todos; isto é ter consciência de **educar** para o sagrado. Nhat Hanh (2002, p. 35) nos alerta para o fato de que “quando toco uma rocha, jamais a toco como inanimada. A árvore é espírito, mente; a rocha é espírito, mente; o ar, as estrelas, a lua, tudo é consciência. Eles são objetos de sua consciência.”

Os meios de comunicação de massa oferecem um bombardeio de informações, imagens, idéias, recados publicitários, notícias deprimentes, cenas violentas... Somos convocados a todo o momento a nos dispersarmos de nós mesmos, a nos desconectarmos de nossas percepções mais sutis, à fragmentação da mente. Por isto é mais do que necessário que se possa de fato estabelecer um

⁴⁵ Adotaremos o sentido de espírito citado por Pierre Weil, na obra A arte de viver em paz, da editora Vozes (1990), ao defender que o homem é uma espécie de transformador de energia, que a converte em suas várias manifestações: matéria, vida e psiquismo sem dualidades, fragmentações ou oposições. Por esse raciocínio, **espírito** é a própria energia no seu estado primordial.

clima de aprendizagem que oportunize a reorganização do Eu interior e colocá-lo num estado de harmonia corporal, psíquica e espiritual.

Se considerarmos o ser humano dotado de espiritualidade e intuição, poderemos estabelecer condições de aprendizagem em que sejam estimuladas estas dimensões do ser humano para que ele desenvolva a **conexão** e assim ele poderá iniciar um processo de escuta interior e de sintonia com os desejos de sua essência. Em síntese, somos pois, a manifestação da totalidade na unidade.

Assim, cada vez que nos interiorizamos, nos conectamos com o Uno, com a espiritualidade, pois a intuição permite a vivência plena das escolhas feitas a partir de orientações interiores. Com isso, há uma abertura de um universo de abundância ilimitada, a intuição e a criatividade fazem, assim, aflorar as habilidades e os talentos, assim como a descoberta da vida espiritual como natural da condição humana. O nível intuitivo abrange tudo que nasce da alma. (MARTINELLI, 1996)

Ficamos muito mais conectados com nossas potencialidades e habilidades a partir do momento em que nossa espiritualidade é desenvolvida. Isto porque abrimos o canal energético de nossa essência com nossa fonte espiritual. O Universo é um grande campo auto-organizador que tudo origina e organiza. Se somos centelha, parte desse todo, então ao nos conectarmos com a energia universal, estamos nos conectando com nossas potencialidades e virtudes.

A educação pode vislumbrar ambientes de aprendizagem organizadores de vivências profundas de espiritualidade. O desenvolvimento do nível psico-espiritual faz com que as energias vitais sigam seu curso natural e harmonicamente. E o desenvolvimento integrado da personalidade nos devolve o sentido de totalidade e universalidade. mesmo conscientes de nossa incompletude. A partir de então.

podemos erguer os pilares da paz em nossos corações, pois a violência e as guerras nascem no espírito dos seres humanos e as defesas da paz precisam ser erguidas no espírito do homem. (WEIL, apud preâmbulo da Unesco, 2001)

Dizem os espiritualistas que estamos aqui para encontrar nosso verdadeiro Eu, que é espiritual, e que somos essencialmente seres espirituais expressos numa forma física. Não somos seres humanos que de vez em quando têm experiências espirituais. Ao contrário, somos seres espirituais que de vez em quando têm experiências humanas.

Page 90

Se, realmente, estamos aqui para descobrir nosso Eu superior ou espiritual, a educação pode favorecer esta descoberta. Precisamos descobrir, por nós mesmos, que temos em nosso interior um embrião de deus ou deusa desejoso de nascer e de expressar sua divindade. Significa conseguirmos aflorar nossa luz interna, que ao ser desvelada e acendida, não cessa mais de brilhar, e cada vez que for alimentada volta a iluminar ainda mais o caminho, o caminhante e a caminhada.

Esta luz é a luz do espírito, que ao ser animada imediatamente reacende a vontade de encontrar o outro e de ajudá-lo a acender sua luz interna, ou seja, colaborar para que outros encontrem seu Eu superior. Neste instante de encontro com o outro, a pergunta que denuncia o diálogo interior do ego “*o que vou ganhar com isso?*” passa a ser substituída por “*como posso ajudar?*” que aponta o diálogo interior do espírito. O espírito é o domínio de nossa consciência em que

experimentamos nossa universalidade. Ao mudar o diálogo interior automaticamente você está indo além do ego e entrando no domínio do espírito.

Embora a meditação seja um dos melhores caminhos para entrar no domínio do espírito, a mudança do seu diálogo interior também dará acesso a ele, ao domínio da consciência onde você experimenta a sua universalidade.

A Escola poderia fomentar a aplicação deste diálogo, desse encontro com o domínio do espírito de cada aprendente, incentivando o voluntariado. Projetos de trabalhos voluntários são maneiras de incentivar a pergunta: “*como posso ajudar?*” e fazer com que os talentos e habilidades pessoais possam ser colocadas à disposição de seus semelhantes.

Não se trata simplesmente de instituir trabalhos voluntários como obrigação do currículo escolar, mas de criar um clima de aprendizagem que possa tocar os corações dos aprendentes e que isso desperte a necessidade de servir à humanidade. Corações tocados, necessariamente desejarão tocar outros corações, e assim a corrente de solidariedade se estabelece. Uma vez que sua luz interna for acesa, bastam pequenos esforços para que ela continue acesa. Lampejos vão cintilar de coração em coração como uma corrente de luz que vai iluminando o mundo.

Ao combinarmos nossa expressão criativa com as necessidades de nossos semelhantes, nossa saúde integral passa a se manifestar em nosso corpo. Sentimos a sensação de prazer, de harmonia, de paz e tranquilidade tomar conta de nós.

Sentimos a manifestação da totalidade, da integralidade. Estamos inteiros,

presentes, em paz! Manifestamos nossa condição de seres espirituais encarnados...Passamos a experimentar nossas vidas como expressão milagrosa da divindade. Não só de vez em quando, mas o tempo todo. Vamos conhecer a verdadeira alegria e o verdadeiro significado da saúde plena - o êxtase e a exultação do próprio espírito.

Em síntese, não podemos separar corpo, da mente e do espírito. Conforme experienciamos neste capítulo, **educar** para o encontro com o Eu Interior significa antes de tudo compreender que somos unidade enquanto manifestação da totalidade. Somos unos com o Uno. Somos Eu em busca do Uno, e para isso temos que nos **educar** para a **conexão**, para a integralidade do físico, da mente e do sagrado. Re-memorando continuamente que nossa essência divina não está escondida *fora de nós*, nas profundezas do oceano, nem no interior da terra. Ela está no nosso íntimo, no mais profundo de nosso ser. E para conseguirmos atingir paz e saúde integral, precisamos da integração do físico, do mental e do espiritual e para isso basta que aprendamos a lidar com nosso corpo, nossas emoções e vivenciarmos a experiência do sagrado.

Para tanto, urge uma educação preocupada em fomentar essas dimensões do ser, em caminhar por caminhos pouco trilhados com novo olhar para o caminhante e para a reveladora **conexão** dele com ele mesmo. Nesse caminhar, ampliar as percepções, ouvir os sinais, registrar emoções, resgatar o sagrado e manifestar a essência para bem viver consigo mesmo e poder ir ao encontro de outros caminhantes no grande caminho da Vida !

Nessa caminhada não estamos sozinhos e é admirável, rico e necessário para nossa sobrevivência aprendermos a nos relacionar com o diferente. Encontraremos muitas idéias sobre **conexão** com o outro no próximo capítulo desse trabalho.

Capítulo 5 - Educar para o encontro com o Outro

nest

(B)

Paradoxalmente, talvez um dos pontos mais difíceis de trabalhar nas escolas seja **educar** para o encontro com o outro e, ao mesmo tempo, essa seria uma das tarefas centrais das escolas, ou seja, **educar** para a **conexão** com o outro, com o diferente, aprender com a diversidade. Ter o foco das suas investidas no papel social da escola: **educar** para a socialização, aprender a conviver.

Nesta busca de aspectos de si mesmo no outro, passamos a acreditar que muitas características do outro não nos interessam e não fazem parte de nosso mundo, basta apenas desligarmos a **conexão**. Porém, estamos sempre interligados, quer queiramos ou não. O Universo conspirou para que ocorresse da forma como foi

que queremos ou não. O universo conspira para que ocorra da forma como foi planejado e as escolas podem favorecer este aprendizado!

D'Ambrosio (1997, p.32) nos convida a refletir sobre a seriedade com que a escola deveria encarar o encontro com o outro, para a promoção de uma sociedade mais sadia:

Na hora em que você encontra o outro e percebe a essencialidade do outro, está dando início a uma sociedade *mais sadia*. Porque a sociedade não é simplesmente o outro com quem você vai brigar, vai competir, vai disputar. Não! O outro é essencial; senão *acaba tudo*.

E, nesse momento, em que a gente supera esse encontro com o outro, reconhecendo a *essencialidade* do outro, nós estamos dando um grande passo para a paz social, no encontro com o outro. Isso é um componente para uma ética: *reconhecer a essencialidade do outro*.

Por tudo isso, verificamos o quanto o encontro com o diferente é essencial, é o ponto de partida para encontrarmos todos os outros diferentes, e sem desenvolvermos a capacidade de trabalhar e aprender com o diferente, a espécie humana se extinguirá. Portanto, prezar a individualidade é necessário nas relações, porém reconhecer que não somos nada sozinhos é sabedoria.

Diversas vezes, em espaços de aprender, nós professores desconsideramos a sabedoria de nossos alunos, seu saber produzido na convivência com outros diferentes. Tão diferentes que fica difícil aceitar a possibilidade de que tenhamos algo a aprender com eles. Desta forma, perdemos a oportunidade de aprender muito com eles e de valorizá-los pelo que são e sabem. Todos saem perdendo com essa atitude, pois se aprendemos no encontro, ao descartarmos a forma como nossos alunos vêem o mundo, diminuímos nossos horizontes...

Um educador pode ampliar ou reduzir a leitura que seus alunos têm do

mundo; vai depender da sua visão de educação. Paulo Freire (1999, p. 138) exemplifica muito bem as conseqüências danosas ao processo de aprendizagem da visão distorcida de educação de alguns professores:

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento.(...) saber escutá-lo não significa concordar com ela, a leitura do mundo ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, *com* o educando e não *sobre* ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo.

Considerar o valor da socialização nos processos de aprendizagem nos remete a avaliar como se dá a morfogênese do conhecimento a partir da interação.

Interagindo com os colegas de classe e com o próprio professor, o educando amplia as possibilidades de elaborar o conhecimento, significa tomar a *leitura de mundo* de todos os envolvidos no processo, professor e alunos, como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade como um dos impulsos da morfogênese do conhecimento.

Portanto, a auto-organização do conhecimento se dá com mais dinamismo e significado quando impulsionada pela relação com os outros, e por isso as dimensões do aprender a ser e do conviver precisam ser cultivadas e aprimoradas nas vivências e experiências do aprender.

Aprender a viver em conjunto significa, antes de qualquer coisa cultivar o respeito pelas normas que regem as relações entre os seres de uma coletividade.

Porém, estas normas devem ser realmente compreendidas, negociadas e admitidas

interiormente pelo ser individualmente e não percebidas como pressões externas. Porém, não significa apenas tolerar o outro em suas diferenças; nem se curvar diante de seus desejos e preferências; nem separar sua vida interior de sua vida exterior; muito menos fingir ouvir o outro sem mudar em nada suas convicções. Nesse caso, não há **conexão**, há apenas uma tolerância, e isso não promove o crescimento e a evolução da consciência, da ética e da solidariedade.

A atitude transdisciplinar pode ser aprendida, segundo Nicolescu(1999, p.145). Porém, ela é inata, na medida em que dentro de cada ser há um núcleo sagrado, intangível, que ao validar as experiências interiores de cada ser na direção de cumprir as normas estabelecidas, essas serão respeitadas. Conforme o autor:

Há aí um aspecto capital da evolução transdisciplinar na educação: *reconhecer-se a si mesmo na face do Outro*. Trata-se de um aprendizado permanente, que deve começar na mais tenra infância e continuar ao longo da vida. A atitude transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional nos permitirá assim aprofundar melhor nossa própria cultura, defender melhor nossos interesses nacionais, respeitar melhor nossas próprias convicções religiosas ou políticas. A unidade aberta e a pluralidade complexa, como em todos os outros domínios da Natureza e do conhecimento, não são antagônicas.

Sugerimos que o ambiente de aprender, as ecologias cognitivas, sejam contempladas com vivências de aprender que integrem a consideração e a valorização das diferenças dos aprendentes, com todas as riquezas que o diferente pode proporcionar ao grupo. A partir da assimilação das dores e alegrias do outro e do seu valor, a cooperação e a solidariedade revelam-se nos espaços de aprender.

Por serem aceitas no grupo, as pessoas tornam-se mais alegres, mais saudáveis também, e estaremos mais perto da esperada paz individual e coletiva. Existe uma identificação com o bem estar do outro. Como nos afirma Fialho (2001 p. 197) “é preciso que o processo educativo não transmita certezas, seja agradável e significativo, privilegie a expressão e a comunicação de todos os participantes,

promova o encontro, a convivência e a cooperação.” O que desejamos para nós, passa a ser desejado para o outro também, porque estamos interagindo com o coração. Acontece, então, a evolução de uma consciência de responsabilidade pela vida individual, coletiva e da natureza.

Um dos requisitos básicos da prática do aprender a conviver nos resgata a necessidade urgente de trabalharmos as emoções de nossos educandos. Isso nos leva a um ponto crucial na educação: a amorosidade. Com a amorosidade, vem o

Page 95

despertar do *saber cuidar*, defendido por Leonardo Boff (1999) como essencialidade do fenômeno social:

O amor é o fundamento do fenômeno social e não uma consequência dele. Em outras palavras, é o amor que dá origem à sociedade; a sociedade existe porque existe o amor e não o contrário, como convencionalmente se acredita. Se falta o amor (o fundamento) destrói-se o social. Se, não obstante, o social persistir, ganha a forma de agregação forçada, de dominação e de violência de uns contra os outros, coagidos a encaixar-se. Por isso sempre que se destrói o encaixe e a congruência entre os seres, destrói-se o amor e, com isso, a sociabilidade. O amor é sempre uma abertura ao outro e uma com-vivência e co-munhão com o outro.

Ao refletirmos sobre a importância do outro, nos deparamos com a afirmativa de que quando você ajuda os outros, está ajudando a si mesmo. Visto desta perspectiva, ajudar os outros – não ser egoísta – é a mais egoísta de todas as atividades, pois é o que nos ajuda a nos libertar da solidão, do isolamento e do sofrimento. Compaixão, altruísmo e serviço são partes de quase todas as tradições religiosas e espirituais. Estarmos conectados a nós mesmos para então nos conectarmos ao outro é passo fundamental para promover a intimidade entre os

conectamos ao outro é passo fundamental para promover a intimidade entre as pessoas.

Daí descobrimos que a verdadeira liberdade está em escolher a interdependência(**conexão**), e não a escolha falsa entre dependência e independência.

Nas palavras de Paulo Freire, o encontro com o diferente pode nos favorecer o pensar certo, ver com acuidade, ouvir com respeito e recusar posições dogmáticas. Atitude de quem não se sente dono da verdade nem objeto acomodado do discurso alheio que lhe é autoritariamente feito, mas:

atitude correta de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e a discordar. Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

(FR)

Vários estudos científicos⁴⁶ têm demonstrado o valor da compaixão, do altruísmo e do serviço na vida das pessoas. No estudo da Tecumseh Health Community⁴⁷, quase três mil homens e mulheres foram estudados num período de

nove a doze anos. Depois de ajustes de idade e vários fatores de risco para a mortalidade, os homens com alto teor de nível de relacionamentos e atividades sociais apresentaram menor probabilidade de morrer durante o acompanhamento. Algumas atividades sociais eram mais protetoras do que outras. Os investigadores descobriram que atividades ligadas a trabalho voluntário, ajudando outras pessoas pelo menos uma vez por semana, apresentaram probabilidade duas vezes e meia menor de morrer durante o estudo, comparados com os que nunca haviam exercido esse tipo de atividade. Em outras palavras, *os que ajudavam os outros viveram por mais tempo..*

Em outro estudo, na Universidade de Cornell⁴⁸, foram acompanhadas mulheres casadas, com filhos, durante trinta anos, a partir de 1956. Quando começaram os estudos, os pesquisadores aventaram a hipótese de que mulheres com maior número de filhos estariam sujeitas a maior estresse e a um menor número de opções, e desse modo teriam maior probabilidade de morrer prematuramente. Verificaram, com surpresa, que as mulheres que pertenciam a organizações de voluntários viviam mais tempo. Outros fatores, tais como número de filhos, o fato de trabalhar fora ou só em casa, graus de instrução, classe social e assim por diante, não afetam a longevidade. Especificamente, 52% das mulheres que não pertenciam a uma organização de trabalho voluntário, trinta anos mais tarde apresentaram maior incidência de doenças, comparados a 36% das que pertenciam a esse tipo de organização.

Assim como o estresse crônico pode prejudicar a função imunológica, altruísmo, amor e compaixão podem fortalecê-la.

Quanto mais amor alguém sente por si mesmo, mais amor tem para dar aos outros...Citamos Ornish (1998, p.97) para refletirmos sobre o valor do amor na promoção da saúde e bem estar das pessoas:

⁴⁶ Todos estes estudos estão relatados na obra de Dean Ornish, *Amor e Sobrevivência: a base científica para o poder curativo da intimidade*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁴⁷ Citado por ORNISH (1999). HOUSE, J.S. LANDIS, K.R. e UMBERSON, D. Social relationships and health. In: **Science**, 1988, 241: 540-45.

⁴⁸ Citado por ORNISH (1999). MOEN, P. DEMPSTER-McCLAIN, D. e WILLIAMS, R. M. Successful aging. *The American Journal of Sociology*, 1992, 97: 1612-38.

in: *American Journal of Sociology*, 1995, 97: 1012-38.

Page 97

Para mim, aprender a abrir o coração e ter intimidade com outra pessoa continua a ser uma experiência curadora de grande força. É claro que este é somente um dos caminhos para a cura e para a intimidade.(...) Estou aprendendo que o segredo da sobrevivência é o amor. Quando amamos alguém e nos sentimos amados, de certo modo nosso sofrimento diminui, nossas feridas mais profundas começam a cicatrizar, nosso coração começa a se sentir suficientemente seguro para ser vulnerável e para se abrir um pouco mais. Começamos a experimentar nossas emoções e a sentir as emoções das pessoas à nossa volta.

O Dr. David McClelland e seus colegas⁴⁹ realizaram uma fascinante estudos que demonstram a importância dos relacionamentos na imunidade.

Mostraram a estudantes um filme sobre o trabalho de Madre Teresa com os pobres doentes e moribundos das piores áreas de Calcutá. Outro grupo de estudantes assistiu a um filme de caráter mais neutro. Em média, os que assistiram ao filme de Madre Teresa apresentaram um aumento significativo nos anticorpos, o que não aconteceu com os que assistiram ao outro filme. Ou seja, o simples fato de assistir a um filme no qual alguém personifica altruísmo favoreceu a função imunológica.

Os citados estudos nos mostram que voluntários não só vivem melhor, como podem viver por mais tempo, às vezes apresentando uma repentina explosão de endorfinas, neurotransmissor encarregado de promover a sensação de prazer em nosso corpo, aumentando o sistema imunológico. Essa sensação agradável produzida pelo ato de ajudar o outro é parte de um contexto mais amplo: qualquer coisa que nos ajude a escolher livremente a transposição das fronteiras do isolamento nos dá prazer. A possibilidade de escolha, no caso do voluntariado, é

diferente da obrigatoriedade. Nesse caso, quando alguém é pressionado ou coagido a satisfazer as necessidades de outra pessoa, a alegria de ajudar e os benefícios para a saúde são comprometidos, ou até mesmo contraproducentes.

Resumindo, há evidências de que o amor é curativo. O médico e cientista Dr. Ornish comprova por meio de vários estudos que “o amor promove a sobrevivência. Dar e receber carinho são atos afirmativos da vida. Qualquer coisa que nos faça sair de nós mesmos é curativa.” (1998, p. 74)

Ir ao encontro e conectar-se à natureza planetária e cósmica também é curativo. É sobre isso que iremos refletir no próximo capítulo.

⁴⁹ Citado por ORNISH (1999). McCLELLAND, D.C. e KURSHNIT, C. The effect of motivational arousal through films on salivary immunoglobulin A . In: **Psychology and Health**, 1988, 2: 31-52

Capítulo 6 - Educar para o Re-encontro: O Eu e a Natureza

*Quando você sentir a r
Pe
'
Quando você sentir a si me:*

Vi
(I

Sentir o vento suave no rosto, o canto dos pássaros, o movimento das árvores, o azul do céu, o passeio das nuvens, o cheiro da terra, as cores do arco-íris imbricadas no perfume das flores. a música da natureza. o frescor da água. o

brilho das estrelas, o calor do sol e o pulsar da natureza como parte de nossa essência, certamente nos leva a agir com harmonia. Porém, ao nos percebermos como parte de tudo isso, como centelha desse todo e mais um fio da teia de relações que forma a natureza planetária e cósmica, nossa vida transforma-se e nos tornamos mais saudáveis. Passamos a viver com mais harmonia, pois nos sentimos natureza ⁵⁰.

Convidamos Diane Dreher(1991, p.136) para relacionar esta percepção de sermos natureza com saúde integral, ao nos contar que:

Os antigos chineses viam cada pessoa como um microcosmo, um mundo em miniatura. Em descrições complicadas, equiparavam nossas cabeças com o céu, nossos pés com a terra, nossas veias com os rios, nossos muitos ossos com os 365 dias do ano, nossas emoções mutáveis com o clima mutável. Para eles, as doenças nos seres humanos, bem como as desordens no mundo, eram causadas pelo desequilíbrio.

Portanto, ao nos percebermos como integralidade, incorporaremos a natureza em nós mesmos e nós mesmos na natureza, e assim virá a saúde integral. Nossas relações serão de mais respeito e mais solidariedade. A paz brotará de nosso interior...Nosso olhar brilhará intensamente e nosso semblante ficará mais radiante. Refletiremos essa condição e passaremos a agir como seres conectados ao Universo: filhos da terra e do céu, irmãos do sol e da lua...

⁵⁰ **Natureza** expressa como combinação da Natureza Planetária e da natureza Cósmica. **Natureza planetária** considerada como a formação dos elementos que compõem a natureza da nossa mãe Terra, Gaia, enquanto sistema vivo de relações entre flora, fauna, água, ar, terra e fogo. **Natureza Cósmica** como o berço de tudo, força criativa que a tudo e a todos origina, embrião da vida que se manifesta no Universo.

Podemos nos perguntar como a educação pode auxiliar a nos sentirmos parte da natureza para vivermos com mais saúde. Não existem respostas prontas, mas podemos trocar idéias a respeito e colocá-las em prática, numa efetiva práxis auto-eco-organizativa.

Para sermos capazes de desenvolver nossa **conexão** com a natureza planetária e cósmica, seria apropriado aprendermos a escutar os “sons da Terra”, em que os animais se manifestam, os vegetais revelam-se, o vento soa sua música, as ondas do mar mostram seu movimento, a chuva refresca os dias ensolarados e o silêncio da montanha e o brilho das estrelas orientam nossos passos no mesmo ritmo do pulsar de nossos corações...Essa **conexão** implica nos vermos como um dos fios dessa imensa rede de relações que cria a vida no planeta, que é vivo, um organismo vivo, Gaia ⁵¹.

Segundo a Hipótese de Gaia, a Terra é um ser vivo. Esta hipótese foi lançada a partir de uma visão sistêmica dos organismos vivos, em que a interdependência, a interconexão, as relações complexas e não lineares entre as partes e o todo sistêmico formam o planeta como um ser vivo que pulsa, sente, vibra e se auto-organiza constantemente.

Essa auto-organização acontece através de processos variados e articulados de natureza complexa. A Terra manifesta-se como um ser planetário vivo onde a troca de matéria e energia se processa em ciclos contínuos, entrelaçando todos os componentes do sistema: inanimados e animados, plantas, microrganismos, atmosfera, água, solo, onde o ser humano é mais um entre os inúmeros outros elementos do sistema.(VIANA e HÖEFFEL, 1998).

É exatamente isso que sentimos ao observar e interagir com a terra, com todos os seus elementos integrados. Nesse sentido, podemos observar o movimento de dia e noite, das ondas do mar, sol e chuva, as estações do ano e todos os ciclos naturais como demonstração do pulsar da vida desse ser Gaia. Essas referências

⁵¹ Em 1979, o bioquímico James Lovelock lançou um livro pela Oxford University Press intitulado **Gaia**, em que sugere a hipótese da Terra como um organismo vivo. Seus estudos desenvolvidos em parceria com a microbióloga Lynn Margulis, foram o resultado de pesquisas desenvolvidas para a NASA, que necessitava de parâmetros para identificar a vida em outros sistemas planetários. Para isso, segundo Lovelock, era imprescindível entender o que era vida e sua evolução no único lugar acessível - a Terra. Ao analisar o meio ambiente planetário e a trajetória evolutiva da vida no planeta, Lovelock chega à conclusão de que a Terra como um sistema integrado foi e é capaz de regular o meio ambiente para gerar e manter as condições necessárias para o surgimento e a manutenção da vida, permanecendo num estado de não-equilíbrio químico e termodinâmico.

dão ao ser humano uma grande responsabilidade: a de ser co-criador da vida. E essa condição impõe a necessidade de estarmos conscientes de nosso poder, que pode ser usado para a destruição ou para a construção. Depende da escolha que fizermos.

A consciência do poder de criação pode resultar num conjunto de ações de cuidado com a Terra, segundo Leonardo Boff (1999, p. 135), cuidado com o próprio local em que vivemos:

O cuidado com a Terra representa o global. O cuidado com o próprio nicho ecológico representa o local. O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça aberta para o infinito (global). O coração une chão e infinito, abismo e estrelas, local e global. A lógica do coração é a capacidade de encontrar a justa medida e construir o equilíbrio dinâmico. Para isso cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura. Precisa conhecer os irmãos e irmãs que compartilham da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais, das mesmas fontes de nutrientes; precisa conhecer o tipo de plantas, de animais e microorganismos que convivem naquele nicho ecológico comum, precisa conhecer a história daquelas paisagens, visitar aqueles rios e montanhas, frequentar aquelas cascatas e cavernas, precisa conhecer a história das populações que aí viveram sua saga e construíram seu habitat, como trabalharam a natureza, como a conservaram ou a depredaram, quem

são seus poetas e sábios, heróis e heroínas, santos e santas, os pais/mães fundadores da civilização local.

Isso tudo significa cuidar do próprio local com a vontade de cuidar do global, ao entender que somos continuidade com o planeta, em que nosso corpo representa os braços da própria Terra. Neste caminho vale agirmos como unidade de corpo, mente e espírito a descobrir as razões para conservar o planeta e fazê-lo desenvolver, respeitando a dinâmica da sustentabilidade. Denota entender que o que atinge nosso corpo atinge também a terra. Portanto, todas as ações que consideramos benéficas para nós, valem para Gaia e vice-versa.

Educar nesta direção compreende realizar a união do visível ao invisível, do finito ao infinito, do coração à razão. Para tanto, não basta fazer pesquisas científico-culturais mecanicistas e fragmentadas sobre os ecossistemas locais. É preciso despertar o senso de inter-relação entre os seres humanos que a estão estudando e a natureza estudada, verificando a relação entre sujeito, objeto e processo.

Para isso, a transdisciplinaridade poderá embasar os trabalhos, pois os estudos locais estarão interligados aos estudos globais sobre o planeta. Os

costumes das comunidades locais, sua cultura, sua história, as pessoas que fizeram essa história e seus sonhos serão foco das investigações. Os aprendentes serão levados a sentir a **conexão** deles mesmos com o ambiente local e global. Para tanto, todos terão condições de aprender sobre eles mesmos a partir do estudo do ambiente. O respeito, a solidariedade e a ética do diferente brotará com o

aprofundamento da percepção de que o aprendente e o próprio estudo que ele faz a respeito da natureza.

Aprenderemos com o diferente, estaremos passando da arrogância que nos traz o saber pronto, acabado e incorporado para a humildade da eterna busca do saber, conforme nos ensina Ubiratan D'Ambrosio(1997). Sabedores de que nossa verdade é apenas mais uma verdade dentre tantas, nos tornaremos seres mais receptivos e menos egóicos, menos *donos da verdade*. Com isso, estaremos incorporando atitudes de eternos aprendizes, pois quanto mais pesquisarmos, mais nos encontraremos com nossa própria ignorância.

Não podemos respeitar e preservar o que não conhecemos e o que não amamos. Por isso, o ambiente de aprendizagem oferecerá possibilidades de aprendizagem que integrem emoção, sensibilidade, razão e intuição. Que estas experiências de aprendizagem sejam pautadas no estudo da Natureza através da ciência transdisciplinar e na compreensão de que a natureza não pode ser concebida fora de sua relação com o ser humano.

Vivenciar uma ecologia cognitiva embasada nestes princípios significa que a corporeidade estará presente no processo. O aprendente será levado a experienciar a natureza com todos os seus sentidos integrados ao ambiente, visto que ele aprende com o corpo todo. Para tanto, não é satisfatória a prática de aulas passeio com a visão mecanicista de apenas observar o ambiente e fazer relatórios racionais das visitas. Além disso, é necessário que os aprendentes realmente sintam-se conectados ao ambiente natural a partir de experiências de relaxamento, respiração, meditação e integração com a natureza. Isso pode ser feito a partir de momentos de interiorização e de exteriorização, ao fazermos as aulas em ambientes naturais em contato direto com rios, cachoeiras, florestas, mares, entre outros ambientes.

Doravante, os materiais utilizados em aula podem ser naturais, para que tenhamos o contato com a terra também nos espaços de sala de aula. Estes objetos, brinquedos e outros poderão ser feitos de materiais derivados da natureza que

denotem a idéia de vínculo com o mundo natural. Assim, um espaço de aprendizagem poderia oferecer tão poucas coisas acabadas quanto possíveis, tais como pedras, conchas do mar, varetas, objetos de argila, folhas, flores, cristais, papel, madeira, pedaços decorativos de tecido e pequenos materiais retirados da natureza. Esses materiais poderiam oferecer a oportunidade de nos remeter a um tempo em que o mundo natural determinava o contexto de todas as atividades humanas, incluindo recreação e aprendizagem. Certamente, a **conexão** com a natureza será vivenciada e incorporada.

Assim, a criatividade das crianças poderá ser aguçada e o contato pode resgatar a relação do ambiente da sala de aula com os contos de fadas, mitos e histórias em que montanhas, rios e árvores descritos existem para elas ainda hoje. No caso dos adultos, nos permitiria entrar em contato com nossa criança interior ao vivenciarmos momentos de contato com esses materiais.

Porém, apenas cercar as crianças com materiais naturais não garante que o processo de identificação com a natureza se instale; é preciso oportunizar a interação com esses materiais de modo significativo, como através da arte (artes manuais, artesanato, pintura, dramatizações, música, expressão corporal, dança, entre outros...) para apoiar a expressão criativa das crianças e desenvolver sua corporeidade.

Outra forma de garantir um espaço de contato do ser humano com a natureza pode ser feito a partir da jardinagem. Muitas vezes, em espaços urbanos perdemos a **conexão** com o meio natural e a concepção de que nossa sobrevivência depende dos cuidados dispensados à terra distanciou-se de nossa rotina diária de comprar alimentos nos supermercados

alimentos nos supermercados.

Hutchison (2000, p. 144) reafirma a importância de proporcionar momentos de contato com o natural a partir da jardinagem:

cuidar de um jardim reforça valores básicos relacionados à responsabilidade e a cuidados, mas esse exercício também envolve ativamente as crianças em um estudo contínuo sobre os processos cíclicos de crescimento, de decadência e de renascimento da vida. Como jardineiras, as crianças correm risco quanto às conseqüências de seu trabalho e isso, por sua vez, ajuda-as a desenvolver uma apreciação mais profunda pelas exigências de nutrição das coisas vivas.(...) quando esses projetos são executados ao longo de vários anos, uma ligação genuína é forjada entre os esforços de jardinagem das crianças e os objetivos morais (relativos ao caráter) de instigar valores ecologicamente sensíveis e habilidades relacionadas à interação das crianças com a natureza.

A atividade de jardinagem, além de ser importante atividade por si mesma, pode também servir de referencial de estudo da comunidade local nas escolas. Existe a possibilidade de fazer estudos locais e globais sobre várias práticas culturais e históricas que estabelecem os elos entre os alimentos, a comunidade e a ecologia. A comunidade local, juntamente com os pais e a família das crianças, pode participar de momentos de colheita e partilha dos alimentos cultivados, pois isso aproximaria os adultos das atividades escolares e da natureza.

Ao focalizar os alimentos como um sistema cultural e ecológico de trocas, as crianças podem aprender sobre as conexões que podem ser feitas entre a prática ecológica da jardinagem e as práticas culturais/históricas de cultivar, de preparar e de repartir a comida.(HUTCHISON, 2000)

Poderemos confrontar e complementar o saber popular com o saber

científico. Assim, não bastam as longas explicações racionais sobre o objeto de estudo, mas as vivências corporais desta pesquisa, desde o uso de dramatizações de lendas e mitos locais, visitas e entrevistas a pessoas mais idosas e de várias origens da comunidade com coração e ouvidos abertos, de corpo inteiro. Interessante também fazer um estudo de fotos e objetos antigos dos locais, sua história e memória coletiva e representar artisticamente os resultados das pesquisas.

Além disso, o estudo das várias formas naturais (esferas, hexágonos e listras) pode levar ao interessante mundo da matemática com a investigação sobre diversos tamanhos e formas e buscar padrões repetidos em uma variedade de escalas, do macro ao microscópico mundo natural. Além do que, o estudo das cores primárias presentes na natureza pode colaborar para a investigação das estratégias de sobrevivência utilizadas pelas variedades de animais e vegetais no mundo natural. Portanto, todas as áreas do conhecimento podem colaborar para o entendimento de um contexto ecológico, desde que empenhados em conceber o ser humano como parte indissociável do meio natural.

Valem ainda registros de observações do ambiente natural atual e compará-los com os antigos, para que percebam que o ser humano é o responsável pelas mudanças, e que ele poderá responsabilizar-se pela continuidade ou não do processo estabelecido até o presente. Isso também colabora para verificar que na

relação com o ambiente adquirimos hábitos, padrões de comportamento e de

convivência com o meio ambiente ao longo de nossa vida.

Refletir sobre nossos hábitos, sobre nossa condição no mundo a partir do cotidiano, pode colaborar para o entendimento de um novo olhar: não mais como o ambiente de que somos donos, mas como ambiente em que somos, e assim, resgatar a idéia do papel de cada ser humano na sociedade planetária. Neste contexto, passaremos a discutir sobre o papel do consumismo e do progresso tecnológico em nossa sociedade moderna, percebendo os males que causamos à terra pelo mau hábito de exploração infinita dos recursos naturais para contentar nosso ímpeto pelo consumo exacerbado de nossas reservas, e termos como consequência a grande produção de lixo pela humanidade. Discutir as ideologias que perpassam e se instalam em diferentes partes do planeta são passos essenciais no processo escolar, e sugerir novas formas de entendimento de nossa relação com o meio natural, também!

Certamente esta discussão nos levará à percepção da necessidade de mudar nossos hábitos para uma vida mais simples, sem tanta opulência e luxo, com menor produção de lixo, em que a simplicidade de nossos atos se refletirá na simplicidade do uso de materiais mais naturais e menos poluentes. Isso tudo sem negar os benefícios da era tecnológica, ao contrário, utilizando-a para re-organizar nossas ações presentes e futuras para a manutenção e preservação da vida.

A clareza de idéia sobre o papel das crianças neste trabalho de transformação cultural do sentido de responsabilidade ecológica é defendida por Hutchison(2000, p.160) ao declarar que:

as crianças têm uma posição singular para exercer um papel integral na mudança do curso da história humana na Terra. Sua flexibilidade de resposta à mudança, sua tendência de admirar-se, sua curiosidade natural e a necessidade de moldar um relacionamento inicial com o mundo podem, juntos, servir como um ponto crucial de intervenção para ajudarmos a próxima geração a construir um relacionamento ecologicamente sensível com o mundo. Ao exercer um papel afetivo na vida das crianças e ao reconhecer a infância como um estágio ontológico distinto na vida humana, com possibilidades e com limitações diferentes das da idade adulta, os responsáveis podem oferecer às crianças o apoio que elas precisam a fim de co-construírem uma cosmologia ecologicamente sensível do mundo.

Porém, é preciso termos cuidado para substituir um possível sentimento de

desesperança e de impotência causado pelas destruições que o ser humano já instalou no planeta, pelo da possibilidade de instalarmos a transformação nos

Page 105

corações dos aprendentes. Daí pode brotar o sentimento de pertença e esperança que o estudo do Eu interior pode oferecer para o estabelecimento desta **conexão** com a natureza, pois a partir do momento em que estivermos conectados com nossa essência interior, com o sagrado, teremos condições de nos conectar com a natureza planetária e cósmica. Para tanto, é imprescindível vivermos experiências educativas que proporcionem contato com o ambiente natural a fim de promover o entendimento de que o ser humano é um todo integrado, cujo processo de vida resulta de conexões internas que interagem com outros seres humanos e com a natureza.

Importante ressaltar o valor de um modo de conhecer o mundo natural que relacione emoções com os sentidos corporais no contato com a natureza. Essas emoções podem ser despertadas pelo orientador do processo, o professor, desde que ele perceba a importância da principal emoção: o amor. O amor pela natureza que conduz reflexivamente à unidade e à contemplação.

Pois, o amor é a energia inesgotável que move o mundo, os universos e os seres. É a força de criação, coesão e sustentação da vida. O amor é a energia de unidade e transformação. Vivemos num universo dual entre os pares de opostos e a relatividade; o amor é o impulso de integração, dito por MARTINELLI (1996).

A concepção de que os processos cognitivos complementem a sensibilização

para o mundo natural pode nos remeter a um olhar de não dominância em relação à natureza, transcendendo os limites exclusivos da lógica, pode ser conseguido a partir de vivências incorporadas de amor, defendida por Sérgio Sardi (1999, p.159):

É preciso, pois, vivenciar um conhecimento fundado no amor: *compreender*, assim, que estamos *profundamente desafiados e conectados, como em uma rede, a todo o planeta*; e isso não é algo que se produza de modo exclusivamente lógico-formal, pois se trata de *re-ligar* o corpo, o pensamento e o comportamento. Nosso *espírito* expressa-se também no nosso modo de agir e comunicar, no relacionamento ético com o outro e conosco mesmos.

Deste modo pode surgir o sentimento de *contemplação*, de olhar com carinho, para possibilitarmos o interesse do aprendente a redescobrir o sagrado, a partir de uma nova sensibilização *com* a Vida. Acreditamos que a vivência da sensibilização nos move para um sentir interior, que orienta para o amor. Assim sendo, a vivência nos remete à ação carregada de significados e de responsabilidade, produzindo (auto) conhecimento. Além do que o processo de

aprendência deveria levar a vivenciar a importância de estar vivo, ao estar participando do movimento de vida instalado no planeta, realçando e relacionando a **conexão** do ser humano com a planetaridade e com o cosmos.

Dizem os educadores Viana e Höeffel (1998) que o propósito básico da educação ambiental é formar pessoas amorosas, integradas ao sistema planetário e responsáveis pela vida na Terra. Atingido esse propósito, continuam os autores, a mudança interna se traduzirá em transformações de hábitos e comportamentos que, sem dúvida, se refletirão na adoção de novos modelos econômicos e societários mais

justos e harmoniosos.

Este processo de reverenciar a vida, suscitaria a admiração pela possibilidade de estarmos vivos e podermos modificar ações de destruição por ações de construção. Isto poderia fundar uma ética do respeito e não dominação da natureza, nos colocando como verdadeiros partícipes de um mundo em que podemos ser e não que possuímos. Modificaremos, pois, a visão histórica de antropocentrismo em relação ao mundo natural para a retomada da sacralização da vida pelo ser humano na busca de nova cosmovisão, voltada para a questão do significado da vida e de uma ética ambiental fundamentada numa visão ecocêntrica.⁵²

Educar para o re-encontro do Eu com a Natureza nos leva a refletir sobre a concepção de que somos parte de Gaia e como tal a importância de **educar** para a sensibilidade, para o amor, para a **conexão** do ser humano com ele mesmo e com outras culturas a partir da **conexão** com o meio planetário e cósmico. **Educar** para essa **conexão** passa necessariamente pelo entendimento de que somos natureza, de que somos feitos da mesma matéria das estrelas, das plantas, do vento, da chuva, do sol, da lua, dos animais, do solo, das montanhas, do fogo, da energia que

⁵² O debate sobre a questão ambiental, além do questionamento dos modelos de desenvolvimento e da escolha de modos, maneiras e meios de atender às necessidades humanas, incorpora também uma reflexão filosófica sobre a natureza da relação que o ser humano estabelece com o planeta. Uma das mais interessantes reflexões nesse sentido é colocada pelo movimento filosófico e político denominado **Ecologia Profunda**. Este termo foi criado em 1973 pelo filósofo norueguês Arne Naess, relacionando com a publicação do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson. Este livro escrito em 1963, denunciou a ocorrência de desastres ecológicos criados pelo homem e provocou grande polêmica na sociedade americana, questionando as premissas da sociedade industrial e os vínculos políticos, econômicos e tecnológicos que poderiam levar a uma Primavera Silenciosa no planeta. Tamanha foi sua repercussão que motivou esforços para a criação e implementação de novas políticas e ações individuais que levassem em conta a problemática ambiental, bem como estimulou a busca de uma nova cosmovisão voltada para a questão do significado da vida e de uma ética ambiental fundamentada numa visão ecocêntrica. Naes salienta que a expressão Ecologia Profunda engloba sempre dois aspectos: um filosófico e outro prático, de ativismo social, demandando mudanças em todos os aspectos da vida humana.

alimenta os corpos de nossos semelhantes. E que, para podermos sobreviver, enquanto Todo, precisamos envolver a mente e a espiritualidade na ação, abrir-nos para a intuição e cultivar o amor e semear suas sementes em todos os corações.

Neste contexto, o resultado das ações passa a ser de harmonia do Todo, de Gaia- mãe Terra, ao incluirmos os seres humanos partícipes da saúde integral planetária.

Portanto, não basta apenas agir em defesa de novas possibilidades de vida, mas trata-se da significação que colocaremos nesta ação, e o modo como ela simultaneamente nos transforma. Assim, estaremos nos transformando ao transformar nossas ações relacionadas à natureza.

Já defendemos a importância desse trabalho nas escolas, mas ficamos pensando no imprescindível papel do educador nesse processo de **educar** para o Eu interior, para a **conexão** com o Outro e com a Natureza. Que tipo de formação esse educador deveria ter para colaborar no entendimento dessas possíveis conexões e efetivamente colocar em prática esses fundamentos? Trataremos desses assuntos no próximo capítulo.

Capítulo 7 - Educar o Educador: conectar-se para o encontro

De

Te

Devia

Ter feito o que

*Devia ter aceitado as pessoas como
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no*

*O acaso vai me proteger enquanto eu andar d
O acaso vai me proteger enquant*

Devia ter complicado menos, trabalha

1

Devia ter me importado menos com problemas peqi

1

Queria ter aceitado a vi

A partir de todas as considerações feitas anteriormente neste estudo sobre o valor de estabelecer conexões e utilizando as reflexões da música **Epitáfio**, ao referir-se ao encantamento de estar conectado, entendemos que não há um único caminho, mas um caminhar reflexivo e auto-observador do próprio caminhante que já superou, segundo D'AMBROSIO (1998), a *arrogância do saber absoluto pela humildade da eterna busca*, pois aí reside a beleza do aprender, o processo.

Para que um educador possa **educar** para a **conexão** recomenda-se que ele sinta a **conexão** consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Essa música Epitáfio retrata muito bem o que seria considerado imprescindível para que o educador tivesse a consciência de **educar** para a **conexão**: vivenciar ele próprio a **conexão**. Acreditamos que a transformação na educação passa pela transformação dos educadores, desde a ampliação da nossa percepção e do nosso processamento mental, passando pela reestruturação dos nossos modelos e valores, até chegarmos a uma atuação conscientemente transformadora. Ou seja, MIGLIORI (1998) diz que não teremos um “fazer” diferente enquanto não transformarmos também o “sentir” e o “pensar”, enquanto não ampliarmos nosso poder de percepção e processamento

⁵³ Música de Sergio Brito, tocada por Titãs. Produção executiva de Nelson Damascena, São Paulo, em agosto de 2001.

mental e nos orientarmos através de modelos – filtros mentais- mais abrangentes, que possibilitem maior número de conexões.

Neste sentido vamos fazer algumas considerações sobre o que seria

recomendável, em linhas gerais, para que um educador seja orientado no caminho da **conexão**, sem a arrogância e a pretensão de esgotar o assunto formação de formadores, mas procurar indicar alguns caminhos para que outros caminhantes percorram seu próprio caminhar.

*O acaso vai me proteger enquanto eu andar d.
O acaso vai me proteger enquanto*

Aconselhamos uma atitude aberta quanto à natureza transdisciplinar do conhecimento, pois sabemos que por mais tentativas que façamos no sentido do entendimento da complexidade dos fenômenos, este será sempre limitado.

A ligação entre as partes que formam o conhecimento pode ser buscada a partir do enfoque transdisciplinar, que vai além das organizações internas de cada disciplina. D'Ambrosio(1998, p. 17) nos faz entender que:

a transdisciplinaridade é um enfoque holístico que procura elos entre peças que por séculos foram isoladas. Não se contenta com o aprofundamento do conhecimento das partes, mas com a mesma intensidade procura conhecer as ligações entre essas partes. E vai além, pois no sentido amplo de dualidade não reconhece maior ou menor essencialidade de qualquer das partes sobre o todo.

Portanto, vale uma discussão epistemológica sobre a natureza complexa do conhecimento na formação de educadores, já que em se tratando de entender um fenômeno, ele será sempre parte de um todo maior e as explicações de seu processo serão sempre limitadas. Assim, por mais que tentemos abarcar o Todo, esse entendimento será sempre parcial. Cada educador, ao ter esse entendimento, perceberá que por mais que se tente estudar um determinado assunto, ele jamais será esgotado. Abrirá, sim, possibilidades de estudo para próximos estudos e assim indefinidamente.

Conseqüentemente, surgirá a necessidade de ir além do mundo restrito de uma disciplina com seus métodos específicos para conhecer objetos de estudo bem definidos, a *disciplinaridade*. Iremos além ainda da *multidisciplinaridade* ou *pluridisciplinaridade*, que procura estudar um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. Chegaremos então à

disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. Chegaremos então a

transdisciplinaridade, cujo enfoque holístico possibilitará a recuperação das várias dimensões do objeto para a compreensão do mundo na sua integralidade. Neste sentido, Nicolescu(2001, p.51) nos indica que “o prefixo *trans* indica aquilo que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo, segundo o autor, é a *compreensão do mundo presente*, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.”

Nesta direção, é recomendável que na formação do educador sejam cultivadas atitudes relacionadas ao prazer de aprender, e aprender continuamente. Pensamos então, na importância de abirmos possibilidades de continuidade dos estudos numa formação permanente dos educadores, promovendo discussões reflexivas sobre sua prática, ao perceber os limites da própria práxis e investindo na sua superação, dinamizando novas idéias. Proporcionar espaços de formação e discussão permanente, para que a Universidade e outras agências formadoras não se desvinculem dos processos e das necessidades de seus egressos.

Além disso, é importante despertar o cultivo pelo auto-aprendizado dos educadores como sujeitos de sua própria formação, num processo contínuo de aprender a conhecer, aprender a fazer, a ser e a conviver proposto no relatório da UNESCO para a educação no século XXI. O autodidatismo em busca de novos horizontes e de sua própria história, enquanto ser humano educador, pode ser promovido na formação dos educadores. Neste conjunto de atitudes, aconselha-se a constituição e efetivação de verdadeiros espaços de aprender coletivos, também nas

escolas, para favorecer a auto-organização dos educadores como seres aprendentes que são.

Nestes espaços, a troca de experiências e de vivências pode ser estimulada no encontro com o outro, pois muitas vezes nos sentimos muito sozinhos em nossa caminhada pedagógica, e sabemos que o aprendente não organiza seu conhecimento sozinho, mas na troca, na relação com os outros e com o diferente. Por isso, espaços e tempos de aprender com colegas de profissão com objetivo de uns aprenderem com os outros, e buscar relações e conexões entre esses saberes e as novidades que estão sendo produzidas no mundo e as diferentes formas de explicação da realidade, podem nos proporcionar uma riqueza muito grande de enfoques diferenciados para o mesmo objeto.

Somos diferentes e vimos o mundo de diferentes formas, conforme nossa biologia e conforme as relações que estabelecemos com o mundo. Assim, colocaremos em prática as recomendações de uma educação para o encontro com o outro, para a **conexão** com os colegas de busca. Podemos nos perguntar sobre como ensinar isso aos nossos alunos e tudo o mais que falamos sobre **educar** para a **conexão**, se não nos conectarmos com nossos parceiros de busca do conhecimento? Como ensinar o que não praticamos?

Sabedores de que a rotina da maioria das escolas tradicionais é *naturalmente* muito estressante, pois ouvimos essa queixa diariamente dos professores em cursos, palestras e mesmo em nosso dia a dia nos corredores da Universidade,

como fazer para diminuir esse estresse? Que atitudes poderíamos ensinar aos professores para mudar este clima institucionalizado de cansaço que os assola?

A dinâmica auto-organizativa é vital para todos os seres. A natureza se renova através do equilíbrio das formas *Yin* e *Yang*, de descanso e movimento. Porém, com muita frequência, a sociedade moderna nos leva à exaustão, com atividade *Yang* contínua e frenética. Enquanto lutamos para adquirir mais, nosso comportamento agitado exclui a sabedoria do *yin*. Todos necessitamos de períodos de tranqüila reflexão. Quando dedicamos algum tempo para viver mais conscientemente, não reagimos de forma negligente a nós mesmos, ao outro e ao nosso meio ambiente. Nossos dias são cheios de escolhas ativas, equilibrando as correntezas do *yin* e do *yang* numa harmonia maior.

Sugerimos que estes encontros, reuniões e trocas sejam planejadas e efetivadas seguindo uma ecologia cognitiva que proporcione a morfogênese do conhecimento incorporado dos educadores, permeados de momentos de repouso e movimento, em busca da dinâmica auto-organizativa dos educadores. Eles passam a perceber-se como corporeidade viva, em que as emoções, sentimentos e percepções podem servir de termômetro para sua vida, no caminho da auto-observação e auto-organização. Isso seria uma tentativa de fazer com que o próprio clima de harmonia vivenciado por eles seja efetivamente colocado em prática na sala de aula com seus alunos, pois, à medida que educamos nossos corpos para momentos de repouso e relaxamento, estaremos mais centrados e sentiremos a necessidade desses momentos nos espaços de aprender.

Então, não basta que tenhamos momentos e tempos de paradas para refletir a respeito dos saberes produzidos que viabilizam a vida. Saberes esses essenciais para a preservação da vida também, pois possibilitam conhecimentos significativos e essenciais ao processo de aprender para a **conexão**. Além disso, que sejam contemplados momentos de cultivo do corpo, da mente e do espírito com relaxamento, respiração, dinâmicas de grupo, meditação, cultivo de auto-observação, auto-massagem, contato com a natureza, a arte para a manifestação de nossos sentimentos e para, entre todas as razões citadas nos capítulos anteriores, diminuir o stress das discussões racionais que normalmente acontecem nos encontros desta natureza e o próprio stress causado pelas atividades relacionadas à profissão, e para que o educador registre no próprio corpo os efeitos de todas essas recomendações para o efetivo aprendizado de **educar** para a **conexão**.

Desse modo, espera-se que os conhecimentos necessários para a manutenção da vida no planeta sejam efetivamente incorporados pelo aprendente que estará conectado de corpo, mente e espírito consigo, com o outro e com a natureza. Quiçá assim, num encontro de saberes, fazeres e atitudes a vida possa *respirar, se sentir e circular* melhor num planeta mais saudável...

É preciso que o educador sinta-se conectado para que ele possa verdadeiramente testemunhar isso para seus alunos. Para que a vida do educador seja um testemunho vivo para seus alunos, “o educador precisa vivenciar interiormente a experiência do aluno, abrindo sua mente e coração para o novo, evitando impor informações de fora para dentro. Isso exigirá do professor atenção a si mesmo para encontrar modos criativos de superar-se, redescobrimo o prazer de lecionar e aprender ao mesmo tempo”, nos aponta (Martinelli, 1996, p. 57). Esse educador, portanto, reconhece a essencialidade de seus colegas de travessia: outros educadores, seus próprios alunos e pais de seus alunos como fontes de saber infinito. E, além de reconhecê-los como (co)laboradores no seu processo de vida, aprende com eles no seu processo de formação.

É sabido que a capacidade para **educar** está além dos conhecimentos aprendidos apenas de forma racional e tecnicista nos bancos escolares da formação de educadores. Para ser educador, não basta conhecer teorias, aplicar metodologias, aperfeiçoar técnicas e estratégias. Além disso, é preciso uma predisposição interna, uma compreensão mais ampla dos processos de *viver, fazer,*

ser e conhecer, um esforço sincero de evoluir no conhecimento como um Todo e promover a auto-organização de seu ser na direção da Paz, pois o verdadeiro educador é o que busca praticar a coerência entre o que pensa, sente, intui, fala e faz. É um verdadeiro mestre, um guia sábio de seus educandos como ser humano orientado pela **conexão** da unidade na totalidade.

Para que o educador possa se **educar** para **educar**, recomendamos a leitura da obra *A Arte de viver em Paz* ⁵⁴ de Pierre Weil (1990, p.41) ao nos desafiar com suas reflexões a esse respeito quando afirma que:

Para que um professor possa transmitir a arte de viver em paz a outras pessoas, sejam crianças, adolescentes ou adultos, é necessário que preencha uma condição essencial: ser ele mesmo um exemplo de tudo que transmite. Pode-se dizer que a simples presença do mestre, pela irradiação de um conjunto de qualidades como afeição, doçura, paciência, abertura às necessidades mais profundas do outro, capacidade de se colocar no lugar daquele que sofre, dispensaria toda espécie de ensinamento. A questão é saber onde encontrar um educador com tais características.(...) Se eles são raros, nosso problema passa a ser formá-los e prepará-los.

Nessa formação também seria importante cultivar nos educadores uma disposição para trabalhar suas essências. Além disso, que eles sejam suficientemente lúcidos para viver a arte da atenção em si mesmos e serem

honestos para mostrar como são para si próprios. Desejamos ainda que esses educadores sejam levados a apresentar freqüentemente atitudes e comportamentos ligados aos valores humanos: verdade, beleza e amor.

De

Poderíamos ainda promover, nos espaços de formação, momentos de estímulo a algumas qualidades essenciais aos educadores para a arte de viver em paz, que consideramos ser a alegria, a compaixão e o amor altruísta. Alegria porque acreditamos que somos feitos para viver a alegria, sobretudo aquela alegria que sentimos ao ver a felicidade alheia. Compaixão pelo desejo de aliviar a dor do outro, colocando-se em seu lugar em determinadas situações e compreendendo o motivo de suas atitudes. Amor altruísta por se tratar da energia mais poderosa e

⁵⁴ Nesta obra, da editora Vozes, recomendada pela Unesco como um novo método holístico de educação para a paz, Pierre Weil integra a linha educacional à arte de viver. É um livro que interessa aos educadores e às pessoas que procuram despertar a paz dentro de si (ecologia interior), com os outros (ecologia social) e a paz com a natureza.

transformadora que conhecemos, pelo desejo de que a paz e a felicidade se estendam a todo mundo, seguido da ação que realizará essa meta.

Portanto, praticar uma educação que busque tornar o amor a estrutura do agir humano é, antes de tudo, desenvolver em nós mesmos, educadores, a capacidade de amar. É estabelecer com a vida uma relação de alegria e gratidão, exercitando a

amorosidade a cada instante, a capacidade de vivenciar experiências humanas e a afabilidade com todos os seres.

Falar em **educar** *para* e *com* amor nos remete ao mestre dos mestres, Jesus de Nazaré. Importa lembrar as qualidades encontradas no mestre, consideradas indispensáveis aos educadores terrenos. Sua autoridade moral é absoluta, porque já atingiu um estágio de evolução espiritual bem avançado para nós, educadores “mortais comuns”. Seria muita pretensão querer se parecer com ele? Ou seria sinal de sabedoria espelhar-se em alguém que, como nós, sentiu as alegrias e as tristezas de **educar**...?

Espírito iluminado fez-se carne como nós, para entre nós viver e ensinar. Com toda a sua grandeza espiritual, como protetor da humanidade, encarnou-se na Terra. E veio, não em poder e glória terrenos, mas na pobreza e na obscuridade. Podia revelar seu poder espiritual, impondo-se às multidões, vencer os adversários de sua obra, fulminar os hipócritas – mas como pedagogo perfeito exerceu apenas um poder: o poder do amor. Um poder que não se impõe, mas convida; que não violenta, mas converte e transforma os Espíritos, acordando-os para a evolução; um poder que não pune o mal, mas sacrifica-se pelo bem, tomando sobre si todas as dores e serviços, para a todos arrastar pelo exemplo.

A educadora DORA INCONTRI (1997) descreve Jesus como um mestre humilde, sem fraqueza ou servilismo. Enérgico com os hipócritas, firme com os falsos sábios que conduziam os simples segundo seus interesses, foi padrão de firmeza e dignidade. Sua serenidade, continua a autora, diante dos algozes é também coragem e nobreza; seu perdão e sua doçura são manifestações de sua infinita superioridade.

Sua paciência foi prova de seu investimento nos seres humanos, ao esperar nossa decisão de aderirmos ao seu convite de ascensão, dando-nos a liberdade de cair, de nos levantarmos e de aprendermos com nossos erros, mas empenhando-se sempre pela nossa melhoria. Na sua paciência, demonstrava o equilíbrio de quem

ama sem desesperar, de quem semeia aguardando os frutos e de quem se entristece com o mal, pairando sempre acima.

É possível aprender a ser paciente, tolerante, humilde. Para tanto, sugerimos que na formação do educador haja o cultivo dessas qualidades.

Porém, sabemos que a Universidade é um ambiente, muitas vezes, cheio de arrogância e de impaciência. Paulo Freire retrata bem essa situação nos ambientes acadêmicos:

O ambiente acadêmico vive cheio de intolerância pela escassez de humildade que nos caracteriza. A inveja do brilho do outro e da outra; o medo de perder nosso pequeno mundo de admiradores, atraídos por luz nova que possa surgir, ou o medo de não criá-lo, a insegurança em nós mesmos, tudo isso nos impermeabiliza à experiência da tolerância como da humildade. E quanto mais distantes delas ficamos tanto mais difícil se torna a sabedoria que nos deixa sempre quietos na inquietude, sempre pacientes na impaciência.

(FR)

Jesus não passou no mundo como um mestre distante dos alunos, mas conhecendo-os a todos, mesmo os fariseus empedernidos, usou com cada um a linguagem doce ou enérgica – mas sempre amorosa – de quem educa. Como Pedagogo da humanidade acolhia as crianças em seu colo, contava-lhes histórias e dizia que todos os homens deveriam lhes imitar a humildade e confiança.

*Devia ter aceitado as pessoas como
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no*

Ensinava pelo exemplo. Suas palavras e ações guardam ainda hoje e guardarão para sempre a firmeza da eternidade, o perfume da elevação, o sabor da poesia e a força da verdade. Que propostas podemos efetivamente aplicar na

formação de educadores para que incorporem tantas virtudes em nossa auto-organização como educadores para a **conexão**? Essa proposta se faz na interação com o outro, compartilhando sonhos e esperanças no espaço invisível e denso que se estabelece a dois, onde a educação acontece, nos diz Rubem Alves (1991).

Outro aspecto que sugerimos seja trabalhado com os educadores aponta para a concepção de que não há verdades absolutas, mas verdades relativas e de que o que consideramos, muitas vezes, como “erro” passa a ser considerado um momento *do* e *no* processo de aprender. Se ponderarmos os *acertos* e *erros* como

Page 116

faces de uma mesma moeda, como situações complementares
nosso aprendizado e como manifestação de nossas possibilidades naquele instante, o processo educativo pode ser muito mais rico e envolvente. Basta que estejamos atentos na arte de **educar**, considerando as limitações e potencialidades dos educandos e as nossas próprias como educadores.

55

Devia

Ter feito o que

Assim, sugerimos que na formação do educador sejam oferecidos momentos em que ele perceba suas limitações como possibilidades de transformação pessoal. Também que enxerguem a si mesmos e ao seu mundo com clareza e sem

ilusões, buscando suas verdades em todas as experiências, reconhecendo os modelos da natureza e os seus próprios. Sermos educados, como educadores, que aprender com os próprios alunos pode nos trazer muito crescimento e muita gratidão. Saber dizer que desconhece algo a seus alunos é um ato de muita coragem. Muitas pessoas acham sinal de fraqueza admitir que não sabem alguma coisa, pois têm vergonha em admitir seus erros ou limitações, porque foram ensinadas assim.

Porém, o *Tao* nos diz que é sinal de força, uma oportunidade para aprender, com a clareza de que a busca da verdade nos libera da pretensão:

Aqueles que sabem que não sabem
ganham sabedoria.
Aqueles que fingem saber
continuam ignorantes.

Aqueles que reconhecem sua fraqueza
tornam-se fortes.
Aqueles que ostentam seu poder
irão perdê-lo.

Sabedoria e poder,
Acima de tudo, são guiados pela verdade.
Porque a verdade é o caminho do Tao.

(1)

⁵⁵ Como no Tao, em que não há somente um lado, mas os opostos que se complementam, *erro* e *acerto* fazem parte de um mesmo processo. O Tao ensina que a vida se compõe de opostos complementares: *yin* e *yang*. *Yang* é ativo, dinâmico, afirmativo. *Yin* é tranqüilo, complacente, receptivo. Na natureza, *yin* e *yang* combinam-se em modelos de altos e baixos, vales e montanhas, turbulência e tranqüilidade.

egoísmo defensivo, impede o conflito interior e traz a paz de espírito. Com isso, vem a auto-aceitação e a permissão para que os verdadeiros talentos se expressem. A auto-aceitação traz a humildade. A palavra chinesa para humildade, *hsu*, também significa vazio ou abertura. As pessoas Tao se manifestam abertamente, sem fingimento ou pose. Como são concentradas, nem as críticas nem a lisonja as perturbam. O julgamento dos outros não os preocupa, quando sabem o que são. Com a auto-aceitação vem a paz.

Devia ter cc

1

Nesta direção, vale considerarmos na formação dos educadores a importância de conhecermos as limitações e investir nas possibilidades próprias e de nossos alunos, para que eles acreditem nas próprias forças de transformação que habitam seus corações, visto que a natureza do nosso ser é de mutação constante, tendendo da desordem à ordem, num processo dinâmico de evolução, pois conhecer é viver e viver é conhecer. Segundo Leloup (2002, p. 38) “estar atento com misericórdia para com os seres e para com as coisas é reconhecer-lhes o direito à sua impermanência, além de sua capacidade para evoluir, transformar-se e mudar”.

Da mesma forma, na formação de educadores, vale investir nas suas potencialidades e criar mecanismos para que eles vivenciem o reconhecimento de suas próprias potencialidades e acreditem nelas, como instrumento de promoção de suas capacidades e possibilidades de evoluir.

Nós educadores, se não nos educarmos internamente com o domínio dos nossos impulsos e emoções, não podemos nos considerar educados. Para consolidar o conhecimento teórico e confirmar o aprendizado, nossas atitudes precisam ser o reflexo da experiência. Cultivando humildade e disciplina, caminhamos para o autoconhecimento, e então descobriremos que educação não significa apenas aquisição de informação, mas a ampliação dos horizontes da mente e o aperfeiçoamento do caráter. Fomos educados superficialmente e nossa

inteligência não foi orientada para desenvolver as habilidades sutis. Mas com o desenvolvimento de nossa intuição despertaremos para o espírito e ouviremos suas mensagens, esclarece MARTINELLI (1996).

Em síntese, como na música Epitáfio, recomendamos que o processo de formação de educadores seja contemplado de humildes momentos de reconhecimento de que somos parte de um Todo dinâmico e que espera pacientemente que aprendamos a desfrutar de momentos de **conexão**, basta estarmos atentos e observarmos a nós mesmos no processo.

Nessa auto-observação é imprescindível que cada educador trabalhe sua essência para se descobrir mais e perceber quais as suas necessidades mais urgentes na produção do (auto)conhecimento e do conhecimento dos outros.

Com abertura ao querer bem às pessoas podemos viver melhor a vida, pois “a minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo”, defendia Paulo Freire (1999, p. 160).

Viver a vida com mais encantamento, presença, alegria, prazer, espiritualidade, amor e Paz. Estabelecer contato com a natureza planetária e cósmica na tentativa de compreender o equilíbrio dinâmico da vida, com humildade suficiente para aprender continuamente consigo mesmo e no encontro com o diferente.

Para perceber a necessidade de viver mais e melhor, dedicar mais tempo

para amar mais as pessoas, se amar mais, contemplar mais a natureza e aceitar a vida como ela é...**Educar**-se para ser um autêntico educador de corpo, mente e espírito...

E cada um sabe a alegria e a tristeza que vier !!!

Page 119

Capítulo 8 - Pesquisando a Conexão

Não é esm

que a ajudamos a tornar

Algumas vezes não somos, realmente, bor

Somos lagartas que sonham se tornarem bor.

(Jean Yves Lel

Neste capítulo apresentamos a reflexão e avaliação de uma proposta de *educar para a conexão* em espaços de aprender. Abordaremos as dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva de aprender baseados nas seguintes categorias de análise: morfogênese do conhecimento, corporeidade, equilíbrio entre razão e sensibilidade nas aulas, **educar para a conexão** com o eu interior, com o outro e com a natureza.

Optamos por descrever o processo educativo em espaços de aprender e conjuntamente fazermos as reflexões e comentários sobre as categorias pesquisadas, com a firme convicção de que *somos lagartas que sonham tornarem-se borboletas...*

As reflexões que seguem são fragmentos da pesquisa participante que foi realizada no ano de 2002 no curso de Pós-graduação *Formação Pedagógica e Gestão da Educação* da FEHH, em Ibirama- SC. Dentre muitas disciplinas e turmas em que atuamos, optamos por realizar o estudo nessa turma pela natureza da disciplina que agrega as áreas de educação, biologia e saúde e pelas características e interesses da turma, na grande maioria educadores. Essas condições permitiram a nossa atuação no sentido de **educar para a conexão**.

Vale ressaltar que o conjunto de conhecimentos e questionamentos que apresentamos nessa pesquisa é resultado de 20 anos de magistério, dos quais 10 no Ensino Superior na área de biologia. Desse modo, o estudo é reflexo do que vivemos, percebemos, realizamos e sentimos durante toda essa caminhada de amor e dedicação à Educação. No início da carreira deu-se uma educação muito tradicional, mas nos últimos tempos estamos em busca de uma educação mais voltada para a **conexão**.

Optamos por expor como as aulas transcorreram e fazer as considerações sobre as mesmas, pontuando aspectos de cada categoria analisada no mesmo texto.

As atividades realizadas e as produções dos alunos estão em documentos anexos a este texto.

Iniciando os contatos...

No dia 09 de Novembro de 2002 iniciamos as aulas na turma. Era o começo de uma carga horária de 30h/a da disciplina de Educação e Ecologia. Apresentamos oralmente à turma e solicitamos que os alunos falassem seus nomes e a área de atuação profissional, numa breve apresentação oral. Como a turma era numerosa, 47 alunos, e não dispúnhamos de muito tempo, a apresentação foi muito rápida. Naquele momento iniciavam-se os contatos entre alunos e professora, pois entre eles já havia encontros desde agosto/2002 quando iniciaram as aulas do curso.

Em seguida apresentamos aos alunos a ementa da disciplina, demonstrada no anexo 2, e a proposta de desenvolver os conteúdos, numa perspectiva de **educar** para a **conexão** com o eu interior, com o outro e com a natureza. Os alunos refletiram sobre a proposta e comentaram se tratar de algo diferente, que até então não tinham pensado em termos de educação e ecologia. Muitos afirmaram não ter pensado a respeito e que seria uma oportunidade de aprender sob um outro enfoque. Houve muitas manifestações e negociações com relação aos temas a

serem abordados, à metodologia a ser utilizada e à forma de avaliação dos conteúdos da disciplina. A foto 1 indica momentos de reflexão e de construção desse processo de revelação das expectativas em relação à disciplina. A construção estava começando...As condições iniciais para a morfogênese do conhecimento se processar estavam presentes no processo de aprender e de estruturar um grupo.

Foto 1- Alunos desenhando suas expectativas em relação à disciplina Educação e Ecologia

Para tecer a trama do grupo precisamos vivenciar juntos essa prática, e para tanto, convido Madalena Freire (1996, p.66) que esclarece que “um grupo se

constrói no trabalho árduo de reflexão de cada participante, no exercício disciplinado de instrumentos metodológicos, educa-se o prazer de estar vivendo, conhecendo, sonhando, brigando, comendo, bebendo, imaginando, criando, e aprendendo juntos, num grupo.

Após a discussão da proposta e de manifestações dos alunos sobre a disciplina, indicamos a forma de abordagem das temáticas a serem estudadas nos próximos encontros e combinamos detalhes sobre o seminário a ser realizado no dia 01/Fev/2003 e a aula passeio à Ilha das Cutias, reserva ecológica localizada em Ibirama.

Posteriormente a essas conversas iniciais, apresentamos à turma a proposta de fazermos um exercício de respiração abdominal, ilustrado no anexo 3, relaxamento, e uma visualização das suas expectativas em relação à realização da disciplina. Além da prática citada anteriormente, em duplas os alunos fizeram troca de massagem com as seguintes etapas: preparação, aquecimento, massagem, exploração sistemática e energização.

Como muitas pessoas da turma já tinham sido minhas alunas na graduação, não era novidade a forma de encaminhamento dos trabalhos, e logo se pronunciaram ⁵⁶:

*“Ah! Já tínhamos dito aqui no grupo que estávamos esperando o **relaxamento**. Ainda bem que vamos relaxar e respirar para aprender melhor e ter aulas mais sossegadas”.*

*“Como já praticávamos relaxamento e massagem nas aulas de biologia, levamos essa prática para nossos **alunos e familiares**. É uma prática que dá certo e que as pessoas ficam mais tranqüilas.”*

Esses comentários nos proporcionaram alegria, satisfação e um tanto de tranqüilidade, pois sempre sentimos uma certa apreensão ao iniciarmos uma disciplina e propormos a respiração abdominal, massagem e o relaxamento a alunos novos e que talvez nunca tiveram contato com essa prática. Esses comentários evidenciam os resultados do relaxamento nas aulas, dito pelos ex-alunos que aprendiam melhor com a prática do relaxamento.

Rafael Yus (2002, p.202) colabora para o entendimento da importância dessas práticas na educação holística, pois “a missão do relaxamento não se limita somente a evitar transtornos neurofisiológicos do estresse ou da agressividade nas relações interpessoais, mas a restabelecer a comunicação mente-corpo, tão necessária para a vida na família, no trabalho e nas relações pessoais.”

Nesse sentido, trabalhar com momentos de relaxamento nas aulas pode colaborar para equilibrar razão e sensibilidade, pois os alunos sentem-se mais integrados após o relaxamento e o clima de aprendizagem torna-se mais atrativo. Os alunos acalmam-se e concentram-se mais e melhor nas aulas. Os espaços de aprender tornam-se mais estimulantes aos aprendentes e ao próprio educador.

Despertar para momentos de atenção ao próprio corpo a partir de vivências corporais em espaços de aprender pode colaborar para a auto-organização dos aprendentes, pois na medida em que as aulas vão transcorrendo notamos os benefícios que os próprios alunos declaram estar acontecendo em suas vidas. O educador holístico YUS (2002) declara que a atenção, modalidade de consciência que aparece quando nos centramos na consciência passo a passo, é uma

⁵⁶ Esclarecemos que os símbolos (e i) usados para os depoimentos dos alunos simbolizam, respec

a fala e os registros escritos dos alunos durante as aulas.

capacidade com que todos os seres humanos nascem, mas foi perdida e é difícil de ser conseguida nas sociedades industrializadas de nossos dias. E essa contínua distração evidencia ainda mais a falta de **conexão** entre mente e corpo.

Sugerimos que **educar** para a **conexão** proporcione momentos de atenção ao próprio corpo, para que o educando se perceba mais e perceba mais o seu entorno. Com isso podem promover a saúde pessoal no ambiente escolar.

Eles afirmam: *“Minha vida tem mudado, estou me tornando uma pessoa mais centrada, com mais atenção a meus sentimentos e pensamentos, a vida ‘rola’ melhor...”*

Com várias declarações como essa, refletimos sobre como podemos interferir nos processos de vida de nossos alunos a partir de práticas simples e com significado expressivo para a promoção de saúde em espaços de aprender. Vale praticar e ver os resultados aparecerem!

A morfogênese e a autopoiese no processo de conexão...

Após o relaxamento e a visualização, fizemos a leitura e interpretação da mensagem intitulada *Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia* (Anexo 4).

A leitura foi realizada com um fundo musical para sensibilizar mais os aprendentes.

Alguns comentários foram feitos oralmente a respeito do texto interpretado:

*“Puxa vida, parece mesmo que nos automatizamos e **automatizamos** nossas vidas com as rotinas que nos são impostas pela vida moderna. Mas como sair disso?”*

*“A gente se acostuma a ser **“normal”** e perde a noção de como o tempo passa rápido e a vida fica tão estressante, sem graça!”*

*“O que estamos fazendo com nossas vidas? **Será que ainda temos solução?**”.*

A partir dos comentários acima, nos identificamos muitas vezes com essas falas, pois na ‘correria’ de nossa vida diária é muito mais fácil perdermos a **conexão** conosco, com os outros e com a natureza, do que ficarmos atentos a todos os mo(vi)mentos que estamos vivenciando. Raras são as ocasiões em que nos damos conta de quanto estamos nos distanciando do que nos faz bem: respirar ar puro,

abrir as janelas para ver o céu, olhar nos olhos das pessoas, contemplar uma conquista, agradecer pela vida, sentir-se em harmonia com o ambiente, dar boas gargalhadas, estar em paz. . É importante também despertarmos em nossos alunos a importância de cultivar curtos momentos de repouso durante o dia. É preciso disciplina para praticar, em alguns momentos do dia, o hábito de lembrar dessas ações e sair da ‘roda viva’ da rotina de trabalho e atentar para ações simples, mas necessárias para nossa vida.

A partir da mensagem lida e comentada, fizemos a exibição do filme **Buraco Branco no Tempo**, de Peter Russel, colorido, 27 min de duração, 1990. Com o objetivo de integrar os conhecimentos trabalhados até então, houve a exibição do

filme que é uma combinação característica de física, psicologia e filosofia para desenhar um novo quadro da humanidade e dos tempos que estamos atravessando. O autor explora os padrões evolucionários que estão por trás de nosso desenvolvimento em contínua aceleração. Utilizando centenas de imagens que cobrem a extensão da criação, esta produção mostra que a crise global que agora enfrentamos é, na sua raiz, uma crise de consciência. A próxima grande fronteira que a humanidade tem para enfrentar não é o espaço exterior, senão o espaço interior. Assim, os seres humanos seriam os encarregados de desenvolver a consciência do planeta, como o cérebro global da Terra.

Após a exibição realizamos a discussão dos principais pontos abordados no vídeo, em pequenos grupos de até cinco componentes. Solicitamos que cada aluno fizesse um desenho representativo das principais impressões do vídeo. Em seguida os pequenos grupos apresentaram suas reflexões ao grande grupo. Essa dinâmica permitiu a reflexão e manifestação de todos os envolvidos no processo de aprendizagem e a socialização das idéias que surgiram do trabalho.

Um dos alunos representou suas idéias em forma do desenho apresentado abaixo.

Desenho 1 - Representação artística do aluno J. Nunes das principais percepções do vídeo Buraco

Branco no Tempo

O objetivo era relacionar as efetivas ações do ser humano em relação ao autoconhecimento, ao encontro com o outro e ao encontro com a natureza. Assim, percebeu-se o quanto investimos em guerras, armamentos e na produção da fome e destruição do planeta. Notou-se ainda que precisamos mudar de paradigma no que tange ao respeito do ser humano por ele mesmo, pela busca de entendimento nas relações com outros seres humanos e com o meio ambiente.

Ficou claro o quanto o vídeo sensibilizou os aprendentes. Isso se evidencia a

partir dos depoimentos escritos, citados abaixo:

*“Apesar de o homem ter evoluído tanto tecnologicamente e cientificamente, **falhamos em nos tornarmos pessoas** tão egoístas e orgulhosas a ponto de não percebermos quem realmente somos, seres humanos dotados de razão e emoção...”*

Page 126

*“A busca incansável da felicidade e do bem estar seria deixar de lado a **ganância e insatisfação** do homem. E a única maneira de ele atingir isso seria através da consciência.”*

*“Aprendemos que o ser humano não atingiu a **busca da consciência** na consciência ainda...”*

*“A sociedade enfrenta uma crise de consciência, deixando de vivenciar o agora, ignorando sua própria identidade, alimentando idéias de que apenas o materialismo os fará alcançar a felicidade. Já as aulas de educação e ecologia estão nos mostrando que o **melhor da vida é viver o que sentimos**, aproveitar o que a natureza nos propõe e perceber que a felicidade não está em coisas muito caras, mas na simplicidade.”*

As declarações acima nos remetem a refletir sobre como um processo de aprendizagem pode orientar os aprendentes a tomar consciência dos próprios atos em relação às próprias vidas e à condição humana no planeta. Mais do que uma simples exibição e discussão do filme sobre as questões conscienciais do ser humano, esta atividade permitiu aos alunos a reflexão sobre suas próprias ações diárias. Fato que precisa ser diariamente estimulado nos espaços de aprender para uma tomada de

precisa ser continuamente estimulado nos espaços de aprender para uma tomada de decisão, para que a auto-organização dos conhecimentos possa acontecer nos aprendentes.

Mais do que as ações banais diárias, as ações diárias dos alunos podem passar a ser percebidas também como um processo de reflexão e auto-organização dos conhecimentos sobre eles mesmos e sobre a vida no planeta.

Conforme Hutchison (2000, p.43), a visão do mundo natural, segundo a educação holística, é “participativa: o ser humano é uma parte implícita no mundo natural, conectado indissociavelmente à sua dinâmica, funcionamento e destino final. Em nível tanto individual quanto coletivo, existe uma necessidade desesperada de evitar nosso impacto destrutivo sobre o planeta”.

Percebeu-se ainda o papel fundamental da educação no desenvolvimento de condições para chegarmos ao ideal do Ponto Ômega, citando Teilhard de Chardin no vídeo, em que a consciência do ser humano amplia-se para um entendimento maior da vida e da sobrevivência no planeta, numa interdependência de ações que nos

⁵⁷ Aos interessados em ampliar a leitura sobre o Ponto Ômega, consultar : CHARDIN, T. de. **O Fenômeno Humano**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

proporcionem a evolução individual em consonância com a evolução coletiva da humanidade.

O próximo passo foi o **Seminário Integrado**, explicado no anexo 5. Esse seminário aconteceu de maneira que as equipes ficaram responsáveis pela apresentação oral do tema e pela realização de uma parte artística que objetivasse a

exploração racional e emocional do tema a ser apresentado à turma.

Conforme as apresentações dos temas foram acontecendo, percebemos a riqueza de dinâmicas e vivências, relatadas no anexo 6, que foram utilizadas para a comunicação e expressão como forma de abordagem dos trabalhos pelas equipes.

A Foto abaixo mostra uma das dinâmicas de apresentação do seminário.

Foto 2- Apresentação artística durante o Seminário Integrado.

Os aprendentes conseguiram comunicar as reflexões que fizeram e relacionar atividades e vivências artísticas (teatros, paródias, poemas, músicas, dramatizações, interpretação de histórias infantis, dinâmicas de grupo) que expressavam exatamente as idéias centrais das obras lidas e debatidas. Houve participação dos colegas de classe com o objetivo de promover o debate e a auto-organização de todos os presentes no processo vivenciado.

Podemos observar a importância da razão e da sensibilidade na relação pedagógica, pois ao darmos oportunidade de expressão de emoções compartilhadas em sala durante a apresentação de um seminário, em que a razão necessariamente encontra sua expressão maior, possibilitamos a complementaridade de ações voltadas ao aprender com o corpo inteiro na dinâmica racional e emocional de aprender.

O valor da razão e da emoção na compreensão do humano é foco dos estudos de Humberto Maturana (1998, p. 100), no entendimento das relações:

(...) ainda que pareça estranho, ao nos preocuparmos com a participação das emoções como fundamento de qualquer sistema racional no fluir do conversar, obtemos o verdadeiro valor da razão na compreensão do humano. E isto é assim, porque agora sabemos que devemos nos dar conta de nossas emoções e conhecê-las em seu fluir, quando queremos que nossa conduta seja em efeito racional, a partir da compreensão do racional.

Em espaços de aprender, a auto-organização pode ser facilitada a partir de vivências em que se estimule a manifestação de emoções associadas a momentos de reflexão sobre os temas a serem abordados, para que o conhecimento seja incorporado pelos aprendentes de forma mais significativa. Lembramos com maior facilidade as situações de nossas vidas que estejam associadas a emoções, isso porque somos seres emocionais. Maturana (1995) defende que “a existência humana se realiza na linguagem e o racional a partir do emocional.” Se somos seres que racionalizamos a partir do emocional, por que não permitirmos mais espaço para a manifestação das emoções em espaços de aprender?

Talvez porque tenhamos receio de não sabermos lidar muito bem com o não-racional e parecermos um tanto vulneráveis na condução das situações e das

dinâmicas de sala de aula. Talvez, ainda, porque não tenhamos aprendido em nossas vidas a manifestá-las, ao contrário; para a maioria de nós “desde pequenos nos é dito que devemos controlar ou negar nossas emoções porque estas dão origem à arbitrariedade do não-racional”, declara Maturana (1995, p. 100).

E assim, entre uma ‘negação’ e um ‘controle’ das emoções vamos vivendo, sobrevivendo... E o que nos inquieta é em que se transformam os espaços de aprender sem a intenção de fazer emergir as emoções aliadas à razão, intuição e sentimentos?

É um tanto ousado promover a manifestação das emoções em espaços de aprender, porém é um passo importante para que a autopoiese dos aprendentes

seja efetivada, se é que o educador acredita nisso mesmo! Nem sempre nós educadores nos sentimos seguros para isso. Mas é preciso começar e apostar que a nossa manifestação, ao ser sincera, vá sensibilizar os corações de nossos alunos e todos poderão aprender a lidar melhor com as emoções no processo. E se os nossos alunos forem educadores, grande é a nossa responsabilidade, pois eles poderão se transformar em agentes multiplicadores desta tarefa. Isso foi declarado por escrito por um grupo de alunos da disciplina:

*A disciplina Educação e Ecologia nos colocou como seres de transformação e agentes ativos no processo de **educação emocional** de nossos alunos.*

É a própria dinâmica da vida: viver é conhecer e conhecer é viver, e nosso fazer não pode ser diferente de nosso ser. Se somos seres racionais a partir do

emocional, então nosso fazer pedagógico não pode se dissociar do ser humano que somos; nesse sentido, “ouvimos” Fialho (2001, p.197) dizer que “ sem dúvida, há mais no interagir do que as vontades individuais de mestres e discípulos, o afetivo é a força capaz de transformar e reificar o universo de uma maneira totalmente nova.” Esse talvez seja o real processo de vida se instalando em sala de aula, em que alunos e professores percebam o quanto cada um ainda tem que (re)conhecer suas emoções para aprender e viver melhor, com mais saúde e mais prazer.

Estabelecendo conexões...

Um dos pontos altos dos encontros foi a aula passeio à Ilha das Cutias. Nessa atividade a turma foi dividida em dois grupos, para que a aula fosse mais significativa e para facilitar a realização dos trabalhos na pousada e nos espaços da Ilha. A descrição da Ilha das Cutias está no anexo 7. Essas atividades estão registradas no anexo 8. No dia 01 de fevereiro, sábado, o grupo composto por 20 alunos passou o dia na Ilha fazendo as atividades programadas. Nos dias 07 e 08 de fevereiro o segundo grupo, composto por 22 alunos, foi pernoitar na pousada localizada na Ilha. Assim, atividades desse grupo iniciaram às 18h de sexta-feira e terminaram às 14h de sábado.

⁵⁸ Ilha das Cutias situada no Rio Itajaí-Acú, no município de Ibirama - SC.

contato com o ambiente natural que pudessem promover o entendimento de que o ser humano é um todo integrado, cujo processo de vida é resultado de conexões internas que interagem com os outros seres humanos e com a natureza. A foto 3 mostra um pouco do local escolhido para as vivências de estudo.

Foto 3- Vista parcial da Ilha das Cutias - Ibirama-SC

Desse modo, as atividades que foram desenvolvidas com os grupos foram planejadas de forma a integrar conhecimentos teóricos apresentados em sala de aula com a prática de exercícios físicos, experiências que faziam emergir emoções e a vinculação com a espiritualidade de cada aluno.

Inicialmente vale ressaltar que o espaço natural da Ilha é de uma beleza ímpar, que sensibiliza a qualquer pessoa que esteja em contato com o ambiente. Para tanto, ao chegarmos ao local pedimos que os alunos fossem até a pousada deixar suas mochilas e bolsas e logo em seguida iniciamos as vivências na varanda da casa, reveladas nos anexos ao final desse trabalho.

Inicialmente sentamos todos no chão com almofadas e colchonetes e fizemos a respiração abdominal juntamente com o relaxamento do corpo. Em seguida, fizemos a discussão a respeito do que estavam sentindo ao chegar no local e o que

Page 131

esperavam que pudesse acontecer durante o período em que estaríamos todos juntos na Ilha.

Foto 4- Reunião de alunos para percepção inicial das condições ambientais da Ilha.

Os alunos declararam ser muito bom estar ali. O som da água do rio junto ao

canto dos passarinhos, aliados ao aconchego da casa construída com pedras e madeira da região, davam-nos boas vindas muito calorosas.

Vera Lúcia Bauer, proprietária da pousada, que nos recebeu carinhosamente com um saboroso café colonial, é uma ecologista muito preocupada com a preservação do local. Isso ficou evidente na palestra em que ela nos explicou um pouco sobre a geografia, a história e a ecologia da ilha.

Estar naquele espaço e naquelas condições, longe da rotina de trabalho, estudo, afazeres domésticos; sem a cobrança interna das tarefas diárias de cada um e procurando tirar um tempo de estudo aliado à busca de si mesmo e do grupo em meio à natureza era “*um presente dos deuses*”, conforme disseram algumas alunas.

Muitas foram as manifestações nesse sentido, tais como:

“*Agradecemos a oportunidade de estarmos neste local, em contato com a natureza e com o grupo.*”

Page 132

“*Felicitemos a oportunidade de vivenciarmos momentos de **convivência e integração** com o grupo e a natureza neste local.*”

“*Ai! Que coisa boa estarmos reunidos em sintonia com o meio ambiente e com o Universo. Nos sentimos mais na presença de Deus aqui!*”

Essas revelações e o comportamento contemplativo dos alunos denunciavam a percepção de que a educação precisa investir na retomada do estabelecimento de relações harmoniosas com a natureza e de reverenciar a vida, o sagrado. Isso ficou evidente em todas as atividades realizadas.

evidente em todos os trabalhos realizados.

Muitas discussões têm sido feitas a respeito de o que devemos fazer diante dos problemas ambientais por que a humanidade está passando e das exigências de mudança de atitudes na relação do ser humano com o planeta. Concordamos que “do ponto de vista intelectual, é preciso conhecer o problema, identificar suas causas, buscar implantar efetivamente as soluções e estabelecer uma forma nova de relação com a vida.” (Guevara, 1998, p.69)

Mas sabemos que a busca de soluções não pode ficar só na razão, precisamos tocar o emocional das pessoas, visto que nosso racional é movido pelo emocional. Sugerimos, então, que a educação promova o encantamento com a natureza para que a partir daí novas atitudes de respeito e sagração da vida possam ser uma constante para os seres humanos. Assim, concordamos que:

para que isso ocorra é necessário que a educação volte-se para a formação integral e integrada da pessoa e coloque como objetivo principal desenvolver no ser humano a capacidade de amar. Amar a si mesmo. Amar o outro ser humano e os outros seres da natureza – animados e inanimados. Amar. Amar. Amar. Reverenciar a vida. Deslumbrar-se com o profundo mistério do Universo. Estabelecer relações harmoniosas com todos os seres, compartilhando a alegria de pertencer ao planeta azul – Terra.

(G)

Promover saúde integral em espaços de aprender supõe que se invista em momentos de plena integração do ser humano com o meio natural, para que os efeitos da **conexão** sejam percebidos e integrados na corporeidade viva de quem aprende e de quem ensina. As vivências corporais permanecem em nossa vida como registros de memória e de ação. Se quisermos mudar nossas ações e atitudes em relação à conservação do meio, é necessário fazermos registros de experiências positivas em relação à natureza, para que nos sintamos conectados e tenhamos boas lembranças e ações de respeito pela vida.

A vivência posterior foi à beira do rio. Em grupos de até 4 alunos, conversaram sobre as experiências de infância de cada um em lugares parecidos com o visitado. Pedimos que cada um relembresse dos momentos que passaram em contato com a natureza quando eram crianças e que comparassem aos momentos que hoje em dia as crianças, seus alunos e/ou filhos convivem com a natureza. Em seguida, nos reunimos na sala da casa de pedra para relatar ao grande grupo as recordações e reflexões. Essa atividade foi realizada com o objetivo de perceber como era a nossa **relação com a natureza** e como ela se estabelece atualmente em nossas vidas e na das crianças. Fica evidente o encontro com suas *crianças* na foto abaixo...

Foto 5- Vivência na água para contatar com suas *crianças interiores*

Muitos disseram que seu contato com a natureza era muito maior do que hoje e de que as crianças atualmente também perderam muito contato com o meio natural.

“Quando éramos crianças, nós brincávamos, corríamos e vivíamos muito mais em contato com a natureza.”

*“Era muito bom **ser criança**. A gente não parava em casa. Tomávamos banho nos ribeirões e ficávamos muito tempo fora de casa brincando.”*

Page 134

*“Hoje as crianças já não sabem mais o que é aproveitar **a vida de criança na natureza**. Que pena, meus filhos já não sabem brincar como nós brincávamos. Mas também, a gente nem pode deixá-los brincar em lugares que a gente brincava. Nem existem mais aqueles lugares limpos, hoje ‘tá’ tudo muito poluído.”*

Certamente, nos dias atuais as crianças já não têm mais brincado tanto em meio à natureza como as gerações de seus pais e avós brincavam. Porém, elas muitas vezes têm uma consciência de respeito à vida diferente de seus antepassados. Pois, era comum crianças caçarem passarinhos, armarem arapucas e prenderem animais em gaiolas e armadilhas. Hoje já não vemos crianças fazendo essas ações, talvez por conta de tantas informações que receberam nas escolas e nos meios de comunicação, ou talvez porque já não é tão comum encontrarmos passarinhos e árvores. Hoje o mundo mudou algumas concepções em relação à preservação da natureza, mas ainda há muito que mudar!

Precisamos colocar a criança mais tempo em contato com a natureza para ela

mesma poder se encontrar como um ser que é a própria natureza. O educador Guevara (1998, p. 63) aposta na educação de crianças nesse sentido e no papel fundamental de educadores :

“o que precisamos no primeiro grau é criar espaços e tempos para as crianças terem um contato maior com a natureza e sonhar um mundo novo. Só elas têm a pureza e a força necessária para criar esse mundo no qual gostariam de viver. Isso implica, em particular, poder contar com professores facilitadores (Musas, Orfeus), preparados por verdadeiros iniciados, isto é, pessoas humanamente desenvolvidas, capazes de insemear princípios e valores e uma filosofia perene.”

No aspecto de desenvolvermos atitudes e habilidades de respeito, consideração e preservação da natureza, sugerimos formação de educadores que vivenciem momentos de integração com a natureza, em que a sua criança interior possa resgatar a memória de momentos de **conexão** vividos em meio à natureza.

Assim, **educar** o educador para a **conexão** com ele mesmo, com o outro e com a natureza pode ser uma possibilidade de levar as crianças a sonhar um mundo novo. Mas como **educar** para sonhar sem ser um sonhador? É preciso tocar os corações dos educadores. E para isso, a relação com a natureza e consigo mesmo seria uma forma de tocar o sagrado, de retorno à essência!

À noite, antes de dormir, fizemos um retorno à infância. Solicitamos que cada aluno deitasse num dos colchonetes espalhados pela sala de estar e pela varanda

da casa. Ao som de uma música relaxante e ao fundo o barulho do rio, conduzimos a respiração diafragmática e o relaxamento profundo. Pedimos então, que cada um voltasse a sua infância, procurando perceber o que sua criança estava querendo lhe

dizer. Essa vivência tinha o objetivo de re-conectar cada um com seu eu interior, com sua voz intuitiva para o esclarecimento de alguma situação que estavam vivendo na sua vida, por meio da escuta interna.

Logo após, espalhamos intuitivamente ao lado de cada aluno uma carta do baralho da criança interior.⁵⁹ Solicitamos que abrissem os olhos e procurassem sua carta. Lentamente cada criança encontrou sua carta e iniciou a leitura. Muitos choraram, outros sorriam, outros aquietaram ainda mais, eram verdadeiras crianças se manifestando. A **conexão** tinha sido estabelecida! Solicitamos depoimentos e as *crianças* falaram:

*“Como é possível tanta **coincidência**? Bem que dizem: coincidências não existem!...”*

*“**Coube certinho** para o que estou vivendo. Não é que esse ‘troço’ funciona mesmo?”*

*“Puxa vida, quanta **coisabateu’ para mim** ! É incrível !*

*“E eu que pensei que já tinha me **esquecido de ser criança...**”*

Outros comentários foram feitos no sentido de que através de uma linguagem simples as cartas ajudaram a despertar a criança interior adormecida, além de beber da eterna fonte de alegria, amor e sabedoria das crianças que alguns adultos já não se lembravam possuir.

Ficou evidente o quanto cada um de nós precisa investir nos próprios sonhos e desejos. O quanto precisamos resgatar do amor próprio, do amor pelo outro e pela natureza, para que a educação possa se tornar um espaço de ecologias cognitivas voltadas à formação do ser humano integral. Nessa auto-organização poderíamos então apontar para o foco desta pesquisa: **educar** para a **conexão**. Mas o que seria importante e necessário desenvolver em nós mesmos para mudar nossas atitudes?

⁵⁹ **Palavra de criança** é um baralho com 45 cartas coloridas com mensagens da criança interior da autora para todas as crianças presentes nos adultos que tiverem coragem de aparecer para eles. Esse baralho contém ensinamentos puros e espontâneos de nossas crianças internas. A obra é de Patrícia Gebrim, *Palavra de Criança: coisas que você pode aprender com sua criança interior*, da editora Pensamento- São Paulo, escrito no ano de

1998.

Page 136

Nossas reflexões apontam para o amor, tal como na proposta *da Ecologia do Amor*, dos educadores Rosa Maria Viana e João Luiz Höeffel (1998, p.75) ao defenderem uma proposta de educação voltada à sensibilização dos educadores:

Portanto, praticar uma educação que busque tornar o amor a estrutura do agir humano é, antes de mais nada, desenvolver em nós mesmos a capacidade de amar. É estabelecer com a vida uma relação de alegria e gratidão, exercitando a amorosidade a cada instante, a capacidade de vivenciar experiências humanas e a afabilidade com todos os seres.

Palavra de criança é verdadeira, sincera, amorosa, raivosa, manhosa, teimosa, cheia de emoção...Se refletirmos acerca da importância de nos mostrarmos um pouco mais a nós mesmos e aos outros poderemos perceber o quanto os espaços de aprender podem se tornar mais receptivos, humanizados e promotores de bem estar e saúde dos alunos. Espaços de aprender em que as necessidades, os sonhos e os desejos dos alunos estejam presentes e sejam considerados no processo de auto-organização dos aprendentes. A foto abaixo revela momentos de reflexão vividos por cada aluno após a vivência das cartas da *palavra de criança*.

Foto 6- Alunos mostrando suas mandalas construídas após a vivência das cartas.

Se concordarmos com Maturana (1998), que a existência humana se realiza na linguagem e o racional a partir do emocional, podemos afirmar que ecologias cognitivas que valorizem a manifestação do amor estão considerando e dando

Page 137

condições para que a auto-organização dos aprendentes ocorra de forma prazerosa e significativa. Ou seja, no momento em que o professor entende e vivencia junto com seus alunos experiências amorosas no aprender, ele estará trilhando os caminhos para a educação integral e para a promoção da saúde do aluno e do próprio educador.

Conexão Floresta...

A atividade de **conexão** com o outro e com a natureza foi realizada na trilha que atravessa a ilha - chamamos de *Atividade da Máquina Fotográfica*. Solicitamos

que os alunos percorressem a trilha em duplas. Um dos dois faria o papel de cego e o outro de mudo. Assim, não haveria comunicação verbal entre os dois. Tudo aconteceu em silêncio. O cego seria guiado pelo mudo e os dois iriam explorar as riquezas do ambiente natural juntos. O guia era o mudo. Eles caminharam pela trilha ouvindo os sons, extremamente conectados com o entorno. No momento em que o mudo encontrasse um aspecto interessante da floresta, deixaria de ser mudo e falaria a palavra ‘clic’, para que o cego abrisse os olhos e *fotografasse* com seu olhar algo que o colega estava querendo lhe mostrar. No meio do caminho, os pares trocavam de papéis, o cego passava a ser mudo e vice-versa. Ao voltarem para a casa, solicitamos que cada um expressasse suas “fotos” em papel, em forma de desenho colorido com giz de cera. Sabemos da importância da arte na expressão dos sentimentos e emoções vividas e do papel que ela tem na manifestação humana; por isso oportunizamos vários momentos de expressão artística durante as aulas.

Os sons, as texturas e os ambientes foram explorados de maneira mais perceptiva do que fazemos comumente. *Clic*: uma pequena flor! Outro *clic*: uma árvore centenária! *Clic*: uma pequena formiga! *Clic*: uma gota de orvalho na ponta da folha verde! Mais um *clic*: o céu azul! *Clic* uma pedra bem redonda!...*Clic*: a queda d’água, o rio! *Clic...Clic.. Clic...*

Conforme os alunos declararam, a sensação de ser cego, inicialmente, era um tanto “*estranha*”, “*desconfortável*” e “*angustiante*”. Tiveram dificuldades para se concentrar e para permanecer em silêncio, mas em seguida a maioria dos grupos fez a atividade em silêncio; somente duas duplas conversaram algumas vezes na

caminhada. Porém, na medida em que foram caminhando, a concentração aumentou e passaram a confiar mais em seus parceiros e em si mesmos, a vivência foi sendo percebida com mais intensidade e mais profundidade. Compreenderam, ainda, o quanto são distraídos para os detalhes da floresta.

Vale refletirmos sobre o aprender com o corpo como “corpo vivo” em espaços de aprender. Para isso nos fundamentamos nas palavras de Hugo Assmann (1998, p. 78) “a corporeidade é o “lugar fundante” das linguagens. Se viver é, substancialmente, uma atividade cognitiva, não há como não admitir que toda aprendizagem é um processo que acontece no organismo vivo. Aprender é sempre uma atividade corporal.”

Muitos já tinham feito a trilha várias vezes em ocasiões anteriores, mas nunca tinham estado nas condições de cegos e mudos. Declararam que já tinham *estado* naquele ambiente, mas não o tinham *sentido* de forma tão profunda.

*“Estar aqui, ver o que vimos e **sentir o que sentimos** é algo diferente, espetacular! Vou trazer meus alunos aqui para poderem sentir o que senti! Gostei!”*

*“Foi uma grande responsabilidade **cuidar do outro** (o cego) enquanto ele caminhava tranqüilamente pelo mato. Senti o peso da responsabilidade de também escolher o que ele poderia ver, foi revelador para mim!”*

*“ Me senti tão **protegida**, tão bem conduzida, que depois nem senti que era cega! Foi maravilhoso! Obrigada a todos! ”*

*“Deixar alguém me levar. **Confiar**. Permitir que alguém me conduzisse foi muito difícil, porque sempre tive dificuldades em deixar alguém me conduzir...”*

*“ O meu guia percebia os perigos, prestava atenção, me alertava quando precisava, e à medida que ia andando eu mesma **percebia** os obstáculos. Senti mais o chão com meus pés. Os galhos, as pedras, o chão parecia vivo em baixo de meus pés!*

*“Foi realmente uma **experiência de conexão** !”*

Notamos a diferença de percepções e a singularidade que a mesma vivência despertou e significou para cada aluno. Uns com medo, outros mais confiantes, outros apreensivos, outros admirados. Cada um registrou e viveu o mesmo momento de diferentes formas, e conforme a experiência foi acontecendo, cada um foi vivendo um novo momento e descobrindo aspectos de si mesmo, do outro e da natureza até

então desconhecidos. Eram momentos de sensibilidade aflorando em cada um e em todos ao mesmo tempo.

A experiência de partilhar emoções com os colegas em diversos momentos é uma concepção que se liga aos estudos de Maturana e Varela (1995, p.263) sobre o valor da linguagem e da comunicação nas nossas relações com o outro:

(...) produz a reflexividade que permite o ato de mirar a partir de uma perspectiva mais abrangente, o ato de sair do que até este momento era invisível ou intransponível para ver que, como seres humanos, só temos o mundo que criamos com outros. A este ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo, que sempre implica uma experiência nova, só podemos chegar pelo raciocínio motivado pelo encontro com o outro, pela possibilidade de olhar o outro como um igual, num ato que habitualmente chamamos de amor – ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro ao nosso lado, na convivência.

Acreditamos que ao provocar a educação para a **conexão**, estaremos ultrapassando a barreira ilusória da separatividade dos seres humanos. Assim, as conexões que se estabelecerem entre o ser humano, seus semelhantes e a natureza poderão ser elos promotores de saúde integral a todos, inclusive ao planeta. Nesse sentido, precisamos nos sintonizar conosco, numa busca de auto-observação constante. Precisamos estar abertos e flexíveis para o conviver

harmoniosamente com outros seres humanos e também buscar uma auto-organização harmoniosa com a natureza planetária e cósmica.

Para tanto, o educador passa a ser visto como um educador-terapeuta, em que existe a preocupação pela promoção da própria saúde integral em sintonia com a busca da saúde do educando. Esse educador passa a vivenciar a *ética da diversidade* (D'Ambrosio, 1999, p. 122), uma ética maior que considera o valor intrínseco do indivíduo (*vale por que é, não pelo como é*), a necessidade absoluta do outro (*sem o qual se decreta a extinção da espécie*) e a sua integração no cosmos (*como parte essencial de um todo*).

Muitos declararam perceber a totalidade, a forma de estar integrado com corpo, mente e espírito em integração com o outro e com o meio. Uma das declarações escritas que mais nos chamou a atenção foi a de que esta vivência associada às anteriores proporcionou:

“encontro comigo mesmo, com Deus, com o próximo, com a natureza. Nos integrou com o Universo e nos mostrou que não somos uma parte isolada, mas sim

uma totalidade com o cosmos e movidos pela energia que governa todo o Universo.”

Leonardo Boff fala a respeito da importância da experiência *na e com* a natureza, ao citar o que pensam as mulheres indianas do movimento Chipko, que salvam as florestas do Himalaia; “as mulheres Chipko diziam:” a natureza é fonte de

vida. Não podemos pensar a realização humana sem a natureza porque nós somos uma parte dela, uma parcela dela. A natureza está dentro de nós e nós estamos dentro dela. Nós somos natureza. A natureza é fonte do Espírito, é espiritualidade. Como prescindir da natureza?” (Boff, 1997, p. 75) É o lado alentador de **educar** para o sonho, para a capacidade de despertar o sonhador que existe em cada aluno e de dar espaço para o sonhar em sala de aula.

Até este ponto da aula passeio pudemos registrar que o grupo estava entrosado. A maioria das vivências foi experienciada de maneira intensa. As pessoas, com raras exceções, estavam se conhecendo melhor, a si mesmas e ao outro, no encontro com a natureza. Era interessante perceber como as vivências estavam sensibilizando cada um. Cada um a seu modo, mas de forma evidente.

Essa experiência nos remete a pensar sobre a importância da educação ambiental baseada nos pressupostos da sensibilização em relação à natureza como manifestação de vida. Nesse sentido, o professor Sergio Sardi (1999, p.159) aponta para o significado da sensibilização:

Trata-se de um modo de conhecer que: 1- relaciona uma determinada **emoção** com os **sentidos** corporais, no contato com a natureza: esta emoção, que conduz reflexivamente à unidade e à contemplação estética, pode ser designada **amor**; 2- que confere um **valor** intrínseco ao estar vivo, ao estar participando da Vida, que nos transcende; 3- que, indo além das palavras, suscita a **admiração**; 4- que funda uma **ética do respeito e não-dominância**, propiciando uma **convicção** que conduz a mudanças de comportamento em termos de uma Educação Ambiental. É, no entanto, necessário passarmos pela **vivência** de uma relação com a natureza capaz de suscitar, em cada um o significado da **sensibilização**, enquanto conhecimento fundado no amor.

Assim, **educar** para a **conexão** requer que consideremos a importância da sensibilização do ser pelo contato emocionado com a natureza. Não podemos basear nossos estudos a respeito da natureza e na natureza sem usar os sentidos corporais nesse estudo. Os estados de sensibilização nos conduzirão, assim, à

contemplação, à admiração e à integração através do amor. Esse amor nos trará um significado maior da ação sagrada de estar vivo e partícipe da vida.

Se essas ações de aprender se estabelecerem apenas no domínio da razão, certamente não se fundará uma educação para a transformação de atitudes em relação ao outro e à natureza. Deste modo, há necessidade de vivenciarmos sensivelmente com o corpo a educação para a **conexão** a fim de que o ser humano esteja mais saudável e em plenitude. Para tanto, o corpo foi vivenciado em muitos momentos com exercícios respiratórios, como os demonstrados na foto abaixo.

Foto 7- Alunos executando exercícios medicinais respiratórios na Ilha.

Assim, a corporeidade foi praticada nos espaços de aprender de diversas formas, pois as aulas ocorreram de maneira a possibilitar alternativas criativas de realização dos trabalhos, incluindo além dos aspectos intelectuais, os corporais e emocionais. Procuramos desenvolver atividades em que os alunos utilizaram seus sentidos, emoções, sentimentos, intuição, espiritualidade e a razão no processo de aprender. Ou seja, não apenas partes do corpo, “corpos máquinas”, mas o corpo todo no aprender como “corpos vivos”. Dialogamos com Hugo Assmann (1998, p.150) nessa direção, ao notar a importância de conceber a “aprendizagem como processo corporal.”

Para observarmos aspectos ambientais no tocante à fauna, flora, ação humana e constituição geológica da ilha, propusemos a atividade intitulada *Encanto da Natureza*, registrada no anexo 8.

Entregamos as orientações das atividades aos alunos e realizamos um passeio exploratório sobre o ambiente natural da Ilha das Cutias, orientado pelas atividades do roteiro de atividades sugeridas. Todas essas atividades podem ser aplicadas no ensino fundamental e médio. Assim, os participantes vivenciaram as pesquisas que seus alunos podem realizar. Trata-se de investigações acerca das descobertas que podem ser realizadas sobre o ambiente natural, e que podem ser exploradas em várias áreas do conhecimento, podendo ser tratadas transdisciplinarmente. São atividades que permitem a contextualização dos assuntos em todas as dimensões do conhecer, com várias formas de exploração dos

conhecimentos: por meio da pesquisa, da exploração, da observação, do levantamento de dados, da arte, de investigação e de registro de informações coletadas sobre o meio ambiente visitado. Desse modo, o aluno é levado a aprender com respeito por todas as áreas e todos os saberes contextualizados.

Vale lembrar que planejamos explorar o ambiente natural com as atividades citadas anteriormente, depois de ter feito a sensibilização, para ampliar o poder de concentração e de percepção dos detalhes acerca do ambiente natural investigado. Notamos que os alunos tornam-se mais exploradores e concentrados no que fazem. Isso demonstra o quanto é importante termos clareza dos objetivos e da forma de encaminhamento dos trabalhos, pois o educador consciente em **educar** para a **conexão** é voltado para **educar** considerando todas as dimensões do ser humano.

Assim, orientamos os alunos a refletir sobre a forma como irão aplicar as atividades propostas com seus alunos, pois é necessário que entendam que é fundamental que considerem um ambiente promotor de ecologias cognitivas em que estejam presentes a alegria, o amor altruísta e a compaixão. WEIL (1993) assegura que essas qualidades emocionais são diretamente responsáveis pela manutenção da paz interior, social e planetária. Segundo o autor, somos feitos para viver a alegria; o amor altruísta permite que aumentemos nosso desejo de que a paz e a felicidade se estendam a todo o mundo e agimos desse modo, e a compaixão se revela pelo desejo de aliviar a dor do outro.

de intenso aprendizado dos alunos. Certamente, muitos aspectos da fauna e da flora poderiam ser mais explorados se tivéssemos mais tempo disponível para a disciplina. Notamos o grande interesse por parte dos alunos por aprender mais sobre a floresta nativa e toda a ecologia local, porém os conhecimentos sobre o assunto são poucos. Os alunos perguntaram sobre muitos aspectos da ecologia, da botânica, da zoologia e da geologia local. Notamos o interesse e a participação com perguntas e no preenchimento das anotações.

Apreciaram as atividades propostas e a forma de explorar os aspectos da floresta com alunos do ensino fundamental. Comentaram que as atividades são adequadas e lhes deram segurança para aplicar com seus alunos. Fizeram uma sugestão: que fosse reservada à disciplina uma carga horária maior para poder aproveitar mais e se aprofundar mais nos conteúdos aprendidos, conforme as declarações abaixo:

*“**Criticamos a pouca carga horária para uma disciplina tão ampla e envolvente. Sugerimos maior carga horária!**”*

*“**Sugerimos que a disciplina tenha continuidade.**”*

*“**A disciplina de Educação e Ecologia deveria ter uma carga horária maior. Poderíamos sugerir para que fosse oferecida também como tópicos especiais, para que o tempo dela seja ampliado. Tem muitas coisas que a gente não viu e poderia ainda ver. Que pena que já acabou!**”*

Essas declarações vieram confirmar a vontade dos alunos de continuar o processo de aprendizagem, e que a disciplina alcançou um grau de satisfação razoável entre os alunos. Despertou seu interesse e promoveu a vontade de que o processo continuasse. Ficamos satisfeitos com o resultado. Isso vem ao encontro da avaliação da disciplina, proposta ao final da ficha de avaliação das aulas (Anexo 1), em que todos os alunos entrevistados deram nota máxima à disciplina.

Porém, ficamos preocupados com a aparente ‘falta de tempo’ para poder completar todas as atividades e todos os assuntos que gostaríamos de ter abordado na disciplina, e dos quais os alunos também sentiram falta. Temos a compreensão

de que é importante avançarmos nos conteúdos e nas discussões a respeito desses conteúdos. Para tanto, sentimos a necessidade de ampliar a carga horária da

Page 144

disciplina ou encontrar outros mecanismos para conseguir aprofundar mais os temas de debate e de estudo.

Entendemos serem válidas as preocupações dos alunos em ampliar a carga horária da disciplina, porém compreendemos também que o conhecer se dá num processo, por isso retomamos o que Hugo Assmann (1998, p. 40) expõe sobre isso:

A aprendizagem não é um amontoado sucessivo de coisas que vão se reunindo. Ao contrário, trata-se de uma rede ou teia de interações neuronais extremamente complexas e dinâmicas, que vão criando estados gerais qualitativamente novos no cérebro humano (...) que se auto-organiza enquanto se mantém numa acoplagem estrutural com seu meio.

Com essa concepção de aprender, como propriedade auto-organizadora da vida e que permite uma nova forma de ver e conceber o mundo, sabemos que por mais carga horária que possamos disponibilizar, sempre teremos a sensação de faltar tempo. Sempre haverá novos conhecimentos a desvendar e novas fronteiras do conhecer para ampliar.

Como forma de dar continuidade aos estudos e reflexões sobre o tema Educação e Ecologia, sugerimos a elaboração e aplicação de um projeto na comunidade em que cada aluno reside, para que ele possa colaborar com algumas ações diretas para transformar algo em sua localidade. Isso porque acreditamos que

“o homem vive dentro de uma estrutura de referência continuamente mutante e num mundo continuamente criado e transformado por ele.” (Fialho, 1998, p.249)

Esse projeto foi uma tentativa de integração com a disciplina Pedagogia de Projetos, em que os alunos elaboraram um mesmo projeto para as duas disciplinas. As áreas de atuação são as mais diversas, em escolas, bairros, condomínios, associações, entre outros locais escolhidos pelos alunos. O objetivo principal é oportunizar ações educativas que possam colaborar com a ecologia local, em que os alunos sejam capazes de aplicar na sua vida diária o que aprenderam na disciplina e no curso. Esse projeto pode ser aplicado em equipes, conforme as localidades necessitarem de ações de educação para a conservação do meio ambiente. Infelizmente, até o momento da escrita desse texto não temos os resultados dos projetos e nem as declarações dos alunos acerca deles, pois a entrega do relatório será no mês de Junho/03.

Acreditamos ter alcançado grande parte dos objetivos propostos pela disciplina e através dela pudemos refletir nossa prática pedagógica com o intuito de **educar** para a **conexão**. Ao analisar a auto-organização dos conhecimentos realizada pelos alunos, a corporeidade na realização das atividades, o equilíbrio entre razão e emoção, o cultivo do eu interior em interação com o outro e com a natureza, acreditamos ter promovido saúde nos espaços de aprender. Isso nos parece evidente nas declarações orais e escritas sobre o que significou a disciplina

para os alunos, que revelamos no anexo 9 e na foto e depoimento abaixo.

Foto 8- A turma de alunos reunida para a foto final...

“Para ti...

De nós...

Partindo do conhecer buscamos o ser, que por alguns instantes julgávamos “adormecido” em nós. O fazer tornou-nos sabedores de nossas potencialidades e a socialização culminou em momentos de reflexão.

Na busca procuramos conhecer os mistérios da nossa existência!”

Acreditamos ter oferecido um ambiente promotor de saúde integral aos educandos, pois procuramos realizar uma prática educativa em que vários aspectos de **educar** para a **conexão** estiveram interligados e atuando nos alunos que ao se manifestar demonstraram emoções, intuições, sensibilidade, espiritualidade, sentimentos e razão no processo de viver e conviver num espaço de aprender.

Capítulo 9 - Considerações Finais

(“Inconclusões”)

*A juv
e a coraç
semp
são as armas
que um homem poc
para participa
deste mar*

(1)

Com juventude de coração, energia do espírito e coragem de reavaliar, pretendemos dialogar, nessa seção, sobre o fio condutor da pesquisa em consonância com os objetivos pretendidos e limitações enfrentadas, e com isso vislumbrar novos horizontes de continuidade do que fizemos até esse momento. Para, talvez, num momento próximo: recomeçar...

o tempo não per

Voc

*O sábio vê o próx
como se
Ele não des
ner.
Onde todos os p
como poderá*

*ele se apodera do passado e
sem tris*

...
nem paciência
Tudo es

da p
Não se re
nem lan
O iogo nunc.

O nascimento e a m
Os termos

(Chuang Tzu, *in* Lin

Page 147

Terminar ? Concluir ? Findar? É estranho falar em conclusão de um estudo que revela dimensões educativas de seres humanos, de natureza inconclusa, por isso o termo *inconclusões*. Como concluir algo que está em transformação permanente?

É assim que nos sentimos ao ter que colocar um ponto final num trabalho como esse, que trata de movimento de vida, de aprender, e portanto de viver. Talvez seja apenas uma parada para refletir sobre a viagem, o caminhante e o horizonte, com a clareza de que há ainda muitos passos a percorrer. Viver o que foi vivido, seguir a intuição, escrever por amor, defender as idéias e sonhos por convicção jamais poderá ser descrito, porque palavras não conseguirão expressar por completo o processo emocionado de vida vivida na pesquisa.

Considerando que o ser humano está constantemente em aprendizagem, tudo que vivemos foi significativo, pois todo o processo vivenciado foi em busca de transcendência e de sabedoria. Para isso, vamos refletir sobre as limitações que

transdisciplinar e de sabedoria. Para isso, vamos refletir sobre as limitações, que podem se transformar em possibilidades, a depender de como se observa.

Podemos dizer que essa pesquisa, por um lado, atingiu seus objetivos propostos e, por outro lado, cumpriu seu ciclo de vida. Assim sendo, com muitas limitações, percebemos que abriu novas possibilidades de ações e de reflexões sobre **educar** para a **conexão** para promover saúde e bem estar em espaços de aprender.

Em termos de limitações da parte da aplicação da proposta de **educar** para a **conexão**, percebemos a dificuldade, por parte de alguns alunos, em quebrar suas resistências iniciais a um processo de aprender centrado em um novo paradigma: de aprender mesclando razão e sensibilidade, considerando a corporeidade, a transdisciplinaridade e a **conexão** energética com a natureza. Alguns terminaram a disciplina com a sensação de que “perderam tempo” com as atividades corporais, denotando uma certa aversão inicial em participar de atividades dessa natureza. Por outro lado, a resistência lhes mostrou a carência de se auto-observar e de cuidar de si mesmos, pois durante as práticas corporais sentiam a intensidade de sua tensão, ansiedade e falta de concentração. Isso lhes despertou para a importância de se conectarem consigo, de darem mais atenção a si mesmos.

Sentimos ainda a falta de um trabalho de planejamento de ações conjuntas com as outras disciplinas do curso. Isso poderia ter colaborado mais com nossa pesquisa no sentido de organizar transdisciplinarmente ecologias cognitivas para

promover saúde em espaços de aprender.

Sabemos que a maioria dos professores convidados para lecionar pelo coordenador do curso tem suas convicções e concepções direcionadas às questões emergentes de educação, refletida nessa pesquisa. Isso já caracterizou uma certa linha epistemológica ao curso. Pelo depoimento de alunos, mesmo que em muitos momentos a interdisciplinaridade tivesse acontecido de forma meio “espontânea”, sabemos que poderíamos ter aproveitado mais o potencial de diversas áreas do conhecimento, atuando conjuntamente no planejamento de ações inter ou transdisciplinares no processo de aprender.

Nesses termos consideramos que os resultados teriam sido, talvez, mais completos e significativos. As atividades poderiam ser mais ‘ricas’, diversificadas. A diversidade de opiniões e de direcionamentos das vivências seria maior. Imaginamos a riqueza de fundamentos teórico-práticos que a Arte, a Filosofia e outras Ciências, além da biologia, poderiam oferecer ao entendimento de questões cruciais para o entendimento da relação ser humano - ser humano – natureza. Diante disso, vamos sugerir à coordenação do curso que a fragmentação detectada seja um ponto de partida para reflexões de ações futuras, mais interligadas. É o movimento de viver, de aprender, de transcender.

Outra limitação enfrentada na pesquisa foi a nossa pouca disponibilidade de tempo para as pesquisas bibliográficas e os necessários aprofundamentos do tema. Como não tivemos possibilidade de tempo integral para o doutorado, por trabalhar em instituições particulares sem direito a afastamento para o curso, sentimos a necessidade de aprofundar e ampliar o assunto de tamanha importância nesses tempos em que a educação está sendo tão discutida. Porém, o fato de estarmos atuantes em sala de aula, ao mesmo tempo refletindo sobre o aprender, nos proporcionou experiência no processo de ação-reflexão e ação no agir pedagógico e no estruturar e fundamentar a pesquisa. É a prática servindo à teoria e a teoria servindo à prática. É a presença do Tao na vida, os dois lados da mesma moeda.

Acreditamos que a Filosofia e a Psicologia poderiam ter auxiliado muito no

desvelar de muitas questões que ainda permanecem obscuras e incompletas nessa

pesquisa. Talvez a psicologia transpessoal e a fenomenologia poderiam ter nos auxiliado mais no entendimento do **educar** para a **conexão**. Pensamos que poderíamos ter dialogado com muitos outros autores, poetas, filósofos, pensadores em nosso texto, para que outras questões pudessem ser trazidas à tona, e tantas outras ao fundo de nossas convicções, muitas vezes tão certas e por isso nos trazem a sensação de limitadas. Por outro lado, temos a sensação de processo, em que sempre teremos a certeza de que nada acaba, mas paramos para contemplar o que já caminhamos e tomamos fôlego para continuar a dançar a dança da vida! Quem sabe numa próxima pesquisa de pós-doutoramento ainda possamos bailar? Com a impressão de que a cada livro que se lê sabemos que ainda precisamos muito mais ler...

Na visão de **educar** para a **conexão**, organismo saudável é aquele que está em harmonia e bem-estar físico, mental e social, e em constante evolução, mutação ou em busca de transcendência. A pesquisa sugeriu e apontou caminhos para a educação e saúde integrais do ser humano baseado na **conexão** do ser consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Oportunizamos momentos de relação com o próprio corpo, em momentos de relaxamento, de respiração diafragmática e de ampliação da atenção.

Demonstramos que as atividades de integração, as dinâmicas, as vivências de contato com o outro e com a natureza são fundamentais para a formação do ser humano integral. Em se tratando de educação, estas dimensões do **educar** para a

conexão deveriam fazer parte de uma educação continuada e contínua do educador, para que ele passe a incorporar essas práticas no seu cotidiano. Para isso, sugerimos que **educar** para a **conexão** seja um trabalho constante com educadores, para que eles possam desenvolver hábitos e atitudes direcionadas para uma educação mais harmoniosa e humanizadora. Nesse sentido, vale lembrarmos da importância de trabalharmos com as famílias dos alunos, para que essas possam participar de oficinas, dinâmicas, vivências em espaços de aprender juntamente com seus filhos a fim de auxiliar na formação de hábitos saudáveis das pessoas de comunidades onde vivem.

Temos a impressão de que precisaríamos de mais momentos de integração e mais tempo para que os hábitos fossem criados e estabelecidos na vida diária de cada aluno. Nos pareceu pouco tempo (30h/a) para estabelecer hábitos no cotidiano

de cada ser humano para a sua formação realmente integral. Porém, sabemos que as sementes foram lançadas, quem sabe o vento, a chuva e o sol se encarregam de fazê-las germinar?

Muitas vezes, durante a realização da pesquisa, encontramos alunos que não estavam muito bem, podemos dizer que não estavam saudáveis, na concepção de saúde integral. Pela nossa percepção talvez pouco pudemos fazer por eles (ou muito..como saber realmente?), pois alguns estavam desarmonizados, mas estavam em busca. Assim, ao menos procuramos estabelecer condições para que a sua saúde integral fosse alcançada. Talvez alguns, no momento das aulas, tivessem despertado e estivessem se auto-organizando, outros depois e outros muito tempo

despertado e conseguem se auto-organizar, outros depois e outros mais tempo depois. Talvez outros, ainda não tenham conseguido! Quem pode afirmar com certeza?

Percebemos que existem necessidades educacionais emergentes para a formação de seres humanos saudáveis, entre elas a importância do amor, de aprender com alegria, da integração de conteúdos com valores humanos, da corporeidade apontando para atividades corporais e emocionais associadas às racionais e intuitivas.

Dentre essas necessidades está o uso da corporeidade nos espaços de aprender, em que valorizemos atividades que contemplem o uso do corpo para aprender, em que o aprendente possa se auto-organizar constantemente, fazendo uso do corpo como uma totalidade, em que aspectos emocionais, racionais, intuitivos e os sentidos são usados no processo de aprender a ser saudável. Nessas atividades é imprescindível a prática de relaxamento, meditação e respiração abdominal para que o aprendente possa perceber-se e perceber a sua **conexão** com o outro e com a natureza.

Se considerarmos a formação do ser humano integral na dimensão física, emocional, intuitiva, mental e espiritual podemos afirmar que tangenciamos essa formação, pois a educação integral ainda é utópica (no sentido dado por Leloup, de utópico o que está por realizar, não o irrealizável!) pois necessitamos de uma estruturação curricular, um trabalho em equipe e formação pedagógica que nos permita integrar com todos os professores do curso ações conjuntas de **educar** para a **conexão**.

Ainda nessa perspectiva, sugerimos o trabalho com projetos integrados em que os professores, em alguns momentos, cada um na sua especialidade, possam colaborar para o entendimento do todo. Poderíamos, por exemplo, atuar juntos em sala de aula, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, para elucidar questões de pesquisa dos alunos numa tentativa de agir transdisciplinarmente nos espaços de aprender. Gostaríamos de deixar claro que o propósito das reflexões acerca da educação para a **conexão**, tal como registrada nas páginas anteriores, consistiu basicamente em se procurar estabelecer fundamentação teórica para a defesa de sua necessidade nos dias atuais.

Jamais foi a intenção desse estudo, o estabelecimento de propostas metodológicas para a implementação de uma educação para a promoção da saúde integral. Mesmo porque, acreditamos se tratar de algo que aconteça não somente nas escolas, mas em qualquer espaço de aprender, como na família, na sociedade e em todos os espaços em que haja “gente”.

Apresentamos algumas experiências que alcançaram seus objetivos propostos, mas isso não representa um “modelo” a ser seguido, é muito mais um mo(vi)mento intencional de experienciar a **conexão** para o **educar** integral, para instigar a criatividade de quem ler esse trabalho e de quem viveu o processo, para que ampliem a própria experiência. Em vez de modelos, acreditamos que seja de muito valor apresentar parâmetros e linhas de ação dos educadores preocupados em **educar** para a **conexão**, deixando-lhes a liberdade para estabelecer seu modo e estilo de atuação dentro de cada situação particular, pois é importante confiarmos na sensibilidade de cada mestre na condução e na criação de suas formas de condução do processo educativo. Sendo assim, todos os educadores e seres humanos sensíveis a essa proposta podem servir de orientadores no processo de aprender a ser mais conectado, tranquilo e feliz. Basta acreditar, querer e fazer...

Percebemos então, se tratar de uma das inconclusões dessa pesquisa formas diversificadas de encaminhamento dos trabalhos em espaços de aprender. que

poderia ser desvelada em futuros trabalhos acerca do tema. Nessa pesquisa ficamos mais atentos às dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva para a promoção de saúde integral que possam servir de referencial de ação em espaços de aprender.

Poderíamos definir algumas dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva para promoção de saúde integral em espaços de aprender biologia, tais como: morfogênese do conhecimento, autopoiese, complementaridade entre razão e sensibilidade, foco na corporeidade, **educar** para o conhecimento de si, para a convivência com o outro e para a **conexão** com a natureza. Comentaremos, em linhas gerais, sobre cada dimensão a seguir no texto.

Educar para a **conexão** prevê um processo de aprender centrado na morfogênese do conhecimento, em que aprendemos ao dar forma ao conhecimento, ou seja, em que o aluno seja levado a buscar, investigar, errar, corrigir, refletir, compartilhar experiências, aprender a valorizá-las com os outros e a incorporar conhecimentos a partir de vivências de aprendizagem que tenham significado corporal para ele. A partir daí, ele pode estabelecer relações entre o que ele vê, sente, percebe, vivencia e reflete. Assim, pode auto-organizar seus conhecimentos no processo de aprender a todo o momento em que estiver se relacionando consigo mesmo e com o mundo.

Para isso, o uso de todo seu ser é essencial no processo, mesclando ações

com seu *corpomentespírito* como uma coisa só, inseparável, não fragmentada do ser. Atividades e vivências de aprender que se estabelecem nos eixos norteadores de trabalhar o físico, as emoções e a espiritualidade podem colaborar para o entendimento do ser como uma totalidade. A busca do conhecimento deve incluir imaginação, sentidos, intuição, emoção e o gosto estético. Incluir o silêncio e a quietude da mente na contemplação e na visualização de situações positivas e acolhedoras para a realização de sonhos e desejos dos aprendentes. Nessa direção, vale darmos espaço aos sentimentos no processo de aprendizagem, pois sabemos que os sentimentos não são intangíveis nem ilusórios, são a base biológica da cognição do ser humano e como tal devem ser contemplados na auto-organização dos aprendentes.

Todo o processo orientado por um educador que incentive a autonomia e a comunicação de seus alunos, mas que o faz assumindo total e honestamente o poder de orientar com amor e humor diante do grupo, e usar o seu poder de bom ouvinte e orientador, e não de castrador de ações e emoções, a serviço do crescimento dos demais ao despertar a responsabilidade e assegurar a participação

de todos no aprender. Um educador mais receptivo, confiante com uma percepção holística da vida e do conhecimento, cooperativo e não explorador.

Isso tudo manifestado através das ações do mestre que educa pelo exemplo da ternura. Carinho e afeto manifesto no tom de voz, no olhar, no toque sutil e no silêncio. Um mestre que educa pela alegria e humor, evitando julgamentos e queixas

da vida. Um mestre que ao ouvir e manifestar sua intuição desperta a intuição de seus alunos. Ensinaamentos esses, que podem auxiliar a despertar a auto-reflexão como habilidade de olhar para si mesmo, compreender os próprios motivos e emoções, refletir sobre suas vidas e estabelecer e controlar metas vitais. Um verdadeiro orientador de consciências à auto-descoberta, para facilitar o conhecimento de si mesmo e a experiência de unidade em todas as coisas, com o desenvolvimento da espiritualidade para poder crescer plenamente em liberdade e saúde integral.

Partindo do pressuposto das propriedades auto-organizativas dos seres vivos e de que somos centelha divina, o aprendente é criatura e criador de si mesmo na imagem da divindade em si. Assim sendo, é escolha nossa criar situações em que possamos desenvolver nossa essência espiritual e nossa intenção de agir para o bem comum do mundo. Podemos afirmar que depende de cada um de nós assumir a tarefa de **educar** para o bem comum ou para apenas promover o que já está posto por seres humanos que optaram pelo consumismo, pela degradação do meio, de si mesmo e dos outros seres humanos do planeta.

Assim, não basta relacionar intelectualmente os conteúdos, mas desenvolver habilidades e atitudes relacionadas ao auto-conhecimento e ao hetero-conhecimento em que emoções, sentimentos, espiritualidade, intuição e razão sejam contemplados no aprender para a busca do ser saudável. É ao ser humano visto como integralidade, ao processar o conhecimento da realidade, a quem nos referimos como fundamento da educação para a **conexão**. A referência à corporeidade associada à espiritualidade engendram um sentimento de pertença, existência e de se estar no mundo. Qualquer processo de conhecimento deve, portanto, se consistir primeiro de inscrição corporal e espiritual, aos quais todo outro conhecimento se refere.

Educação e saúde sempre estiveram presentes em minha vida. Tenho muita vontade de despertar as qualidades adormecidas no coração de cada ser humano,

por isso escolhi o tema dessa tese envolvendo **educar** para a saúde e para a felicidade de se contemplar e agradecer a vida que brota cada dia com o despertar da luz do sol em todos os seres. Assim como o sol ilumina os dias o verdadeiro educador pode iluminar as qualidades de seus alunos e despertar sua vitalidade e vontade de aprender e de viver.

Assim, cada educador pode tornar-se um sol na vida de seus alunos, colaborando para que a luz se estabeleça e que “faça-se a luz” em seus corações para que possam resgatar seu poder pessoal e sua força divina.

Tive muitos “sóis” em minha vida, especialmente três que estarão sempre iluminando meu caminhar: Ubiratan DAmbrosio, Francisco Fialho e Christianne Coelho.

A vocês sou grata por toda a eternidade por me mostrarem que vale a pena acreditar e investir em tudo o que sonhamos e por que vivemos.

Cheguei ao final com a certeza no coração de ter sido coerente com minha essência e com a luz que vocês emanaram...

Namaskár!

*Viver
sentir e
estar e
foi process
apavorante e a
Porém,
foi de beleza*

*Porque com todo seu
foi viv*

Page 155

ANEXO 1- Instrumento utilizado para Avaliação da disciplina

AVALIAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO E ECOLOGIA

Prezados(as) alunos(as):

É de extrema importância termos a sua opinião sincera sobre a disciplina **Educação e Ecologia** do curso de pós-graduação "Formação pedagógica e Gestão da educação". Para tanto, propomos que você responda aos questionamentos abaixo.

Gr:

1. Quanto à Metodologia utilizada em aula:

Felicitamos:

Criticamos:

Criticamos:

Sugerimos:

2. Quanto aos **Conteúdos** trabalhados:

Felicitemos:

Criticamos:

Sugerimos:

3. Quanto à **Relação Teoria X Prática** :

Felicitemos:

Criticamos:

Sugerimos:

4. O que alcançamos nas seguintes **Dimensões Educativas** :
Aprender a Aprender:

Aprender a Fazer:

Aprender a Ser:

Aprender a Conviver:

5. Depoimentos sobre a importância da Disciplina Educação e Ecologia em suas vidas:

6. Comentários Finais:

7. Avaliem a disciplina:

(de 0= nota mínima a 3= nota máxima)

- (a) Zero
- (b) Um
- (c) Dois
- (d) Três

ANEXO 2- Plano da disciplina Educação e Ecologia

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL HANSA HAMMONIA

Instituída pela Lei Municipal n° 2000 de 27/03/98 - CNPJ: 03.204.028/0001-39

Curso de Pós Graduação em “Formação Pedagógica e Gestão da Educação”

Educação e Ecologia

Vera Lúcia

ve

Ementa:

A crise do modelo moderno de progresso. O despertar da consciência para a ecologia. Consciência e transcendência: novos caminhos para a educação integral. Por uma educação orientada para a preservação do Meio-ambiente. Problemas ambientais locais. A Educação ambiental e a cidadania.

Bibliografia Recomendada:

BOFF, L. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, F. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.

DAMBROSIO, U. **A era da Consciência**. São Paulo: Peirópolis, 1997.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1989.

Carga Horária:

30h/a

Encontros:

09/ Nov/ 02 (10h/a)

Page 158

31/Jan e 08/Fev/ 03 (20h/a)

Formas de avaliação:

- Participação efetiva e frequência nas atividades (sala e campo)
- Seminários
- Paper individual
- Projeto em equipe
- Trabalho optativo

Trabalhos:

- Leitura e interpretação do **Estudo do Vivo** e interlocução com as leituras propostas na primeira aula, procurando fazer uma articulação de idéias sobre Educação e Ecologia, conforme a ementa da disciplina. Destas reflexões surgirá um **paper individual**. Com **entrega para 31/Jan/03**.

- **Apresentação e aplicação** de um **Projeto** (em equipes de até 4 alunos) em que se promova as articulações necessárias entre Educação e Ecologia visando uma efetiva ação numa comunidade (escola, associação de bairros, ONG, condomínio, igrejas,...) que gere ações de transformação paradigmática com relação à **conexão** do ser humano com ele mesmo, com o outro e com o ambiente planetário e cósmico. Entregas: pré-projeto (31/jan/03) e relatório das atividades executadas (abril/03)

ANEXO 3- Respiração diafragmática sentado

Sente-se numa posição confortável, mantendo seu corpo imóvel. Não force uma inspiração ou expiração profunda mais do que for confortável. A capacidade dos seus pulmões e o controle da sua respiração irão aumentar na medida em que você progredir no processo.

Respire completamente 5 vezes, vagorosamente, inspirando e expirando através de ambas as narinas, lenta e suavemente, sem pausas entre as inspirações e expirações. Concentre a sua atenção no fluxo da sua respiração através de suas narinas. Gradualmente torne sua respiração mais lenta, contando até 3 para cada inspiração e também para cada expiração. Feito isso, passe a contar até 4 e depois até 5. Contar mentalmente também ajuda você a manter seu foco mental. Se outros pensamentos aparecerem, permita que passem como nuvens flutuando através de um céu claro.

Na medida em que você está concentrado em sua respiração relaxe uma parte do corpo por vez, ao expirar. Solte o ar e relaxe desde os pés até a cabeça, seguindo as orientações de sua professora. Uma parte por vez, tome consciência de seu corpo, das emoções que está sentindo e do estado corporal nesse instante em que você está relaxando.

Após o relaxamento completo, focalize a sua mente na aula que estamos iniciando e na possibilidade de você aprender mais e melhor a partir do momento em que você está presente e atento/a a sua aprendizagem.

Lentamente, respira profundamente e sinta a sua presença. Mexa os pés e as mãos vagorosamente e abra os olhos. Volte a atenção para o seu estado

corporal/mental e perceba como você se sente. Comente com seu colega mais próximo sobre os efeitos percebidos do relaxamento.

⁶⁰ Baseado na obra de ANDREWS, Susan. **Stress a seu Favor**. Porangaba, SP: Instituto Visão Futuro. 2001

ANEXO 4- Mensagem para Reflexão

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

(Ma

A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que as janelas ao redor. E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha pra fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E à medida que se acostuma, se esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo.

de viagem. A comer sanduíche, porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e ler sobre a guerra. E aceitando a guerra aceita mortos e que haja número para os mortos. E aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E aceitando as negociações de paz aceita ler todo o dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir o telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava ter sido visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valiam. E, a saber, que cada vez pagar á mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado e conduzido, desnordeado, lançado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição, às salas fichadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor, ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Acostu-

se a não ouvir os passarinhos, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, e não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta. A gente se acostuma a coisas demais, e não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber afastando uma dor aqui um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada a gente molha os pés e sua o resto do corpo. Se o trabalho está duro a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem se atrasado.

A gente se acostuma para não ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, de tanto acostumar, perde em si mesma.

ANEXO 5- Descrição do Seminário

O seminário foi utilizado para provocar discussões mais aprofundadas sobre as leituras recomendadas*. Para a realização dessa dinâmica de sala de aula, houve a participação de todos os alunos realizando os seguintes papéis:

Equipe apresentadora- expõe o tema em até 10 min.

Equipe debatedora- composta de 15 alunos que sabatinam a equipe apresentadora sobre o tema. Cada debatedor dispõe de 1 min para fazer a pergunta e receber a resposta dos apresentadores.

Platéia- num primeiro momento, enquanto estiver acontecendo o debate entre as equipes anteriormente citadas, a platéia fica atenta aos comentários e anota as dúvidas que forem surgindo. Logo após, participa por meio de perguntas direcionadas à equipe apresentadora do tema e colabora com a apresentação de teorias, depoimentos e comentários acerca do tema.

Cronometrista- organiza os tempos de realização do seminário.

Observadores (2 alunos)- anotam todos os fatos ocorridos e percebidos durante o seminário. Servem de referência para, após o término das discussões e colaborações, realizar uma avaliação da dinâmica.

Coordenador- elabora uma síntese final do seminário com as falas e principais pontos a serem rediscutidos e apresenta, ao final, várias colocações que servirão

de referência para novas pesquisas e debates. Sua participação como mediador das discussões é de suma importância ao andamento do seminário.

Após o seminário, as equipes elaboraram um texto baseado nas leituras, discussões e apresentação das idéias dos alunos sobre o tema estudado.

* As obras recomendadas para leitura foram:

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** Trad. Newton R. Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

DAMBROSIO, U. **A era da consciência: aula inaugural do primeiro curso de pós-graduação em ciências e valores humanos no Brasil.** São Paulo: Peirópolis, 1997.

ESTÉS, C. P. **O jardineiro que tinha fé.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra.** 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2001.

HUTCHISON, D. **Educação ecológica: idéias sobre consciência ambiental.** Porto Alegre: ARTMED, 2000.

PELIZZOLI, M.L. **A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o s.éc. XXI.** Petrópolis: Vozes, 1999.

QUINN, D. **Meu Ismael: o fenômeno continua.** São Paulo: Peirópolis, 1999.

SOUZA e SILVA, V. L.de. **Estudo do vivo: saber, ser e viver na sala de aula.** 2 ed. Blumenau: Nova Letra, 2001.

DIJONENAU. NOVA LÉUA, 2001.

ANEXO 6- Exemplos de algumas Vivências e Dinâmicas apresentadas no Seminário

1- Paródia:

Rupturas ⁶¹

Na Grécia antiga, a população
As histórias da vida, criavam então
Os mitos, os deuses, as lendas também
O universo, ao homem, as forças do além.

**Vem vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora não espera acontecer. (refrão)**

O homem vivia, buscava a criação
O mundo mudava, criava a visão
Natureza responde as dúvidas então
A alma humana conhece seu dom
Em busca a fé, rompe a razão.

**Vem vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora não espera acontecer. (refrão)**

Agora é a vez da igreja alcançar
O conhecimento, o poder, as idéias criar
A dor e a fogueira, só resta então
Aqueles que queiram alcançar a razão.

**Vem vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora não espera acontecer. (refrão)**

Na idade Moderna o homem alcançou
Conhecer, pesquisar, desvendar e sonhou
O caminho se faz a verdade querer
A ciência comprova o homem vencer
E o novo a história começa crescer

**Vem vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora não espera acontecer. (refrão)**

⁶¹ Paródia elaborada pelos alunos retratando a importância histórica da quebra de paradigmas. Feita a partir da leitura da obra de Vera Lúcia de S. e Silva - **Estudo do Vivo**: saber, ser e viver na sala de aula. Ed. Nova Letra, 2001. baseado na música de Geraldo Vandré- Pra não dizer que não falei das flores.

Page 165

2- O que não Pode Morrer Nunca

62

Peça em ato único baseada no texto
“O Jardineiro e a Clarice”
de Clarice Lispector

CENÁRIO: Uma sala de estar numa velha casa em estilo europeu.
É época de Natal. ÉPOCA: Idos de 1930.

(Narradora está sentada num sofá confortavelmente e permanecerá nele por todo o espetáculo. Quando não fala observa a ação dos outros atores. Atrás do sofá está escondido o ator que faz a voz do pinheiro).

NARRADORA: Está é uma história que me foi contada por um homem que sobreviveu à Grande Guerra. A ouvi quando ainda era uma criança e marcou minha vida para sempre. Esse homem, meu tio, um sábio falou-me... O QUE NÃO PODE MORRER NUNCA.

(A Narradora se cala. Entra em cena um casal carregando um pinheiro de Natal. Colocam-no próximo ao sofá e o enfeitam. Falam e riem. A mulher pede para o marido comprar mais vinha para a grande noite. O homem sai de cena. Ela também sai carregando o excesso de enfeites. A árvore belamente enfeitada começa a falar).

ÁRVORE: Ah... Como é bom ser bem vindo. Por quantos anos eu sonhei em deixar a floresta, ser levado para uma casa pelas pessoas. Ser enfeitado e ser o centro de todas as

atenções. Exatamente como os pinheiros mais velhos disseram.

(A Árvore se cala e a Narradora toma a cena).

NARRADORA: olhem como a árvore está linda. Era tudo o que ela desejava. Na noite de Natal todos riam e dançavam ao redor da árvore. As crianças abriam os presentes aos pés do pinheiro. E a árvore se sentia imensamente feliz de participar de tudo aquilo. Mas na manhã seguinte...

ÁRVORE: Mas que noite maravilhosa. Só penso em todas as coisas que faremos hoje, que brincadeiras as crianças farão e...

(O homem entra)

ÁRVORE: Que bom, eles já estão chegando...

(O homem arranca a árvore de sua base e quebra seus galhos, a árvore geme espantada. O homem junta as partes da árvore. A mulher entra.).

MULHER: Esta noite vai nevar, dê a madeira para a mamãe para o fogo da lareira.

⁶² Peça de teatro em ato único baseado na leitura da obra de Clarissa Pinkola Estes- **O jardineiro que tinha fé.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

(Os dois saem)

NARRADORA: Quando o homem quebrou-lhe os galhos, a árvore achou que iria morrer tanta dor. E desmaiou. Quando acordou viu que estava dentro de uma cesta, do lado de um lareira. Também viu que diante da lareira estava sentada uma grande família. E a árvore se sentiu feliz por sentir o amor entre. Um velho levantou-se e jogou os braços do pinheiro no

fogo. De início o pinheiro resistiu, contudo logo entendeu que aquela era a sua missão no mundo: dar calor para as pessoas. O pinheiro ardeu então com uma força ainda maior. (A Narradora faz uma pausa e continua). Tempo depois a mulher recolheu as cinzas e as misturou à terra do jardim. O pinheiro espantou-se, pois não sabia que mesmo depois de transformado em cinzas ainda podia ser útil. Porém, depois de dias, do meio de suas cinzas novas plantas germinaram...

(Ouve-se a voz do pinheiro).

ÁRVORE: Ah, de tudo que cresce, cai e cresce novamente, é só o amor pela vida nova, e apenas ele, que dura para sempre. Agora estou em toda parte.

(O casal entra e se posiciona ao lado oposto do sofá de braços dados. Todas as falas são da diretamente ao público).

NARRADORA: O que é que não pode morrer nunca?

MULHER: O amor pela vida que nasce da fé que temos dentro de nós.

HOMEM: É nessa força, na sua insistência, na sua lealdade a nós, nos seus meios...

ÁRVORE: ...muitas vezes, misteriosos, que é maior...

NARRADORA: ...muitas vezes majestosas e muito mais antiga do que qualquer outra jam conhecida!

3- Dinâmica de Grupo: Ampliando as Percepções

63

Em duplas, os alunos ficam de frente um para o outro, fecham os olhos e de mãos dadas respiram juntos para ampliar sua **conexão**. Depois disso, abrem os olhos e em silêncio observam atentamente o colega que está a sua frente durante 1 minuto. Logo após, um dos dois fecha os olhos e espera até que o outro modifique algumas coisas em sua roupa, cabelo, posição do corpo ou outra modificação em seu corpo. Em seguida o colega é convidado a abrir os olhos e descobrir quais as mudanças que foram feitas pelo parceiro da dupla. Repete-se o mesmo com o outro

⁶³ Dinâmica elaborada pelas alunas para retratar a importância da percepção em nossas vidas. Elaborada a partir da leitura do romance **Meu Ismael** de Daniel Quinn, São Paulo: Peirópolis, 1999.

colega. Logo após, discutem o que aconteceu e o que significou para cada um a vivência. Em seguida faz-se os comentários no grande grupo.

4- Jogral com Figuras 64

Após a apresentação do seminário a equipe organizadora pediu para que a turma retirasse figuras das revistas distribuídas pela sala para a montagem de um painel que retratasse as idéias centrais da obra que reflete a respeito do cuidado que devemos ter pela dimensão ética e holística com a visão da terra como casa do ser humano.

⁶⁴ Jogral realizado sobre a obra **Emergência do Paradigma Ecológico** de M.L. Pelizzoli. Petrópolis: Vozes, 1999.

ANEXO 7- Descrição da Ilha das Cutias

ILHA DAS CUTIAS

(um paraíso cercado de :

A Ilha das Cutias, também conhecida como Ilha do Gancho, está situada no Rio Itajaí-Açú, no Município de Ibirama, altura do Km 120 da Rodovia Federal BR-470, numa altitude de 145-150 metros acima do nível do mar, com longitude 49° 30' 48'' a 49° 30' 46'' Sul, e latitude 27° 70' 04'' a 27° 70' 02'' Oeste.

A superfície da Ilha das Cutias é de 110.000 metros quadrados, e considerada a maior ilha pluvial de Santa Catarina e a terceira maior ilha pluvial do

sul do Brasil. A maioria da ilha (65%) está coberta pela Floresta Tropical Atlântica (Mata Atlântica). Neste local a formação florestal típica é de Floresta Tropical do Litoral e Encosta Centro-Norte. Na ilha, esta formação florestal é caracterizada com a presença de árvores altas no estrato superior, com bastante diversificação de espécies. Possivelmente devido ao tamanho da ilha, a formação, fertilidade e profundidade do solo é que a floresta, na ilha, apresenta esta característica.

Entre as árvores mais freqüentes encontramos: pau-óleo (*copaifera trapezifolia*), peroba-amarela (*Aspidosperma olivaceum*), tapiá-guaçú (*Alchornea Iricuana*), figueira-de-folha-miúda (*Ficus organensis*), guaramirim (*Myrcia rostrata*), angico vermelho (*Parapiptadenia rígida*), pau-angelim (*Andira fraxinifolia*), ipê-amarelo (*Tabebuia umbellata*), canela-fogo (*Cryptacarya archersociana*), leiteiro (*Brosimum lactescens*), canela-sassafrás (*Ocotea odorífera*), camboatá (*Matayba guianensis*), tucaneira (*Cytarexylum myrianthum*), louro-pardo (*Cordia trichotoma*), araçá-do-mato (*Psidium sp*), canela pimenta (*Ocotea rubiginosa*), coqueiro-indaiá (*attalea dúbia*), figueira-de-folha-larga (*Ficus sp*), palmitreiro (*Euterpe edulis*) e outras.

Observa-se em toda a ilha, nos orlas e áreas mais abertas, onde algumas árvores caíram com as enchentes, a regeneração natural com inúmeras plântulas e mudas jovens. A diversidade vegetal é bastante grande, com ocorrência de epifitismo muito intenso, onde inúmeras espécies de Bromélias, Orquídeas, Aráceas, Pteridófitas e Cactáceas são encontradas. Espécies de Orquidáceas e Bromeliáceas

encontram-se fixas sobre os troncos e grandes ramos das árvores altas, bem como sobre os ramos e caules de arvoretas e arbustos, onde ocorre um ambiente propício, muito úmido e sombreado. Algumas espécies de Aráceas se encontram no local, na qual pertencem diversas espécies de timbés (*Philodendron spp*) e o conhecido cipó-preto (*Philodendron melanorrhizum*). **Alguns cactos pendentes, como *Rhipsalis houlletiana*, *R. Burchellii* e *R. Capilliformis* são comuns no local.**

Encontram-se, também, espécies de Amarylidáceas de cor vermelha e vistosa e alguma espécies de Gesneridáceas, dentro das quais destacam-se a *hypocyrtia radicans* e *H. selloana* e outras.

Na primavera/verão, as abundantes flores das epífitas espalham suaves perfumes a grandes distancias. Atendem a este convite, inúmeras espécies de borboletas multicores, grandes exames de abelhas, besouros e colibris, bem como outros insetos e pássaros que se deleitam com o doce néctar das flores, ao mesmo tempo em que efetuam a polinização das mesmas, garantindo assim a produção de sementes e conseqüente multiplicação e dispersão das espécies na floresta. Muito comum, as espécies de lianas, como o cipó escada-de-macaco (*Bauhinia microstachya*), cipó-são-joão (*Pyrostegia venusta*) e outros.

Nas orlas da Ilha ocorrem espécies baixas, com denso sistema radicular, através do qual as plantas se prendem firmemente ao solo e rochas, resistindo as investidas da correnteza da água nas enchentes (*Sebastiania schottiana*, *Phyllanthus sellewianes* e *Calliandra selloi*).

Muitas espécies nativas são frutíferas e por isso atraem a fauna que se mantém presente por longos períodos do ano. Uru, sabiás, tangará, canários, sanhaçu, periquito, tiriva, alma-de-gato, corujas, galinha d'água, garça-branca, socozinho, aracuã, inhambus, bico-de-lacre, saíras, tiés, pardal, pintassilgo, chopim, coleirinho, tico-tico, joão-de-barro, pica-pau-de-cabeça-aarela, siriri, bem-te-vi, andorinhas, corruíra, martim-pescador, várias espécies de beija-flor, anu-branco, anu-preto, juriti, rolinha, jacu e gaviões são algumas espécies de pássaros encontradas. Cutia, jabuti, tamanduá-mirim, serelepe, lontra, lagartos, capivara, gambá e outros, são espécies de animais encontrados com alguma freqüência nas

trilhas, quando a caminhada se realiza em silêncio.

A ilha está sendo preservada por moradores conscientes que se utilizam da beleza natural, para a exploração sustentável do Ecoturismo. Várias trilhas

Page 170

ecológicas existem no local. Pequenas áreas enriquecidas com espécies florestais nativas são mantidas na ilha como Unidades didáticas de recuperação de áreas degradadas. Existe no local, boa estrutura para a **atividade de ecoturismo** (cabanas, restaurante, área de camping, grupos de tracking, grupos de canyoning, rafting, etc) desenvolvida em parcerias com outras entidades e administrada por Vera Lúcia Baasch e Milene Müller.

... e preservado com muito ca

Ibirama/SC, de agost

ANEXO 8- Atividades realizadas na aula Passeio à Ilha das Cutias

Atividades de Sensibilização e de Integração

1. Estágio 1- Despertar Entusiasmo

Reconhecimento geral do local (observar os cuidados gerais: evitar colocar as

mãos em buracos, cuidados onde sentar, pisar, observar muito bem as trilhas, andar em pares, não se afastar do grande grupo...)

Conhecer companheiros - (em grupos de 4 pessoas) conversar sobre suas experiências de infância em lugares parecidos com o visitado. Relatar ao pequeno grupo, e ao grande grupo somente idéias gerais.

Máquina fotográfica: exercício do cego e do mudo. Em duplas, um colega (m conduz o outro(cego) de olhos fechados pela mata, percebendo a importância do outro no processo e integrando-se com os sons e belezas da natureza.

2. Estágio 2- **Concentrar a Atenção**

Mapa dos Sons - p. 82- Num local determinado, parar, sentar, fechar os olhos, respirar profundamente, integrar-se com a natureza, durante 2 minutos permanecer em silêncio e contar o número diferente de sons que conseguir perceber. Usar as mãos para contar e logo após o tempo, conversar com os colegas sobre as que percebeu abaixo:

Quantos sons diferentes?

De que sons mais gostou? Por quê?

De que sons menos gostou? Por quê?

Que sons nunca ouviu antes? Sabe quem os produziu?

Respiração coletiva sentindo a renovação energética do corpo no local.

Procurar um objeto com o qual você se identifique e apresentação ao grande grupo.

3. Estágio 3: **Dirigir a Experiência**

Trilha do conhecimento- com a orientação da professora, vamos à procura de que seja particularmente belo ou com significado especial, tentar sentir as qualidades essenciais da descoberta (tentar imaginar palavra ou frase curta que descreva suas descobertas -poema)

Fantasia Dirigida - Personificar uma árvore: procurar uma árvore e abraçá-la procurar identificar seus sentimentos em relação à árvore.

4. Estágio 4 - **Compartilhar Inspiração**

Carta para você- escrever uma carta, poema ou outra modalidade de texto por você mesmo sobre a aula passeio, sobre os significados das atividades que foram feitas em contato com a natureza da ilha.

*Atividades Integradas sobre meio ambiente**

*A consciência é uma: pe
ci
floresce na árvore na
toma consciência de si mesma no
usufrui de si mesm*

J

Objetivos:

Observar as características de um ambiente natural
Compreender a natureza como um conjunto dinâmico
Utilizar conceitos científicos associados a matéria, transformação
tempo, sistema, equilíbrio e vida
Combinar leituras, observações, experimentos e registros para
organizar e discutir informações
Organizar e integrar informações de diversas áreas do conhecimento

(Ciências, Geografia, História, Artes e Língua Portuguesa) para
entendimento da totalidade do ato de conhecer

Metodologia:

1. Organizar equipes de até 6 integrantes para *Elaboração do Jornal Ecológico*- Trabalho de sistematização e de socialização da aula
2. Cada equipe ficará responsável pela elaboração de uma seção do .
3. Cada texto elaborado pode ter no máximo duas páginas
4. Digitar o texto em tamanho A4, letra tamanho 12, fonte Arial- em cópia em disquete e em folha papel
5. Data de Entrega do texto: (duas semanas após a aula passeio)

Equipes:

1. Nosso Roteiro de Viagem

Desenhar o mapa de SC e apontar nosso percurso

Descrever o mapa de uso e apontar os usos permitidos,

Ao utilizar o mapa, estabelecer a escala

Citar a orientação (pontos cardeais e pontos colaterais)

Pesquisar características naturais/culturais/sociais/históricas da cidade(s) visitada(s) (do tipo: vegetação, solo, rochas, pontos culturais, histórico da cidade, poluição ambiental, preservação ambiental das localidades visitadas)

2. A Aula Passeio como Ecologia Cognitiva

Relatar e refletir sobre a importância de uma aula passeio para a aprendizagem , fundamentando teoricamente.

3. A ILHA DAS COTIAS

Informações gerais sobre o Local (geográficas, históricas e culturais, ...)

Descrever o ecossistema do local: (vegetação, relevo, tipos de aspectos urbanos, lixo, relação homem-natureza...)

4. Investigando a Floresta Atlântica e Mata Ciliar

Descrever a formação da Floresta e sua importância para a preservação da Vida no local

Relatar a importância da Mata Ciliar do Local e sua relação

preservação das margens do Rio Itajaí-Açú.

5. Conversas e comentários sobre a Aula Passeio:

Comentar sobre curiosidades observadas durante a viagem. Ocorrências durante a aula passeio (imprevistos, fofocas, recadinhos, flagrantes engraçados, notícias sobre o compo do grupo...)

Indicação de livros, periódicos, sites na internet, histórias sobre o assunto que possam contribuir e ser apresentados para aprofundar os conhecimentos

6. Encontros com a Natureza:

Os seres vivos encontrados no Local (fazer uma classificação reinos e suas principais características)

Alfabeto de seres vivos: elaborar um alfabeto com seres que habitam o local.

Fazer algumas medidas de diâmetros de troncos de árvores, altura aproximada de cachoeiras; de comprimentos e largura das folhas.

7. Poetizando:

Elaborar e organizar poesias, acrósticos, poemas,... produzidas durante a aula passeio

8. Imagens da Floresta:

Recolher imagens por meio de fotografias de momentos registrados durante a aula passeio e explorar cientificamente, poeticamente e filosoficamente as imagens.

9. Conexão Floresta

Relatos da turma sobre experiências, sensibilizações e vivências elaboradas para percepção e **conexão** com a Floresta.

10. Organizadores do Jornal

Recebem o material das outras equipes

Page 175

Fazem as correções necessárias
Editam o Jornal, com as diversas seções
Fazem contato com a Professora e/ou Coordenadora para
o Jornal
Fazem o Editorial juntamente com a Profa. de Língua Por
de Artes
Distribuem o Jornal

“ Cuidar dos rios não é uma questão de rios, mas do coração humano. ”

(Tanaka Shozo,
conservacionista japonês)

“ A sensibilidade em relação à vida é o fruto mais precioso da educação. ”

(Liberty Hyde Bailey,
botânico)

“ A alegria compartilhada é alegria dobrada. ”

(Goethe,
escritor alemão)

*“ Se voc ê tratar um indivíduo como ele é, ele ser á sempre o mesmo,
porém se voc ê tratá-lo como se ele fosse aquilo que poderia ser,
ele se tornar á aquilo que poderia ser. ”*

(Goethe)

*“ A cidadania planetária vem de dentro, do coração e da mente,
da ligação profunda com a Mãe-Terra ”*

... ligação profunda com a natureza.
(Moacir Gadotti, educador brasileiro)

** Adaptação de atividades organizadas pela colega educadora Daniela Tomio.*

Page 176

Encantos da Natureza

FAI – FACULDADES DE IBIRAMA
FEHH – FUNDAÇÃO EDUCACIONAL HANSA HAMMONIA
CURSO DE PÓS- GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO
DISCIPLINA : EDUCAÇÃO E ECOLOGIA
DOCENTE: Vera Lúcia de Souza e Silva

1-INFORMAÇÕES GERAIS

1.1. O presente documento é de propriedade da Comissão Nacional de Avaliação do Ensino Superior (CNAES) e não pode ser reproduzido, total ou parcialmente, sem a autorização expressa da CNAES.

1.2. Este documento contém informações de natureza confidencial e não deve ser divulgado a terceiros sem a autorização expressa da CNAES.

1.3. A CNAES não se responsabiliza por danos de qualquer natureza decorrentes do uso deste documento.

2- Qual o nome do lugar onde você irá fazer seus trabalhos de observação?

Onde está localizado

3- Antes de iniciar a trilha, que tipo de floresta você vê?

4- Na trilha, olhe para cima durante algum tempo.

O que você observa?

5- Agora você já está dentro da floresta.

Como é o chão onde você está caminhando?

Colete um pequeno material e cole no espaço ao lado.

Page 178

6- Durante sua caminhada, você observou musgos? Como eles eram e onde se encontravam? Você observou também samambaias? Tente fazer a marca de sua folha sem arrancá-la. Cole-a nesta página.

7- Você também observou bromélias?

Onde elas estavam?

De que maneiras elas podem ser importantes para os animais?

8- Observe com atenção os líquens. Com que eles se parecem?

O que são líquens?

9- Você observou flores pela trilha?
De que cores? Qual a importância de seus coloridos?
Sabe identificar os nomes de algumas?

Page 179

10- Sem arrancar, escolha uma folha bem grande e tire as suas medidas:
largura e comprimento. Faça o mesmo com uma folha bem pequena.

11- É possível você encontrar frutos secos ou sementes de plantas
espalhadas pelo chão da floresta.

Desenhe abaixo uma descoberta feita por você.

Como os animais poder
estes frutos ou sementes? Expli

12- Após a atividade “Personificar uma árvore ”

escolha uma bonita árvore para você e,
com papel e giz de cera, tire as marcas do seu tronco.

Cole o resultado abaixo.

Procure descrever o que você s
ao realizar a v
personificação de uma

13- Veja quanto mede de largura o tronco de uma árvore bem fina, que você encontrou. Faça o mesmo para uma árvore bem grossa. Você pode utilizar barbantes e colá-los no espaço abaixo.

Medidas:

Largura tronco árvore grossa:

Largura tronco árvore fina:

14- Observe com atenção os fungos (cogumelos e orelhas-de-pau) pela trilha.

Em que lugares eles se encontram? Que cores eles tem?

Desenhe um deles que você achou interessante.

15- Você encontrou alguma “pista” da presença de animais

(pegadas, esqueletos, fezes, alimentos...)?

ë

16- Você encontrou algum abrigo de animal?
Em que lugar ele estava? Que bicho mora nele?

17- Que animais você observou pela trilha?
Eles são vertebrados ou invertebrados?
Você sabe indicar a importância destes animais para a floresta?

18- Durante o tempo em que a professora pediu silêncio da turma, que sons você ouviu?

De quais você mais gostou?

De quais você menos gostou? Justifique.

Que sons nunca ouviu antes? Sabe quem os produziu?

Por que os animais vocalizam?

19- Você notou a presença de lixo ou de alguma outra ação humana que possa agredir o ecossistema visitado?

20- Escreva sua mensagem a respeito do lugar que você conheceu melhor,

a partir de suas vivências.

21- Elabore aqui questões de reflexão
e proceda a sua resposta.

?

22- Se você soubesse que toda esta floresta está ameaçada ,
que mensagem você deixaria para os seres humanos
a respeito da importância da preservação da Ilha das Cutias e de lugares
semelhantes à ilha?
(pode ser em forma de poesia, poema, paródia, redação....)

*
i e f e h y h i s y h y i y h y h y i e y h h y o e i
! y o y h o - i o o ! h s o " # o i h i s % & ' s (i y

ANEXO 9- Depoimentos dos alunos

“A importância da disciplina Educação e ecologia: ampliação da consciência ecológica!”

“Significou encontro comigo mesmo, com Deus, com o próximo, com a natureza. Nos integrou com o universo e nos mostrou que não somos uma parte isolada, mas sim uma totalidade com o cosmos e movidos pela energia que governa todo o

Universo.”

“Já estamos sentindo a necessidade de mudar !!! Já...”

“A disciplina contribuiu para o crescimento pessoal e profissional. Parabéns Vera, continue se dedicando ao planeta, pois estás movendo vários grãos de areia.”

“Agradecemos toda essa sabedoria transmitida neste dia. A presença, a alegria e a energia. Esperamos, profa. Vera, que continue seu processo de evolução e transcendência para que também possa continuar nos ajudando neste processo.”

“Percebemos o quanto é importante o contato com a natureza, os exercícios de respiração, relaxamento, com possibilidades de fazermos no nosso dia -a-dia.”

“Vivemos momentos de parada e reflexão sobre a própria vida!”

“Essa disciplina é vital para nossas vidas...”

“Aprendemos a exteriorizar e procurar ser um pouco melhor a cada dia. Aprendemos a entender a nossa integração com o Universo.”

“Aprendemos um pouco sobre como podemos conviver com o outro e com a natureza, com respeito e sabedoria.”

“Aprender foi prazeroso, harmonioso, voltado para uma busca interior e conhecimento científico.”

“Felicitamos a maneira como foi trabalhado o conteúdo, proporcionando prazer em aprender.”

“Essa disciplina significou despertar para momentos de significação, de consciência e reflexão sobre o que vivemos e sentimos. Também de como o Universo pode ser generoso e que parte de mim, a partir da consciência de que faço parte dele, que pertence a ele; e que junto com o outro formamos um todo magnífico.”

“Julgamos terem sido oportunas as aulas, que nos possibilitaram leituras, debates, reflexões, contato com o meio, pois com isso iniciamos nosso processo de mutação!”

“Os conteúdos nos deram possibilidades de sentir mais a nós mesmos e ao que está a nossa volta. Ampliou nossos conhecimentos.”

“Foi maravilhoso conviver com este grupo, que permitiu perfeita integração e descobrimos o poder que existe em cada um de nós!”

“Houve uma relação perfeita entre Teoria e prática. Aprendemos a seguir mais nossa intuição, deixando-nos guiar por ela podemos ter um aprendizado muito mais significativo.”

Referências Bibliográficas

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **A Alegria de ensinar**. 5^a ed., São Paulo: Ars Poetica, 1994.

ANDREWS, S. **Stress a seu favor**: como gerenciar sua vida em tempos de crise. Trad. Niels N. Gudme. Porangaba, SP: Instituto Visão Futuro, 2001.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**-rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, L. et al. A Terra, nossa casa comum. In: LIMA, Lise M. A. (Org.). **O espírito na saúde**. Trad. Pierre Weil e R. Fittipaldi. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O despertar da águia**: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Saber cuidar:** ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R., ANDRINI, C. D. e LIMA, E. P. **Criatividade Metodologias.** Série Temas Transversais-v.4. São Paulo: Peirópolis, 1998.

BRANDÃO, D. CREMA, R. **O novo paradigma holístico - ciência, filosofia, arte e mística.** São Paulo: Summus, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros nacionais:** apresentação dos temas transversais e ética.v.8. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRENNAN, B. **Mãos de Luz-** um guia para a cura através do campo de energia humana. São Paulo: Pensamento, 1987.

BRUNING, M. **A flor e o cosmos.** Blumenau: edição do autor, 1985.

CAPRA, F. **A teia da vida -** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix- Amana Key, 1996.

CARLSON & SHIELD. **Curar, curar-se.** Trad. Júlio Fischer. São Paulo: Cultrix, 1997.

CREMA, R. et all. Amor, a terapia do Universo. In: LIMA, Lise M.A. (Org.). **O espírito na saúde.** Trad. Pierre Weil e R. Fittipaldi. Petrópolis: Vozes, 1997.

DALAI LAMA. **Uma ética para o novo milênio.** Trad. Maria L. Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

D'AMBROSIO, U. **Uma nova transdisciplinaridade:** sistemas abertos de

DE AMERSONIO, C. **Rumo a nova transdisciplinaridade. sistemas abertos de conhecimento.** São Paulo: Summus, 1993.

_____. **A era da consciência.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.

_____. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.(b)

_____. Olhando o todo e as partes simultaneamente. In: _____ e outros. **Temas transversais e educação em valores humanos.** São Paulo: Peirópolis, 1999.

_____. Paz e necessidade de repensar a educação. In: BOHN e SOUZA(Org.). **Faces do Saber: desafios à educação do futuro.** Florianópolis: Insular, 2002.

DELOURS, J. Os quatro pilares da Educação. In: _____(Org.) **Educação: um tesouro a descobrir.** 4.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: DF: MEC: UNESCO, 2000.

DESPEUX, C. **Tai Chi Chuan: arte marcial, técnica de longa vida.** 5 ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

DETHLEFSEN & DAHLKE. **A doença como caminho: uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem.** 9 ed. Trad. Zilda H.Schild. São Paulo: Cultrix, 1999.

DREHER, D. **O Tao da paz: guia para a paz interior e exterior.** Rio de Janeiro: Campus, 1991.

ENGERS, M. E. A. **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FERGUSON, M. **Conspiração aquariana.** Trad. Carlos E. Costa. Rio de Janeiro: Record, 1980.

FIALHO, F. A.P. **A eterna busca de Deus.** Sobradinho, DF: EDICEL, 1993.

_____. **Introdução ao estudo da consciência.** Curitiba: Gênese, 1998.

_____. **Ciências da cognição.** Florianópolis: Insular, 2001.

FREIRE, M. O que é um grupo? In: GROSSI, E. P. **Paixão de aprender.** Petrópolis: Vozes, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia** saberes necessários à prática educativa. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra 1999 (Coleção Leitura)

SÃO PAULO: FAPESP, 1997. (Coleção Educar)

_____. **Política e Educação**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção questões de nossa época; v. 23)

GAJARDO, M. **Pesquisa participante na América latina**. São Paulo: Brasiliense. 1986.

GUERRA, Antonio F. O corpo: da visão fragmentada à visão holística. **Coleção Laboratório**: o sujeito em questão, Florianópolis, p. 109-17, 1994.

GUERRA, C. G. M. **Transdisciplinaridade como (re) ligação entre ciência e cultura**: da antiga China à informática educativa e musical. 2 ed. Florianópolis: Uni & Verso, 1998.

_____. **Mente: Educação, Saúde e Consciência**-contribuições da física quântica, budismo tibetano, ciência cognitiva e novas tecnologias da inteligência para uma formação humana integral. Florianópolis: UFSC, 2001. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção.

GUEVARA, A. J. de H. As relações entre o natural e o artificial e suas implicações educacionais. In: _____ e outros. **Conhecimento, cidadania e meio ambiente**. (série temas Transversais – v. 2) São Paulo: Peirópolis, 1998.

HAY, L. **Você pode curar sua vida**. 44 ed. Trad. Evelyn K Massaro. São Paulo: Best Seller, 1984.

HEISENBERG, W. **Física e filosofia**. Trad. de Jorge L. Ferreira. 4 ed. Brasília: Editora da UnB- edições humanidades, 1999.

HUTCHISON, D. **Educação ecológica**: idéias sobre consciência ambiental. Trad.

Dayse Batista. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

INCONTRI, D. **A educação segundo o espiritismo**. São Paulo: Edições FEESP, 1997.

KABAT-ZINN, J. In: ORNISH, D. **Amor e sobrevivência**: a base científica para o poder curativo da intimidade. Trad. Aulyde S. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

KRISHNAMURTI e BOHM. **O futuro da humanidade**. Trad. Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix, 1991.

LAO TSÉ. **Tao te king** - o livro do sentido e da vida. Curitiba: Hemus, 2000. (original em chinês-séc. VI a.C.)

LELOUP, J.Y. **Cuidar do ser**: Fílon e os terapeutas de Alexandria. Trad. Regina Fittipaldi et al. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O espírito na saúde**. Trad. Pierre Weil e Regina Fittipaldi. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A arte da atenção**. Trad. Guilherme J. Teixeira. Campinas: Verus, 2002.

LIMA, L. M. S. **O Tao da educação**: a filosofia oriental na escola ocidental. São Paulo: Agora, 2000.

MARTINELLI, M. Ser é ensinar. In: _____ e outros. **Ética, valores humanos e transformação**. (série Temas Transversais- v.1) São Paulo: Peirópolis, 1998.

MATURANA, H. VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial PSY, 1995.

MATURANA, H. **Da biología à psicologia**. Trad. Juan A. Llorens. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MIGLIORI, R. de F. et al. **Ética, valores humanos e transformação**. São Paulo: Peirópolis, 1998. (série temas transversais - v. 1)

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo : Papirus, 1977.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO e outros (Org.) **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NHAT HANH, Thich. **Jesus e Buda irmãos**. Trad. Roberto Argus. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. Lucia P. de Souza. 2 ed. São Paulo: TRIOM, 2001.

ORNISH, D. **Amor e Sobrevivência: a base científica para o poder curativo da intimidade**. Trad. Aulyde S. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PRIGOGINE, I. STENGERS, I. **A nova aliança: metamorfose da Ciência**. Trad. De Miguel Faria e Maria J. M. Trincheira. Brasília: UnB. 1984.

SARDI, S. linhas inspiradoras para uma educação ambiental infantil. In: PELIZZOLI. **A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SERRANO, M. G.P. **Investigación-acción:** aplicaciones al campo social y educativo. Madrid: Dikynson, 1990.

SOUZA e SILVA, V.L. de. **Estudo do Vivo:** saber, ser e viver na sala de aula. 2 ed. Blumenau: Nova Letra, 2001.

VARELA, F. O eu do corpo. In: GOLEMAN, D. (Org.). **Emoções que curam:** conversas com o Dalai Lama sobre mente alerta, emoções e saúde. Trad. Cláudia G. Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

VIANA, R.M. e HÖEFFEL, J.L. A ecologia do amor. In: _____ e outros. **Conhecimento, cidadania e meio ambiente.** (Série temas transversais; v.2) São Paulo: Peirópolis, 1998

WEIL, P. **A arte de viver em paz** - Uma nova consciência da paz. São Paulo: Gente, 1993.

_____. **A arte de viver a Vida.** Brasília: Letraviva, 2001.

WU, Jyh-Cherng. **Tai chi chuan:** a alquimia do movimento. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

YUS, R. **Educação integral:** uma educação holística para o século XXI. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZINN, J.K. A mente alerta como medicamento. In: GOLEMAN, D. **Emoções que curam:** conversa com Dalai Lama sobre mente alerta, emoções e saúde. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.